

# Os eleitos de Deus

## A doutrina da eleição

“Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” ( 2 Tessalonicenses 1: 8 )

## Introdução

Devido à complexidade que envolve o tema ‘Doutrina da Eleição’, ao longo dos tempos, surgiram inúmeras teorias, na tentativa de explicar essa doutrina.

Nesse sentido, vale destacar que os escritores da Bíblia não utilizaram conceitos e definições, ao abordar o tema ‘eleição’, até porque, o material que produziram não possuía um viés pedagógico, conforme é próprio aos livros didáticos de nosso tempo.

Ao observar o Novo Testamento, verifica-se que o conteúdo dos evangelhos se aproxima da estrutura de um material histórico-bibliográfico, o que foge da estrutura utilizada pelos materiais didáticos que a nossa sociedade está acostumada.

A Bíblia não trabalha com enunciados, definições ou conceitos, quando aborda um determinado tema, o que torna árdua a tarefa do interprete.

Excetuando-se os quatro evangelhos, o Novo Testamento é composto por epístolas, portanto, o seu conteúdo traduz as relações estabelecidas entre emissor e destinatário, cuja estrutura é composta por saudações, lembranças, corpo da carta, despedida e assinatura.

Temas como salvação, eleição, predestinação, novo nascimento, pecado, etc., que estão sistematizados nos livros de teologia e possuem vários enunciados (conceitos e definições), quando tais doutrinas são analisadas nas epístolas, surpreendentemente, verifica-se que não há definições e nem conceitos prontos.

Há uma grande diferença entre uma epístola e um livro didático. A carta é plena

em si, pois o conteúdo abordado é de conhecimento, tanto do emissor, quanto do destinatário, diferente do conteúdo de um livro didático, que é impessoal.

Em suas epístolas, os apóstolos Pedro e Paulo exortavam acerca daquilo que os cristãos já conheciam, portanto, não havia a necessidade de enunciados e definições.

## **Anunciando as mesmas coisas**

“Por isso não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas, ainda que bem as saibais, e estejais confirmados na presente verdade” (1 Pedro 1: 12);

“Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós” (Filipenses 3: 1).

Para compreender o que a Bíblia diz acerca da ‘eleição’, é imprescindível ter em mente que os apóstolos sempre abordaram os mesmos temas em suas epístolas.

Outro ponto a destacar, acerca do que os apóstolos registraram em suas epístolas, é que nada disseram, além do que foi anunciado pelos profetas.

“Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer,” (Atos 26: 22);

Nesse quesito, quando lemos o enunciado: “Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade e não há nele injustiça; justo e reto é” (Deuteronômio 32:4), verifica-se que o profeta Moisés utilizou a asserção: “Ele é a Rocha...”, para demonstrar que Deus é digno de confiança, pois todos os seus intentos são justos e à perfeição, inerente às suas realizações.

Quando o profeta Moisés diz: “Deus é a verdade e não há nele injustiça”, isso significa que a ‘mentira’ ou, seja, o que não é conforme a ‘verdade’ é injustiça. Por exemplo: quando Deus ordenou: - “De toda a árvore do jardim comerás, livremente, mas, da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:16-17),

permanecer obediente à ordem divina, era permanecer na verdade.

Já, o argumento mentiroso da serpente, era a injustiça: - “Certamente, não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gênesis 3:4-5) e quando Adão rejeitou o mandamento de Deus, todos os homens foram feitos mentirosos, injustos, alienados de Deus. “Dizia na minha pressa: Todos os homens são mentirosos” (Salmos 116:11); “De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso; como está escrito: para que sejas justificado em tuas palavras, e venças quando fores julgado” (Romanos 3: 4; Salmos 58:3).

Seguindo a premissa de que nada foi dito além do que foi anunciado pelos profetas, a mesma abordagem do profeta Moisés foi apresentada por Cristo, quando disse: - ‘Deus é luz e não há nele trevas nenhuma’.

“E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz e não há nele trevas nenhuma” (1 João 1:5).

O crente em Cristo deve estar atento, visto que, dificilmente, um falso profeta dirá que Deus não é luz, entretanto, é próprio aos falsos profetas negarem que aquele que está em Deus é isento de trevas.

Ora, se em Deus não há trevas nenhuma, isso significa que, para o homem estar em Deus e Deus n’Ele, essencialmente, está isento de trevas.

Não há uma definição ou, um conceito acerca de Deus, porém, na Bíblia há proposições simples que, quando analisadas em conjunto, nos leva a uma ideia acerca de Deus e da condição dos seus filhos.

É importante frisar que o espírito (mensagem) do anticristo é evidente, pelo que propõe: negar a pessoa do Cristo.

“E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já está no mundo” (1 João 4:3).

Já o espírito (mensagem) dos falsos profetas é dissimulado, pois apresenta uma mensagem acerca de Deus, que traz em seu conteúdo heresias de perdição. São lobos devoradores em pele de ovelhas, pois negam a eficácia da obra de Cristo.

“Tendo aparência de piedade, mas, negando a eficácia dela. Destes afasta-te” (2 Timóteo 3:5).

Quando o evangelista João diz: “Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus” (1 João 4:15), isso porque aquele que confessa que Jesus é o Filho de Deus creu no amor que Deus concedeu e, portanto, está em amor.

“E nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor e quem está em amor, está em Deus e Deus nele” (1 João 4:16).

Ora, qualquer que guarda a palavra de Deus, ‘o amor de Deus nele, verdadeiramente, se aperfeiçoou’, de modo que Deus está nele e ele em Deus. “Mas, qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele, verdadeiramente, aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele” (1 João 2:5); “Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus está em nós e em nós é perfeito o seu amor” (1 João 4:12).

Qual é a mensagem dos falsos profetas ou, dos falsos apóstolos? Negar que quem crê em Cristo está em amor, através de argumentos, como: - ‘Se você não faz obras de cunho social, você não está em amor’; - ‘Se você não faz penitências, você não está em Deus’; - ‘Se você não está engajado em nenhuma luta contra as injustiças socioeconômicas, você não está em amor’; - ‘Se você não possui as virtudes cardeais, você não está em Deus’, etc.

Negar a eficácia do evangelho é a estratégia do maligno, de modo, que sempre haverá nas mensagens dos falsos profetas um senão à salvação em Cristo. Para os falsos profetas, crer em Cristo não é o suficiente para se alcançar a salvação.

Embora seja imperativo ao cristão andar como filho da luz, isso não muda o fato de que agora é luz no Senhor, filhos da luz e do dia, portanto, estão em Deus, que é luz. “Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas” (1 Tessalonicenses 5: 5); “Porque noutra tempo éreis trevas, mas, agora, sois luz no SENHOR; andai como filhos da luz” (Efésios 5: 8).

Com a Doutrina da Eleição não é diferente, pois ela aponta para a real condição do crente em Cristo, mas, os falsos profetas a transtornam, pondo em dúvida a posição alcançada em Cristo.

# Conhecendo a Deus

O apóstolo Paulo tinha o cuidado de, sempre, abordar os mesmos temas, ao escrever aos cristãos: “RESTA, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor. Não me aborreço de vos escrever as mesmas coisas e é segurança para vós” (Filipenses 3: 1).

A insistência do apóstolo Paulo em abordar as mesmas questões, em todas as suas cartas, além de ser segurança para o cristão, também, serve de parâmetro na análise dos pontos doutrinários, considerados de difícil interpretação, visto ser possível comparar as questões doutrinárias abordadas em suas cartas.

Ao escrever aos Tessalonicenses, o apóstolo Paulo disse:

“Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Tessalonicenses 1: 8).

O apóstolo enfatizou que os homens que ‘não conhecem a Deus’ serão castigados com eterna perdição (2 Tessalonicenses 1: 9). O que o apóstolo Paulo enfatizou ao utilizar o termo grego εἰδῶσιν, traduzido por ‘conhecer’? O que é conhecer a Deus? Como conhecer a Deus?

Ao lermos que Deus toma vingança dos que ‘não conhecem a Deus’, em seguida, vem a informação: ‘dos que não obedecem ao evangelho’.

Nesse verso, a partícula primária καὶ traduzida por ‘e’, não introduz a ideia de que ‘conhecer a Deus’ é diferente de ‘obedecer ao evangelho’. A partícula καὶ nesta frase possui força cumulativa, demonstrando que ‘não conhecer a Deus’ é o mesmo que ‘não obedecer ao evangelho’, portanto, a perdição é o castigo que sofrerão os que ‘não obedecem ao evangelho de Cristo’, ou seja, os que ‘não conhecem a Deus’.

Qualquer que obedece ao evangelho de Cristo Jesus ‘conhece’ a Deus ou, seja, tornou-se um com Ele (João 17: 21), pois se fez membro do corpo de Cristo: “Porque somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos” (Efésios 5: 30); “Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros, em particular” (1 Coríntios

12: 27).

Conhecer, na Bíblia, dependendo do contexto, não se refere a ter *'um saber específico acerca de'*, antes, diz de união íntima, comunhão, semelhante à união que há no matrimônio entre o homem e a mulher, quando se tornam um só corpo.

Com base na análise do termo 'conhecer' empregado pelo apóstolo Paulo ao escrever aos cristãos de Tessalônica (2 Tessalonicenses 1: 8), temos elementos para iniciar a interpretação dos versos 28 e 29, de Romanos 8.

## **Deus conhece aqueles que O ama**

*"Porque, os que dantes conheceu, também, os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho..."* (Romanos 8: 29)

Aprendemos que o homem 'conhece' a Deus, quando obedece ao evangelho de Cristo ou, seja, quando o homem crê que Jesus é o Filho de Deus, 'conhece' a Deus, pois se torna um com o Pai e o Filho.

E como é possível saber que se 'conhece' a Deus? Simples, quando se guarda o Seu mandamento:

*"E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade"* (1 João 2:3-4).

E qual é o mandamento de Deus? O mandamento de Deus está expresso no evangelho de Cristo, como se lê:

*"E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento"* (1 João 3:23).

Em suma, o mandamento de Deus é crer em Cristo e aquele que cumpre o mandamento de Deus se faz um com Ele, portanto, 'conheceu' a Deus, conforme se lê:

*"Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo".* (2

Tessalonicenses 1: 8)

Só é possível 'conhecer' a Deus ou, antes, ser 'conhecido' d'Ele, quando o homem crê em Cristo, conforme diz as Escrituras. Qualquer que se socorre dos elementos da lei mosaica, não conhece a Deus, pois está debaixo de rudimentos fracos e pobres.

[“Mas agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” \(Gálatas 4:9\).](#)

Como os cristãos da Galácia conheceram a Deus ou, antes, foram conhecidos d'Ele? Obedecendo ao evangelho, o mandamento do Deus eterno (Gálatas 3:26). É imprescindível compreender que o evangelho é mandamento que demanda obediência, pois há um Senhor que ordena e os que obedecem que se fazem servos.

[“Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado;” \(2 Pedro 2:21\);](#)

[“Mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra, pela pregação que me foi confiada, segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador;” \(Tito 1:3\);](#)

[“Que guardes este mandamento sem mácula e repreensão, até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo;” \(1 Timóteo 6:14\);](#)

[“Ah! se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos, então, seria a tua paz como o rio e a tua justiça como as ondas do mar!” \(Isaías 48:18\);](#)

[“Mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações, para obediência da fé;” \(Romanos 16:26\).](#)

Ora, tanto os judeus, quanto os gentios, são justificados por Deus, ao crerem em Cristo (Gálatas 2:16), pois, essa é a mensagem da pregação da fé (evangelho), a fé (verdade) que foi manifesta (Gálatas 3:2 e 23).

A promessa de vida eterna em Cristo Jesus só é alcançada pelos que creem (Gálatas 3:22), visto que, aos que não creem em Cristo, como o enviado de Deus,

está reservada a vingança de Deus (2 Tessalonicenses 1: 8).

O apóstolo João aponta qual é o amor de Deus:

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3).

Quando é dito que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, isso significa que Deus estava estabelecendo um mandamento: para que todo aquele que n’Ele crê não pereça: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas, tenha a vida eterna” (João 3:16).

O amor de Deus não é um sentimento (subjetividade), mas, um mandamento (objetividade), pois, ao revelar o seu amor ao mundo, deu um mandamento: “E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1 João 3:23).

Aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus, efetivamente, ama a Deus: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele” (João 14:21).

Amar a Deus é o mesmo que obedecer, pois Jesus mesmo disse: “Se me amais, guardai os meus mandamentos” (João 14:15). E qual é o mandamento que se deve guardar para amar a Deus? O mandamento é crer em Cristo Jesus, portanto, só ama a Deus aquele que guarda o mandamento que há no evangelho.

Quando lemos o versículo: “E sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus...” (Romanos 8: 28), temos que ter em mente que ‘aqueles que amam a Deus’ e que todas as coisas contribuem, juntamente, para o seu bem, são aqueles que ouviram o mandamento de Deus e creram em Cristo.

“Mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada, segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” (Tito 1:3; 2 Pedro 2:21 e 3:2).

Após compreender que amar a Deus é obedecer ao seu mandamento e que o mandamento de Deus é crer em Cristo Jesus, podemos dizer, com certeza, que só



é sujeito dos verbos ‘conhecer’, ‘obedecer’ e ‘amar’ aqueles que creem em Cristo (obedecem ao mandamento de Deus).

“E sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8:28).

Conclui-se que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem dos que creem em Cristo, pois, os que creem em Cristo, obedeceram a Deus ou, antes, amam a Deus, pois, se fizeram um (conhecem) com Ele.

## **Predestinou os que dantes conheceu**

“Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8: 29).

Considerando que, aquele que ama a Deus, cumpre os seus mandamentos e que aqueles que guardam o mandamento de Deus conhecem a Deus (ou antes, são conhecidos d’Ele), segue-se que, aqueles que Deus predestinou, desde a eternidade, para serem conformes á imagem de Cristo, diz, especificamente, daqueles que creram em Cristo (João 6:29; 1 João 3:23).

O objetivo da predestinação é conceder ao homem, crente em Cristo, a imagem de Cristo, pois, assim como trouxemos a imagem do homem terreno, Adão, assim, também, traremos a imagem do último Adão, Cristo, pelo fato de termos sido gerados de novo (1 Coríntios 5:49).

A predestinação tem em vista a imagem dos filhos de Deus, pois, foi preordenado na eternidade, qual imagem teriam e não se alguns seriam salvos e outros deixados na danação eterna. Da mesma forma que é impossível aos homens naturais terem imagem diversa do homem terreno, assim, também, é impossível aos celestiais terem imagem diversa do celestial (1 Coríntios 15:48).

Enquanto a predestinação trata da imagem que os filhos de Deus terão quando virem face a face a Jesus glorificado, a ideia de muitos teólogos acerca da predestinação é que ela confere salvação.

“Amados, agora somos filhos de Deus e ainda não é manifestado o que haveremos de ser. Mas, sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque, assim como é, o veremos.” (1 João 3:2).

Mas, por que somente os que creem em Cristo, serão conforme a imagem de Cristo? Porque essa glória é dada, exclusivamente, à Igreja, o corpo de Cristo, pois tem em vista o propósito eterno que Deus estabeleceu em Si mesmo, na pessoa de Cristo.

Nenhum salvo do Antigo Testamento ou, da grande tribulação ou, do milênio, terá o privilégio de possuir um corpo glorioso, conforme o corpo de Cristo, a não ser os que fazem parte da Igreja.

Todos os salvos são nomeados de filhos de Deus, mas somente os membros do corpo de Cristo são chamados de irmãos, pois, somente os membros da Igreja serão conforme a imagem de Cristo, porque, ao conferir essa riqueza aos que creem Cristo, o Unigênito Filho de Deus é feito primogênito entre muitos irmãos.

Mas, antes de predestinar aquele que crê em Cristo a ser conforme a imagem de Cristo, aqueles que amam (obedecem) a Deus são nomeados ‘eleitos de Deus’, ‘santos’ e ‘amados’, segundo o propósito de fazer Cristo primogênito entre muitos irmãos.

“Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade” (Colossenses 3:12).

A condição de ‘eleitos de Deus’ não é própria aos descendentes de Adão, pois, todos se extraviaram e, juntamente, se tornaram imundos, quando da ofensa. O nome ‘eleitos’ é exclusiva para os gerados de novo, segundo a semente incorruptível do evangelho ou, seja, ele é pertinente aos que amam a Deus.

## **O Propósito de Deus**

Aqueles que ‘amam’ a Deus são ‘aqueles que obedeceram ao seu mandamento’ ou, seja, aqueles que creem em Cristo. Por crerem em Cristo, é que são ‘chamados’ segundo o propósito de Deus que, nesse verso, se refere ao

beneplácito que Deus propusera em Si mesmo, de fazer o Cristo preeminente em todas as coisas, diferentemente, do chamado à salvação, que se dá por intermédio da pregação do evangelho.

Só é chamado segundo o propósito de Deus os que amam a Deus ou, seja, os que creem em Cristo:

*“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”*  
(Romanos 8:28)

O termo grego κλητοῖς (kletos), traduzido por ‘chamados’ é um adjetivo utilizado para qualificar a condição do indivíduo em posição de honra. No verso, o termo não se refere a um convite, antes designa a honra concedida, especificamente, para aqueles que creram em Cristo (amam a Deus, obedecem a Deus).

O apóstolo enfatizou, através do termo κλητοῖς, a honra conferida aos que creem no evangelho: participantes do propósito eterno estabelecido em Cristo! É na igreja que a multiforme sabedoria de Deus se revela aos principados e potestades, pois, para Cristo ser a cabeça do corpo, se fez necessário muitos irmãos serem conduzidos à glória (Hebreus 2:10).

*“(a) “convidar”, e.g. para uma casa ou uma festa (Homero, O d , 10, 231). O part. klétos, em tais contextos, significa “convidado”, “bem-vindo”, “hóspede” (Homero Od., 17, 386). Quando o convite confere uma honra especial, a palavra veio a significar “escolhido” (Homero, II, 9, 165). O substantivo klésis significa o ato de convidar (Xen. Symp 1,7; Plut., Péricles, 7, 5) e, mais frequentemente, como convocação oficial por uma autoridade reconhecida (e.g. a assembleia militar ou urbana), e, assim, significa “convocar” ou “chamar a si” (Homero, Od., 1, 90; 8,43)”* Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento - Colin Brown, Lothar Coenen (orgs.); [tradução Gordón Chown]. — 2. ed. — São Paulo; Vida Nova, 2000, pág. 352.

O adjetivo κλητοῖς (kletos), no caso nominativo, em Romanos 8, verso 28, não aborda o ‘ato de convidar’ ou, de ‘convocar’ ou, de ‘chamar’, como expresso em Mateus 22, verso 14, o que poderia ser expresso pelo termo κλησις (klesis) ou, através do termo κλητοῖς, no caso dativo.

O apóstolo Paulo não fez referência a um processo de escolha unilateral, mas,

sim, a honra concedida por Deus àqueles que o amam. E essa honra especial é ser participante do propósito de Deus, em que Cristo é elevado à posição de primogênito entre muitos irmãos. Essa honra é concedida somente aos que amam a Deus ou, seja, aos que obedecem ao seu mandamento, crendo em Cristo.

Para compreendermos o propósito de Deus estabelecido em Cristo, na eternidade, se faz necessário compreender que, todos os que obedecem ao mandamento do evangelho, terão o seu corpo mortal transformado, para serem conforme o corpo glorioso de Cristo.

“Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar, também, a si todas as coisas” (Filipenses 3:21).

Na eternidade, Deus estabeleceu que todos os que creem em Cristo terão um corpo glorioso, conforme o corpo do Cristo ressurreto para que sejam semelhantes ao Altíssimo. O corpo glorioso estará acima das leis da física e é superior em glória ao corpo dos seres angelicais. Deus estabeleceu, na eternidade, que todos os crentes em Cristo Jesus serão semelhantes a Cristo, pois, herdarão um corpo glorioso semelhante ao corpo ressurreto de Cristo.

“Amados, agora somos filhos de Deus e ainda não é manifestado o que haveremos de ser. Mas, sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque, assim como é, o veremos” (1 João 3:2);

“Qual o terreno, tais são, também, os terrestres; e, qual o celestial, tais, também, os celestiais. E, assim, como trouxemos a imagem do terreno, assim, traremos, também, a imagem do celestial” (1 Coríntios 15:48-49).

Quando da redenção do corpo (Romanos 8:23), os que creram em Cristo serão revestidos de incorruptibilidade e de imortalidade (1 Coríntios 15:54), de modo que a glória de Deus será revelada nos que creram no evangelho de Cristo (Romanos 8: 18; 1 Coríntios 15:54).

Ao estabelecer a preeminência de Cristo em todas as coisas, dando a Ele a posição de cabeça da Igreja, foi conferido a Cristo, o servo do Senhor, a mais alta posição de toda criação:

“...pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo o principado e poder,

potestade, domínio e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas, também no vindouro; E sujeitou todas as coisas a seus pés e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja” (Efésios 1:20-22).

Somente os que amam a Deus ou, seja, aqueles que obedeceram ao mandamento de Deus, são honrados (chamados), segundo o propósito de Deus, pois, quando Deus lhes confere a semelhança de Cristo, Cristo assume a posição de primogênito entre muitos irmãos.

Sem crer em Cristo, é impossível alcançar a honra que há na santa vocação, segundo o propósito concedido, antes dos tempos dos séculos, em Cristo. Ser um ‘escolhido’ só é possível aos que amam a Deus ou, seja, aos que creem no evangelho, portanto, aos que ‘conhecem’ a Deus.

O objetivo de tornar quem crê um ‘escolhido’ é a preeminência de Cristo e, para a preeminência d’Ele, os salvos terão um corpo, conforme o corpo glorioso de Cristo, e assim Deus conclui o seu projeto de fazer o homem à Sua imagem e semelhança.

“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Colossenses 1: 15; Hebreus 1: 3).

Cristo é a expressa imagem do Deus invisível e os cristãos, quando da redenção do corpo, serão semelhantes a Cristo, de modo que, na igreja se cumpre a vontade de Deus, de fazer o homem à sua imagem e semelhança.

O homem é salvo quando obedece à fé (evangelho), o mandamento do Deus eterno, que é anunciado a todas as nações, para obediência. É por isso que, ao escrever a Timóteo, o apóstolo Paulo demonstra que o homem é salvo através do evangelho, que é o poder de Deus, para salvação de todo o que crê:

“Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso SENHOR, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou...” (2 Timóteo 1:8-9, Romanos 1: 16;1, I Coríntios 1:18 e 24 e I Coríntios 2:5).

Após demonstrar que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, o apóstolo enfatiza que os crentes em Cristo foram ‘chamados’ com uma ‘santa vocação’ (καλέσαντος κλήσει ἁγία):

“... e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas, segundo o seu próprio propósito e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9).

Todo e qualquer homem é salvo segundo o poder de Deus, contido no evangelho (Efésios 1:13), e é através do convite (κλητοί) expresso no evangelho, que os que creem são salvos e, concomitantemente, lhes é concedida a honra (κλητοίς) de serem conforme a imagem de Cristo, portanto, escolhidos (ἐκλεκτοί).

“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22:14).

O verbo grego traduzido por ‘chamou’, utilizado pelo apóstolo Paulo, em 2 Timóteo 1, verso 9, é καλέσαντος (kaleó), no sentido de conceder um nome, um título, que é próprio aos salvos em Cristo, segundo o evangelho: eleitos, escolhidos (καλέσαντος), diferente da ideia de ‘chamar’, ‘convidar’.

*“καλεω (kaleo) semelhante a raiz de 2753; TDNT - 3:487,394; v 1) chamar 1a) chamar em alta voz, proferir em alta voz 1b) convidar 2) chamar, i.e., chamar pelo nome 2a) dar nome a 2a1) receber o nome de 2a2) dar um nome a alguém, chamar seu nome 2b) ser chamado, i.e., ostentar um nome ou, título (entre homens) 2c) saudar alguém pelo nome”*. Dicionário Bíblico Strong.

É através do mandamento de Deus, a santa vocação (κλήσει ἁγία), que é concedido aos cristãos serem nomeados eleitos de Deus. O evangelho constitui-se a fé (πίστις) dos eleitos de Deus.

“Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade” (Tito 1:1);

“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” (Gálatas 3:23).

Soberanamente, Deus, na eternidade, estabeleceu Cristo preeminente em tudo, por isso, além de ser a cabeça da igreja, o principado foi posto sobre os seus ombros. Como o Verbo eterno, para entrar no mundo, despiu-se da sua glória, ao retornar à sua glória, antes que o mundo existisse, revestiu-se e cingiu-se de poder, firmando, para sempre, o Seu trono.

“O teu trono está firme desde então; tu és desde a eternidade” (Salmos 93:2);

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu e o principado está sobre os seus ombros e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9: 6);

“Também o farei meu primogênito, mais elevado do que os reis da terra” (Salmos 89:27);

“Grande é a sua glória, pela tua salvação; glória e majestade puseste sobre ele” (Salmos 21:5);

“E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo, antes que o mundo existisse” (João 17:5).

Quando Cristo ressurgiu, dentre os mortos, ascendeu aos céus e se assentou à destra do Pai, todas as coisas foram sujeitas aos seus pés: “Acima de todo o principado e poder, potestade, domínio e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas, também, no vindouro, ressuscitando-o dentre os mortos e pondo-o à sua direita nos céus” (Efésios 1:21).

Além de todas as coisas estarem sujeitas aos seus pés, acima de todas as coisas, Cristo foi estabelecido como a cabeça da Igreja: “E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja” (Efésios 1:22). Semelhantemente, como há muitos membros no seu corpo, que é a igreja, que alcançaram posição elevada, acima dos principados e potestades, como princípio e primogênito dentre os mortos, Cristo alcançou preeminência em tudo: “E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que, em tudo, tenha a preeminência” (Colossenses 1:18).

Nos céus e na terra, todas as coisas foram congregadas em Cristo, de modo que, nos céus, Ele é o primogênito entre muitos irmãos e na terra, o príncipe dos reis da terra: “E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra. Aquele que nos amou e, em seu sangue, nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1: 5); “Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou, para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29).

Conhecendo a nova posição que Deus deu a Cristo e que, durante o tempo da plenitude dos gentios, Ele permanecerá assentado à destra da Majestade nas alturas, o escritor aos Hebreus, ao fazer referência a Cristo, no verso 15, do

capítulo 1, da carta aos Hebreus, nomeia o Cristo 'primogênito', apesar de estar abordando a entrada de Cristo no mundo, quando, ainda, na condição de Unigênito.

[“E outra vez, quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem”](#) (Hebreus 1:6).

A eleição é fato inegável nas Escrituras, no entanto, a eleição não trata da salvação de alguns e da rejeição de outros. A eleição versa sobre a preeminência de Cristo em tudo, beneplácito proposto por Deus em Si mesmo, pois, foi firmado na eternidade em Cristo.

[“Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo...”](#) (Efésios 1:9);

[“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor”](#) (Efésios 3:11).

Um dos equívocos quanto à doutrina da eleição é pensar que ela é a resposta de Deus à queda da humanidade. Essa linha de raciocínio dá conta que Deus se precaveu com relação à queda da humanidade, escolhendo alguns indivíduos para serem salvos.

Talvez essa 'medida' fosse necessária, se o propósito eterno de Deus tivesse por base o homem, entretanto, analisando as Escrituras, verifica-se que o propósito de Deus tem por base Ele mesmo e não suas criaturas.

[“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor”](#) (Efésios 3:11).

Deus não ficou dependente das suas criaturas, para levar a efeito o seu propósito, pois, o propósito foi estabelecido n'Ele, sendo certo que, uma das pessoas da divindade despiu-se da sua glória e se fez carne. É em Cristo, o último Adão, o homem celestial, que Deus estabeleceu o seu propósito.

[“Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo...”](#) (Efésios 1:9).

Cristo Jesus, o Emanuel, não cometeu pecado, donde se verifica que a eleição não visa salvar. A resposta de Deus à queda da humanidade foi providenciar salvação



poderosa, na casa de Davi, a todos os povos: “O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano” (1 Pedro 2:22).

Haveria entrave ao propósito de Deus, que é fazer o Cristo preeminente, se o homem natural fosse a base do propósito, entretanto, o propósito de Deus é Cristo preeminente em todas as coisas e Cristo é o eleito de Deus.

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Colossenses 1:18);

“Por isso, também, Deus o exaltou, soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome” (Filipenses 2:9).

Tornou-se consenso, no meio da cristandade, que a eleição se refere à escolha feita por Deus, de certas pessoas que serão salvas e, conseqüentemente, as não escolhidas permanecem perdidas. Por desconhecerem a essência do propósito eterno de Deus, que é Cristo como cabeça da igreja, confundem a doutrina que trata do Propósito Eterno de Deus com a doutrina da salvação.

A Bíblia apresenta dois chamados:

- o chamado à salvação, por meio do evangelho, que é universal e;
- o chamado ao propósito estabelecido em Cristo, que é específico aos eleitos, os santos e irrepreensíveis, que atenderam ao chamado do evangelho.

## Os glorificados

“E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou.” (Romanos 8:30)

Dessa forma, considerando que os que amam a Deus são os que O obedecem, o que se dá quando se crê que Jesus é o Cristo (Salmos 25:10).

Considerando que os que amam a Deus são os chamados ao propósito eterno, que Deus estabeleceu em Cristo.

Considerado que conhecer a Deus ou, antes, ser conhecido d’Ele é se tornar um

com Cristo, que se dá por intermédio do evangelho.

Considerando que os que se fizeram um com Cristo não terão outro destino, a não ser o de serem conforme a imagem de Cristo, pois esse é o propósito eterno de Deus em Cristo: que Ele seja primogênito entre muitos irmãos.

A condição de predestinado a ser, conforme a imagem de Cristo, só é dada aos que são chamados com santa vocação, o que é próprio aos que foram justificados em Cristo Jesus, por intermédio do evangelho.

E como foram justificados os chamados ao propósito eterno? Através da glorificação com Cristo, ressurgindo dentre os mortos, o novo homem foi declarado justo ou, seja, justificado.

Quando o homem crê que Jesus é o Cristo, ressurgue uma nova criatura com Cristo (Colossenses 3:1), criada, segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade (Efésios 4:24) e, por isso, é declarado justo.

A glorificação é o primeiro evento que ocorre com aquele que crê em Cristo, pois, ao crer o velho homem, é crucificado, morto e sepultado com Cristo, tendo em vista que, ao padecer com Cristo, também, com ele será glorificado (Romanos 8:17) ou, seja, ressurgirá com Cristo uma nova criatura.

De modo que, a glorificação de Romanos 8, verso 30, é o primeiro evento na vida do Cristão e depois se dá a justificação, o chamado e a predestinação.

Deus deu um nome (ἐκάλεσεν) aos que se tornaram um com Ele (conheceram) em função da honra de fazerem parte do Seu propósito, foi dado à geração eleita ser conforme a imagem de Cristo (predestinados). Os que são um com Deus, Deus justificou. A justificação é quesito essencial a quem é nomeado por Deus (chamado com santa vocação), pois, só o ímpio que cumpre o mandamento de Deus é declarado justo.

Quando o ímpio obedece ao evangelho de Cristo, é crucificado com Cristo, morre e é sepultado com Cristo. Na morte com Cristo, o ímpio é justificado do pecado, pois o corpo do pecado é desfeito: **“De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim, andemos nós, também, em novidade de vida”** (Rm 6:4).

Ao ser sepultado com Cristo, o mesmo poder que operou poderosamente sobre

Cristo, também, opera naquele que crê no poder de Deus (evangelho), ressuscitando-o dentre os mortos (Efésios 1:19-20). Esse novo homem passa a viver em novidade de vida, pois é uma nova criatura, criada segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade (Efésios 4:24).

Esse novo homem, criado segundo Deus, através do lavar regenerador do evangelho, é declarado justo por Deus e, após justificado, é nomeado por Deus santo, pela santa vocação, pois, será conforme a imagem de Cristo, quando da redenção do corpo.

Mas, aquele que Deus justificou, também, é glorificado ou, seja, o crente é glorificado na ressurreição com Cristo, pois, se assenta nas regiões celestiais em Cristo Jesus. A glorificação, em Romanos 8, verso 30, que promove a justificação, não tem relação com a glorificação futura, quando haverá a redenção do corpo, antes ,diz da ressurreição com Cristo, como se lê:

*“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo: se é certo que, com ele padecemos, para que, também, com ele sejamos glorificados”* (Romanos 8:17).

Só são filhos e herdeiros de Deus, aqueles que morreram com Cristo (padeceram), pois é certo que, os que padeceram, também, ressurgiram com Ele ou, seja, foram glorificados (Colossenses 3:1).

## Eleição

*“Como também nos elegeram nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor”* (Efésios 1: 4).

Na eternidade, antes da fundação do mundo, para levar a efeito o seu eterno propósito, Deus elegeram o Cristo. *“Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo”* (Efésios 1:9).

Cristo é o eleito de Deus, aquele que O apraz, de modo que a palavra de Deus foi posta sobre Ele.

*“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho, o meu eleito, em quem se apraz a*

minha alma; pus o meu espírito sobre ele; ele trará justiça aos gentios (...) Eu, o Senhor, te chamei em justiça e te tomarei pela mão, te guardarei, te darei por aliança do povo e para luz dos gentios” (Isaías 42:1 e 6).

Quando desobedeceu a Deus no Éden, toda a geração de Adão sofreu o dano, pois a morte passou a todos os seus descendentes, de modo que todos foram feitos pecadores (Romanos 5:12). Cristo é o eleito de Deus, segundo o beneplácito que foi proposto em Si mesmo, para a posição de último Adão, a cabeça de uma nova geração de homens espirituais, por quem toda a sua geração é eleita, segundo o beneplácito de Deus.

A partir do momento em que o homem crê em Cristo, é de novo gerado de uma semente incorruptível, poder de Deus, que faz dos homens que creem, filhos de Deus: “Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre” (1 Pedro 1:23); “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome” (João 1:12).

O Salmo 112 é messiânico e apresenta uma promessa à semente do filho do homem: uma geração de retos e bem-aventurados: “A sua semente será poderosa na terra; a geração dos retos será abençoada” (Salmos 112:2).

O Salmo 89 evidencia que a semente do Messias durará para sempre, bem como o seu principado “A sua semente durará para sempre e o seu trono, como o sol diante de mim” (Salmos 89:36).

Ora, a palavra de Deus é semente incorruptível, que permanece para sempre, e todo aquele que faz a vontade de Deus, também, permanecerá para sempre, pois é gerado da semente de Deus. “Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre” (1 Pedro 1:23); “E o mundo passa e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 João 2: 17).

A promessa de fazer o Cristo ressurreto, o primogênito e o mais elevado dos reis da terra, se estende à sua semente, pois, só através da semente conservada por Deus, a condição de primogenitura de Cristo é estabelecida para sempre. “A tua semente estabelecerei para sempre e edificarei o teu trono, de geração em geração” (Salmos 89:4); “Também o farei meu primogênito, mais elevado do que os reis da terra. A minha benignidade lhe conservarei eu, para sempre, e a minha

aliança lhe será firme, E conservarei para sempre a sua semente e o seu trono como os dias do céu” (Salmos 89:27-29).

É neste sentido que o apóstolo Pedro faz referência aos cristãos, como geração eleita:

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9).

Cristo é a pedra de esquina, eleita e preciosa, e quem nele crer será salvo (não será confundido). “Por isso, também, na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido” (1 Pedro 2:6). Cristo é a pedra eleita, preciosa e a principal da esquina, mas, cada cristão, é pedra viva, portanto, eleitos.

O termo grego εκλεκτος [1], traduzido por ‘eleita’, utilizado pelo apóstolo Pedro, não trata de um sistema de seleção de pessoas para serem salvas, antes, aponta para uma geração que é a melhor, excelente, sendo que o processo seletivo, na verdade, se deu em Cristo.

Quando o apóstolo Paulo enfatiza que Deus elegeu os cristãos, em Cristo, antes da fundação do mundo, não fez referência a uma escolha que tinha em vista indivíduos incrédulos. Na verdade, o eleito é Cristo e todos os que passam a estar em Cristo, portanto, novas criaturas, são honrados (eleitos) em Cristo, com a condição de santos, irrepreensíveis e inculpáveis.

É em Cristo que o cristão foi eleito, pois, ao escolher a linhagem de Cristo para ser santa e irrepreensível, os que são de novo gerados, são os eleitos do Senhor ao seu santo propósito: a preeminência de Cristo.

## **A descendência e o descendente**

Como todos os homens, em decorrência da desobediência de Adão, tornaram-se impróprios para compor o propósito que Deus estabeleceu em Cristo, tornou-se necessária uma nova geração de homens, através de uma nova semente.

A geração de Adão alienou-se de Deus e ficou imunda e todos os seus descendentes, por causa da semente corruptível de Adão, que são nomeados de

filhos da ira e da desobediência (Efésios 2:2-3). Ora, todos os nascidos da vontade da carne, da vontade do varão e do sangue não são filhos de Deus (João 1:12-13).

Mas, o Salmista profetizou que uma semente haveria de servir a Deus. **“Uma semente o servirá; será declarada ao Senhor a cada geração”** (Salmos 22:30). No mesmo Salmo é previsto que o Cristo haveria de ser lançado na madre por Deus, e que Deus haveria de ser o seu Deus, desde o ventre de sua mãe (Salmos 22:10), condição diferente de todos os homens, pois, todos se desviam de Deus, desde o ventre e andam errados. desde que nascem (Salmos 58:3).

Sobre a semente de Cristo repousam várias promessas: **“A sua semente será poderosa na terra; a geração dos retos será abençoada”** (Salmos 112:2); **“A sua semente durará para sempre e o seu trono, como o sol diante de mim”** (Salmos 89:36); **“A tua semente estabelecerei para sempre, e edificarei o teu trono, de geração em geração. (Selá.)”** (Salmos 89: 4); **“E conservarei para sempre a sua semente e o seu trono, como os dias do céu”** (Salmos 89:29).

Neste sentido, Cristo é apresentado como o último Adão, a palavra que dá vida e o Adão do Éden, como alma vivente (1 Coríntios 15:45). Enquanto a semente de Adão produz os filhos da ira e da desobediência, a semente de Cristo, que é a palavra incorruptível, produz filhos para Deus, santos e irrepreensíveis (1 Pedro 1:3 e 23).

Para levar a efeito o seu propósito, Deus trabalha com os homens, pois o mundo futuro não estará sujeito aos anjos. **“Então falaste em visão ao teu santo e disseste: Pus o socorro sobre um que é poderoso; exaltei a um eleito do povo”** (Salmos 89:19; Hebreus 2:5).

**“E produzirei descendência a Jacó e a Judá um herdeiro, que possua os meus montes; os meus eleitos herdarão a terra e os meus servos habitarão ali”** (Isaías 65:9).

Ao estabelecer que o Seu Primogênito haverá de ser o mais elevado dos reis da terra, Deus chamou da semente da mulher o seu amigo (servo) Abraão, tirando-o da cidade de Ur dos Caldeus. **“Tu és o SENHOR, o Deus, que elegeste a Abrão e o tiraste de Ur dos caldeus, e lhe puseste por nome Abraão”** (Neemias 9: 7); **“Também o farei meu primogênito, mais elevado do que os reis da terra”** (Salmos 89:27; Gênesis 3:15).

Conforme o Salmo Segundo, Deus estabeleceu, através de um decreto, o Seu Filho, o Cristo, Rei sobre o seu santo monte Sião, de modo que Ele regerá todas as nações da terra com vara de ferro (Salmos 2:6-9), evento que se dará quando Cristo se assentar e reinar no trono da sua glória. “E Jesus disse-lhes: Em verdade, vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também, vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

Mas, para que o Cristo se assentasse sobre o trono de sua glória, dentre muitos gentios, Deus chamou (vocação) Abraão e fez a seguinte promessa: farei de ti uma grande nação, em ti todas as famílias da terra serão benditas e darei a terra dos cananeus à sua descendência (Gênesis 12:2-3 e 7).

Foi através do chamado de Abraão que o povo de Israel tornou-se nação de Deus, no entanto, o eleito para o propósito de Deus seria o Cristo, o descendente de Abraão:

“Porém tu, ó Israel, servo meu, tu Jacó, a quem elegi descendência de Abraão, meu amigo” (Isaiás 41:8).

O propósito de Deus é estabelecer o descendente de Abraão como o mais elevado dos reis da terra, daí a vocação de Abraão, que foi chamado da cidade de Ur dos Caldeus, para se cumprir, na descendência de Abraão, a promessa de fazer dele uma grande nação.

Abraão foi salvo, quando ouviu a palavra de Deus e creu (Gênesis 15:6), não quando foi chamado de Ur dos Caldeus (Gênesis 12:1). Da mesma forma, os filhos de Abraão só seriam salvos se ouvissem e cressem na palavra de Deus. Jamais seriam salvos, por serem descendência de Abraão ou, porque foram resgatados do Egito ou, porque entraram na terra prometida.

Deus deixou claro que a descendência de Abraão não seriam seus filhos (Deuteronômio 32:5-6) e que o povo de Israel não seria justo (Deuteronômio 9:6), apesar de ser a nação de Deus. E por que os hebreus eram a nação de Deus? Por causa do juramento que Deus fez a Abraão, Isaque e Jacó (Deuteronômio 7:8).

“Não é por causa da tua justiça, nem pela retidão do teu coração, que entras a possuir a sua terra, mas, pela impiedade destas nações, o SENHOR teu Deus as lança fora, de diante de ti e para confirmar a palavra que o SENHOR jurou

a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó” (Deuteronômio 9:5)

Deus elegeu o Descendente de Abraão para vir ao mundo, o Cristo, e dentre as doze tribos dos filhos de Israel, Deus elegeu a tribo de Judá. “Antes elegeu a tribo de Judá; o monte Sião, que ele amava” (Salmos 78:68).

O fato de Deus ter elegido a tribo de Judá conferiu aos filhos de Judá salvação? Não! Da mesma forma que a escolha de Abraão, dentre os gentios, não conferiu salvação aos filhos de Israel.

Passado muito tempo, Deus escolheu, dentre os filhos de Judá, a descendência de Davi, fez a promessa de que estabeleceria o reino de um da sua descendência e confirmaria o seu trono, para sempre:

“Quando teus dias forem completos e vieres a dormir com teus pais, então, farei levantar, depois de ti, um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome e confirmarei o trono do seu reino, para sempre. Eu lhe serei por pai e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de filhos de homens” (2 Samuel 7:12-14).

Muito tempo depois, Deus escolheu, da descendência de Davi, a sua serva Maria, que, através da ação sobrenatural do Espírito de Deus, ela se achou grávida e o Verbo eterno encarnou-se, na condição de Filho Unigênito de Deus: “E o Verbo se fez carne, habitou entre nós e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14 e 18); “Nisto se manifesta o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos” (1 João 4:9).

A descendência de Abraão foi escolhida para que Deus trouxesse o seu Filho ao mundo, o Descendente. O Descendente de Abraão e de Davi foi incumbido de construir um templo a Deus, com a promessa de que o seu trono seria firmado para sempre.

Cristo é a pedra eleita e preciosa, sobre o qual é edificada casa espiritual a Deus (Efésios 2:19-22).



# Morte e vida

Por causa da desobediência de Adão, todos os seus descendentes passaram a condição de separados de Deus. A Bíblia acusa todos os descendentes de Adão de imundos e repreensíveis diante de Deus, devido à ofensa no Éden (Salmos 14:3; Salmos 53:3).

A condenação estabelecida pela lei que diz: 'certamente morrerás' (Gênesis 2:17), alcançou todos os homens, por isso é dito que, por um homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte (Romanos 5:12). A condenação decorrente da ofensa que passou a todos os descendentes de Adão (morte) é o motivo de todos os homens serem pecadores.

Além da punição estabelecida 'certamente morrerás' ter alcançado todos os homens, ela se tornou a força do pecado e a morte, o que prende os homens ao pecado: ["Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei"](#) (1 Co 15:56).

Enquanto o primeiro mandamento dado no Éden era para preservar a vida e a comunhão que o homem possuía com o Criador, ao enviar o seu Filho Unigênito ao mundo, na posição de último Adão, Deus deu um novo mandamento, que concede vida aos homens mortos em delitos e pecados: ["E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, o falo como o Pai me tem dito"](#) (João 12:50); ["E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento"](#) (1 João 3:23).

Deus amou todos os homens, sem distinção alguma, que enviou o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna: ["Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados"](#) (1 João 5:3); ["E o amor é este: que andemos, segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, que andeis nele"](#) (2 João 1:6); ["...também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação, até à extremidade da terra"](#) (Isaías 49:6; João 3:16).

Deus estabeleceu em Cristo um mandamento que dá vida: crer em Cristo, como Filho de Deus: ["Sê tu a minha habitação forte, a qual possa recorrer](#)

continuamente. Deste um mandamento que me salva, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza” (Salmos 71:3), por isso é dito que a lei do Espírito de vida livra o homem da lei do pecado e da morte: “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Romanos 8:2).

Através da ofensa ao mandamento dado no Éden, o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte (Romanos 5:12). Agora, através da obediência de Cristo Jesus, que, pelo seu corpo, consagrou um novo e vivo caminho (Hebreus 10:20), dos muitos homens que foram feitos pecadores, muitos, pelo evangelho, são feitos justos: “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Romanos 5:19).

A igreja de Cristo é uma assembleia universal, constituída de pessoas que pertencem a Deus (primogênitos), os justos aperfeiçoados (Hebreus 12:23). Como, na Antiga Aliança, os primogênitos pertenciam a Deus, o escritor aos Hebreus utiliza o termo ‘primogênitos’, para demonstrar que os cristãos pertencem a Deus e não que todos ocupam a posição de primeiro, ressurretos dentre os mortos, como o é Cristo (Apocalipse 1:5).

“Santifica-me todo o primogênito, o que abrir toda a madre entre os filhos de Israel, de homens e de animais; porque meu é.” (Êxodo 13:2).

Devemos ser muito cuidadosos, ao lermos algumas passagens bíblicas, pois, muitas estão impregnadas de imprecisões, devido ao posicionamento teológico que os tradutores abraçaram.

Quando lemos:

“Mas, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do SENHOR, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade;” (2 Tessalonicenses 2:13) onde, a ideia em evidência é a doutrina calvinista da eleição incondicional para salvação.

Mas, ao analisarmos o texto grego, temos a seguinte leitura: o apóstolo Paulo enfatiza o dever de sempre agradecer a Deus pelos cristãos de Tessalônica, pois eram irmãos em Cristo e ‘amados do Senhor’!

“Ἡμεῖς δὲ ὀφείλομεν εὐχαριστεῖν τῷ θεῷ πάντοτε περὶ ὑμῶν ἀδελφοὶ ἠγαπημένοι ὑπὸ κυρίου...” (2 Tessalonicenses 2:13), Stephanus Textus Receptus (1550, with accents).

Agora, a surpresa! O motivo pelo qual o apóstolo deveria ser grato: ‘ὅτι[2] εἴλετο[3] ὑμᾶς[4]’ ὁ θεὸς, ou, seja, ‘porque Deus vos elegeu’. Mas, para que os cristãos foram eleitos? Para serem salvos? Não! Os cristãos foram eleitos como primícias ou, seja, como sua propriedade peculiar. O termo é melhor traduzido como ‘tomou para si’, do que a ideia de ‘escolher’ “Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas.” (Tiago 1:18); “Saudai, também, a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é a primícia da Acaia, em Cristo.” (Romanos 16:5); “Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” (1 Coríntios 6:20).

“... ὅτι εἴλετο ὑμᾶς ὁ θεὸς ἀπ’ ἀρχῆς[5] εἰς σωτηρίαν ἐν ἁγιασμῷ πνεύματος καὶ πίστει ἀληθείας” (2 Tessalonicenses 2: 13), Stephanus Textus Receptus (1550, with accents).

Primeiro, o apóstolo apresenta o propósito de Deus: tomar para si um povo como primícias e, em seguida, apresenta o modo que tal propósito se deu: para salvação, em santificação do espírito ou, seja, uma fé verdadeira. Ora, a santificação se dá pela palavra ou, seja, pelo espírito.

“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida.” (João 6:63).

Há uma grande diferença entre ‘por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação’ e ‘porque Deus tomou para si a vós como primícias’. Certo é que, para alcançar a glória de nosso SENHOR Jesus Cristo, há um só modo: o chamado que há no evangelho. Sem o convite que há, na loucura da pregação, é impossível ao homem alcançar a glória de Cristo e, os que creem, são eleitos para serem santos e irrepreensíveis, predestinados a serem conformes à imagem de Cristo.

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] “1588 εκλεκτος *eklektos* de 1586; TDNT - 4:181,505; adj 1) *selecionado, escolhido* 1a) *escolhido por Deus, 1a1) para obter salvação em Cristo 1a1a) cristãos são chamados de “escolhidos ou eleitos” de Deus 1a2) o Messias é*

*chamado “eleito”, designado por Deus para o mais exaltado ofício concebível 1a3) escolha, seleção, i.e. o melhor do seu tipo ou classe, excelência preeminente: aplicado a certos indivíduos cristãos”* Dicionário Bíblico Strong.

[2] *“3754 οτι hoti neutro de 3748 como conjunção; demonst. aquele (algumas vezes redundante); conj 1) que, porque, desde que”* Dicionário Bíblico Strong.

[3] *“138 αιρεομαι haireomai provavelmente semelhante a 142; TDNT - 1:180,27; v 1) tomar para si, preferir, escolher 2) escolher pelo voto, eger para governar um cargo público”* Dicionário Bíblico Strong.

[4] *“4771 συ su pronome pessoal da segunda pessoa do singular; pron 1) tu”* Dicionário Bíblico Strong.

[5] *“746 αρχη arche de 756; TDNT - 1:479,81; n f 1) começo, origem 2) a pessoa ou coisa que começa, a primeira pessoa ou coisa numa série, o líder 3) aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa 4) a extremidade de uma coisa 4a) das extremidades de um navio 5) o primeiro lugar, principado, reinado, magistrado 5a) de anjos e demônios”* Dicionário Bíblico Strong.

---

## **Quem são aqueles que Deus deu a Cristo?**

Aquele que crê em Cristo conforme diz as Escrituras de maneira nenhuma será lançado fora por Cristo, porque quem crê passa a pertencer a Cristo, ou seja, é dado pelo Pai ao Filho.

---

## **Quem são aqueles que Deus deu a Cristo**

*“Todo o que o Pai me dá, virá a mim e o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora.”* (João 6:37)

## Cuidados ao ler a passagem

Há uma grande celeuma no meio teológico, quanto ao sentido do verso que diz:

“[Todo o que o Pai me dá, virá a mim](#)” (João 6:37).

Para desfazer os equívocos, primeiro é necessário ao leitor entender que, ao falar à multidão, Jesus sempre utilizou parábolas:

“[E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava, em particular, aos seus discípulos](#)” (Marcos 4:33-34).

Anunciar à multidão o reino dos céus, através de adágios, símiles e parábolas, tinha por objetivo alcançar a compreensão dos ouvintes e dar cumprimento às profecias:

“[Tudo isto disse Jesus, por parábolas, à multidão, e nada lhes falava sem parábolas; para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta, que disse: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas, desde a fundação do mundo](#)” (Mateus 13:34-35).

É imprescindível compreender que as diferenças entre a doutrina de Cristo e a compreensão que o povo de Israel tinha, das Escrituras, era gritante.

Se Jesus falasse, abertamente, ao povo de Israel, acerca do reino dos céus (João 3:12), por possuírem um entendimento carnal (1 Coríntios 2:14), jamais compreenderiam a exposição, daí a necessidade de se falar por parábolas (João 3:12).

Quando Jesus disse: - *‘Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trazer’*, ensinava uma multidão que, após comer pão a fartar, queriam fazê-Lo rei. A multidão viu na pessoa de Cristo somente mais um profeta, mas, na verdade, o Filho de Deus estava revelando o Pai ao mundo:

“[Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo. Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte](#)” (João 6:14-15; João 1:18).

Enquanto Jesus estava no mundo, na condição de servo, os homens deveriam reconhecê-Lo como o enviado de Deus, que tira o pecado do mundo, cuja missão era edificar o templo de Deus prometido a Davi (2 Samuel 7:13), que seria chamada de casa de oração para todos os povos (Isaías 56:7), um santuário que traria escândalo às duas casas de Israel (Isaías 8:14).

Também, não era, através da vontade do povo de Israel, que Cristo deveria ser entronizado rei em Israel, antes, o reino só seria entregue a Cristo, após Ele edificar o templo, que é o seu corpo, a igreja. Deus já havia ungido o Cristo como seu rei no monte Sião (Salmos 2:6), mas, somente após o templo ser edificado, é que o trono seria confirmado para sempre (2 Samuel 7:13 e 16).

## **Nunca fomos escravos de ninguém**

Considerando que: “E sem parábolas nunca lhes falava” (Marcos 6:34), quando se lê a asserção: - ‘*Ninguém pode vir a mim...*’, se faz imprescindível à compreensão questionar: Jesus falou abertamente aos seus ouvintes ou, falou por parábola?

Somos instruídos a considerar que: “E sem parábolas nunca lhes falava...” (Marcos 6:34) ou, seja, ao dizer ‘*ninguém pode vir a mim*’, Jesus anunciou-lhes um enigma dos antigos, conforme consta das profecias nos Salmos.

“Abrirei a minha boca numa parábola; falarei enigmas da antiguidade.”  
(Salmos 78:2; Mateus 13:35).

Partindo do pressuposto de que Jesus ensinava a multidão por parábolas, pois nunca lhes falava sem parábolas, conclui-se que a passagem bíblica, em análise, é uma parábola com símiles e adágios e que carece de ser interpretada à luz das Escrituras.

Com base no exposto pelos evangelistas Mateus e Marcos, não podemos aceitar uma leitura superficial da mensagem ‘*ninguém pode vir a mim*’, como se a fala de Jesus à multidão fosse um ensinamento que não demande interpretação.

O simples fato de o evangelista João enfatizar que, do outro lado do rio formou-se uma multidão composta, na sua grande maioria, de judeus que, após comer pão a fartar, passou a considerar que Jesus era o profeta que deveria vir ao mundo (João 6:14) e que queriam fazê-lo rei (João 6:15), evidencia que a fala de Jesus não tinha por alvo a Igreja, mas os judeus.

Por causa do público alvo do ensinamento de Cristo, não resta alternativa a não ser concluir que estamos diante de uma parábola. E, se estamos diante de uma parábola, primeiro é necessário desvendarmos os enigmas contidos na parábola. Em segundo lugar, é imprescindível considerarmos que o público alvo da mensagem era formado por um grande número de judeus ou, seja, a parábola não tem por alvo pecadores dentre os gentios, mas, os pecadores judeus.

## **A real condição dos judeus diante de Deus**

Por serem descendentes da carne de Abraão, praticarem a circuncisão e seguirem doutrinas e preceitos de homens, os judeus se consideravam melhores que os gentios (Deuteronômio 9:4-6). Muitos religiosos judeus entendiam serem justos, porém, eram justos aos seus próprios olhos e rejeitaram a justiça de Deus, por causa de uma justiça própria.

“E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé” (Filipenses 3:9);

“Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça” (Romanos 9:31).

O diagnóstico de Cristo, ao observar os escribas e fariseus, é acertado: “Assim, também, vós, exteriormente, pareceis justos aos homens, mas, interiormente, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade” (Mateus 23:28) e, caso algum judeu quisesse se salvar, teria de ter obra superior à dos seus líderes religiosos: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder à dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (Mateus 5:20; João 3:3).

Devemos lembrar que Jesus citou Isaías, para enfatizar a condição do povo de Israel: “Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas, o seu coração está longe de mim, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.” (Mateus 15:8-9) e, mesmo aqueles que diziam crer, Jesus os olhava com reserva: “Mas, o mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia” (João 2:24; João 8:31).

## **Todo o que o Pai me dá virá a mim**

A passagem bíblica: “Todo o que o Pai me dá virá a mim ...” (João 6:37), deve ser analisada, através do seguinte prisma:

“Veio para o que era seu e os seus não o receberam” (João 1:11).

Por que o próprio povo de Jesus não O recebeu? Porque não creram nas Escrituras ou, seja, no testemunho que Deus deu acerca do Cristo, conseqüentemente, não creram nas palavras de Cristo.

“Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê, mentiroso o fez, porquanto, não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu” (1 João 5:10);

“Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, não buscando a honra que vem só de Deus?” (João 5:44).

As palavras que Cristo falava ao povo foram determinadas por Deus, portanto, crer em Cristo era crer em Deus e vice-versa. Crer em Cristo é crer no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho, nas Escrituras (João 12:49-50). Mas, apesar dos seus próprios irmãos, segundo a carne, não terem recebido a Jesus, todos quantos O receberem ou, seja, aqueles que crerem em seu nome, Deus dá o poder de serem feitos filhos de Deus (João 1:12).

A linguagem de Cristo visava alcançar o entendimento dos judeus, portanto, as parábolas, os símiles e os adágios utilizados por Ele, derivam das Escrituras, o que demanda ao leitor um trabalho maior: considerar as Escrituras para compreender a mensagem de Cristo.

## **As Escrituras**

Para compreender a linguagem empregada por Cristo, em João 6, verso 37 (“*Todo o que o Pai me dá virá a mim ...*”), se faz necessário ter em mente algumas passagens bíblicas do Antigo Testamento.

No Livro de Deuteronômio, Deus protestou contra os filhos de Israel, dizendo de que eles não eram seus filhos, mas uma mancha, como se lê:

“Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas, a sua mancha; geração perversa e distorcida é” (Deuteronômio 32:5).

Os filhos de Israel não ‘pertenciam’ a Deus, antes eram uma geração perversa e distorcida. O que entender por geração perversa e distorcida?



Na concepção do homem de hoje, uma geração é caracterizada por elementos como linguagem, filosofia, cultura, educação, valores, etc., mas, quando Jesus diz: *“Uma geração má e adúltera pede um sinal e nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas. E, deixando-os, retirou-se”* (Mateus 16:4), o significado de geração não segue o método Mak’Gregor, que atribui nomes às gerações, como: geração ‘Alfa’, ‘X’, ‘Y’, etc., para diferenciar posturas do homem de hoje, com o de vinte anos atrás.

Jesus não estava pensando na definição de Heráclito, de que uma geração seria de trinta anos ou, no espaço de tempo, no qual o pai vê seu filho capaz de procriar.

Não ser filho de Deus é o que caracteriza o homem como geração perversa, no sentido de má, vil, ralé. A geração perversa é a planta que o Pai não plantou (Mateus 15:13) ou, seja, homens nascidos da vontade da carne, do varão e do sangue (João 1:13). Todos os descendentes de Adão são contados como geração perversa, também, denominados filhos da ira e da desobediência.

Na frase *“não são seus filhos”*, é empregado o verbo ‘ser’ e o pronome possessivo ‘seus’, de modo que, ser filho de Deus é pertencer a Deus. Observe o pronome possessivo ‘seus’: não são SEUS filhos. Se não são Seus filhos, não pertencem a Deus. Por que não eram filhos? Porque não deram ouvidos à voz de Deus.

*“E disse-me o SENHOR: Apregoai todas estas palavras nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, dizendo: Ouvi as palavras desta aliança e cumpri-as. Porque, deveras, adverti a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, até ao dia de hoje, madrugando, protestando e dizendo: Dai ouvidos à minha voz. Mas não ouviram, nem inclinaram os seus ouvidos, antes andaram cada um conforme o propósito do seu coração malvado; por isso, trouxe sobre eles todas as palavras desta aliança, que lhes mandei que cumprissem, porém não cumpriram”* (Jeremias 11:6-8).

Muito tempo depois, o profeta Isaías anunciou ao povo de Israel que os filhos de Deus seriam ensinados por Ele:

*“E todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e a paz de teus filhos será abundante”* (Isaías 54:13).

Novamente, é empregado o pronome possessivo, para apontar para os filhos da

mulher estéril: TEUS filhos (Isaías 54:1).

Deus declarou que seria Deus de um povo e que este povo passaria a ser propriedade d'Ele, quando Deus fizesse morada nele. Que, ao receber este povo por Seu, tal povo seria para Deus seus filhos e suas filhas.

“Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Por isso, saí do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor; não toqueis nada imundo e eu vos receberei; Eu serei para vós Pai e vós sereis, para mim, filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (Coríntios 6:16-18, cf. Jeremias 31:1);

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar, dentre todos os povos, porque toda a terra é minha” (Êxodo 19:5).

As Escrituras também predisseram que Deus daria, por sinal e maravilha, em Israel, filhos ao Senhor, que ‘escondeu o seu rosto da casa de Israel’.

“Assim, se acenderá a minha ira, naquele dia, contra ele e desampará-lo-ei, e esconderei o meu rosto dele, para que seja devorado; e tantos males e angústias o alcançarão, para que diga, naquele dia: Não me alcançaram estes males, porque o meu Deus não está no meio de mim?” (Deuteronômio 31:17);

“Eis-me aqui, com os filhos que me deu o SENHOR, por sinais e por maravilhas em Israel, da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte de Sião” (Isaías 8:18).

Como Cristo é o Senhor ‘*que escondeu o seu rosto da casa de Israel*’, que se revelou ao mundo, quando veio em carne, e, ao ser morto e crucificado, ressurgiu e assentou-se à destra da majestade nas alturas, após ser dito: “DISSE o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés” (Salmos 110:1), segue-se que Deus concedeu a Cristo filhos por ‘*sinal e maravilha*’, de modo que, ao retornar à glória conduz muitos filhos a Deus (Hebreus 2:10).

O Senhor, que escondeu o seu rosto da casa de Israel, convida, solenemente, aqueles que estão prontos a aprenderem d'Ele, dizendo: “Vinde, meninos, ouvi-me e eu vos ensinarei o temor do SENHOR” (Salmos 34:11) e os que ouviram e aprenderam de Cristo, que é manso e humilde de coração, são declarados filhos

de Deus, irmãos de Cristo, diferentemente, da mancha que Deus protestou em Deuteronômio.

“Então declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação” (Salmos 22:22).

## **A abordagem de Cristo**

“Jesus respondeu-lhes e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas, porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai não pela comida que perece, mas, pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou” (João 6:26-27).

Após ler a passagem da multiplicação dos pães, onde consta a atitude do povo judeu, em querer constituir a Cristo como rei (João 6:14-15), o leitor precisa considerar que o povo só queria fazer Cristo rei, pelo sinal da multiplicação dos pães, mas, ninguém estava preocupado em como agradar a Deus. Jesus contraria o posicionamento da multidão, ausentando-se, pois procuravam-no somente porque comeram pão e se saciaram, não pelos sinais que viram (João 6:2) ou, seja, não estavam preocupados em saber quem era aquele homem que efetuou sinais.

A multidão viu os sinais que Jesus operou para com os enfermos e, pelo fato de ter comido pão a fartar, consideraram que Jesus era profeta, porém, não O reconheceram como o Cristo prometido, segundo as Escrituras ou, seja, não creram n’Ele como o salvador do mundo.

Como não consideraram os sinais miraculosos que Jesus operou diante deles, para o receberem como O enviado de Deus, Jesus alertou os seus seguidores que ‘trabalhassem’, não pela comida que perece (alimento cotidiano), antes, pela comida que permanece para a vida eterna.

“Mas, se as faço e não credes em mim, crede nas obras; para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu nele” (João 10:38; João 10:25).

Seguir a Cristo pela comida que perece é ‘trabalhar’ de modo equivocado, antes, deveriam segui-Lo pelas palavras que anunciava, pois, as palavras de Cristo são alimento para a vida eterna: “Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:68).

Jesus deixa claro que deveriam trabalhar pelo alimento que Ele dá: a vida eterna. Como Jesus concede a vida eterna? Anunciando a palavra de Deus, conforme o estabelecido nas Escrituras, pois o homem vive das palavras que sai da boca de Deus (Deuteronômio 8:3; João 12:49-50).

O selo (garantia) de Deus que estabelece o Filho como aquele que dá a comida para a vida eterna é a própria Escritura. O testemunho que Deus deu do seu Filho nas Escrituras é o selo do Pai.

“E o Pai, que me enviou, ele mesmo testificou de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer. E a sua palavra não permanece em vós, porque naquele que ele enviou não credes vós. Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de mim testificam; E não quereis vir a mim para terdes vida” (João 5:37-40);

“... a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou” (João 6:27).

O povo de Israel deveria buscar o Filho do homem que dá o alimento para a vida eterna. Como? Procurando aprender d’Ele, no entanto, o povo não creu em sua mensagem, antes, saiu à procura de Cristo por causa do alimento cotidiano.

A multidão não entendia a linguagem de Cristo, pois perguntaram: - “Que faremos para executarmos as obras de Deus?” (João 6:28).

Cristo estava falando do alimento para a vida eterna, que deveriam buscá-Lo para aprenderem, pois, essa era a obra de Deus e a multidão desconversou, querendo saber como desempenhar as obras de Deus. Ora, se executassem as obras de Deus, alcançariam o alimento que o Filho do homem dá, para a vida eterna. Bastava crer em Cristo, como o enviado de Deus, que a multidão faria as obras de Deus e receberia o alimento para a vida eterna.

“Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou” (João 6:29).

Diante das palavras de Jesus, redarguíram: “Disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos e creiamos em ti? Que operas tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu” (João 6:30-31).

A multidão exigiu um sinal como condição para crer em Cristo. Se visse mais sinais, a multidão, equivocadamente, continuaria crendo em Cristo como profeta, porém, era necessário crer em Cristo como o Filho de Deus. Para crerem em Cristo, como o Filho de Deus, era necessário crerem no testemunho contido nas Escrituras, pois, somente através dos sinais, jamais concluiriam, como o apóstolo Pedro, que Jesus era o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo (João 6:69).

O povo fez menção de uma passagem das Escrituras: “Deu-lhes a comer o pão do céu” (Êxodo 16:4; Neemias 9:15; Salmos 105:40) e Jesus, em seguida, explica que o verdadeiro pão que Deus dá é o que desce do céu e dá vida ao mundo (João 6:32).

## Arrependimento

“Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas, meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (João 6:32-33)

A multidão que comeu o pão da multiplicação tinha o entendimento de que foi Moisés quem deu aos seus pais pão do céu, quando no deserto. O posicionamento do povo parecia ser conforme as Escrituras e, inclusive, citaram para Jesus uma passagem do livro do Êxodo, como embasamento para exigirem um sinal miraculoso, por parte de Jesus (Êxodo 16:4).

Uma leitura superficial da passagem bíblica dá a entender que, no deserto, foi concedido ao povo de Israel comer um alimento que concedesse vida. A má leitura do texto dá a falsa concepção de que Moisés deu ao povo o ‘pão dos anjos’, porém, não foi assim. O maná não foi uma dádiva, antes foi uma prova:

“Então, disse o SENHOR a Moisés: Eis que vos farei chover pão dos céus e o povo sairá e colherá, diariamente, a porção para cada dia, para que eu o prove se anda em minha lei ou, não” (Êxodo 16:4).

Em segundo lugar, Deus não deu pão, antes, deu a matéria prima para que fizessem o pão. Deus deu a eles o material necessário para que assassem no fogo ou, cozinhassem na água. O que caía do alto eram sementes, semelhantes ao coentro branco, com sabor parecido ao do mel (Êxodo 16:31), porém, o povo tinha que sair no deserto para colher a matéria prima para o pão (Êxodo 16:14).

Ora, comer o maná envolvia trabalho. Era necessário colher e preparar o alimento com a matéria prima providenciada por Deus, do que se conclui que, aquele não era o verdadeiro pão do céu. O povo teve que trabalhar, ao sair no deserto, para colher o maná e trabalhou para preparar o alimento, mas não se empenhou em obedecer à voz de Deus, o que, realmente, dá vida (Êxodo 16:28).

Em terceiro lugar, não foi Moisés quem deu a matéria prima para os pães, antes, foi providência divina, de modo que não foi Moisés quem deu o verdadeiro pão do céu e nem o alimento cotidiano que os pais comeram no deserto.

O povo de Israel não compreendia que Deus jamais invalidaria a sua palavra, estabelecida no Éden, dando pão a comer sem suor:

*“No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto, és pó e em pó te tornarás”* (Gênesis 3:19).

Ora, no deserto foi concedido o maná aos pais, para prová-los, não para suprir o alimento cotidiano. Além do mais, tiveram que trabalhar para se alimentar, pois tinham de colher e preparar o alimento.

Jesus fez a multiplicação dos pães e, igualmente, colocou a multidão à prova, pois O seguiam somente porque comeram pão a fartar e não porque queriam ouvir a sua mensagem (João 6:26). No deserto, foram dadas as sementes para o pão, a fim de ver se obedeceriam a voz de Deus ou, não, e no Novo Testamento, por comerem pão, quiseram aclamá-Lo rei, mas, o rejeitaram, dizendo que o seu discurso era duro.

A concepção do povo era distorcida, com relação ao pão do céu, de modo que a abordagem de Cristo deveria produzir a ‘metanoia’ (arrependimento), uma mudança de pensamento que consistia numa transformação radical no entendimento deles.

Cristo expôs à multidão que é Deus quem dá o verdadeiro pão do céu e que o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Para abraçarem a mensagem anunciada por Cristo, deveriam abrir mão da concepção que possuíam, de que foi Moisés quem deu aos pais pão do céu e aceitarem que Jesus é o verdadeiro pão dos céus.

Na transação, substituir a concepção de que Moisés deu pão dos céus, pela

verdade de que Cristo é o pão que Deus dá aos homens, está o verdadeiro arrependimento e não no arrependimento de obras mortas, que é o arrepender-se de questões comportamentais.

## Quem dá o pão do céu?

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas, pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou” (João 6:27);

“Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas, meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (João 6:32-33).

Quem dá o pão do céu, o Pai ou o Filho?

No verso 27, Jesus diz que Ele mesmo haveria de dar a comida que permanece para a vida eterna, mas, no verso 32, disse que o Pai é que dá o pão do céu: Cristo, que desce do céu e dá vida ao mundo.

Quem não observa o que disseram os evangelistas Mateus e Marcos, de que Cristo falava à multidão, somente por parábolas (Marcos 6:34), verá contradição nas palavras de Cristo.

Como o testemunho que um judeu dava de si mesmo não era aceito como verdadeiro, Jesus fala da sua própria pessoa à multidão, como de uma terceira pessoa. Ele utilizava o nome ‘Filho do homem’, ao se apresentar ao povo, e fazia referência ao seu ministério, como se ainda estivesse por vir: “... a qual o Filho do homem vos dará” (João 6:27).

Ora, a multidão não cria em Cristo como o enviado de Deus, antes, entendia que Ele era um dos profetas (João 6:14; Mateus 16:14) e, caso alguém admitisse ser Jesus o Cristo, seria acusado de blasfêmia ou, expulso da sinagoga (João 9:22).

A multidão deveria reconhecê-Lo como o Cristo, através do testemunho das Escrituras e das obras que Cristo realizava, por isso, Jesus não falava, abertamente, ao povo, ser o Cristo e proibia aqueles que eram curados, que falassem, abertamente, aos outros (Marcos 7:36).

Crer em Cristo, como profeta, é diferente de crer que Jesus é o Cristo, pois,

muitos creram à sua própria maneira e questionavam se o Cristo, quando viesse, faria sinais maiores que aqueles que Jesus operava: “E muitos da multidão creram nele e diziam: Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?” (João 7:31).

Os irmãos de Jesus ficavam intrigados porque Jesus não se manifestava, abertamente, ao povo (João 7:3-5). Por que Jesus não se manifestava, abertamente? Porque o povo de Israel tinha a obrigação de reconhecê-lo, através do testemunho que Deus deu do seu Filho, testemunho esse, que constava nas Escrituras, que Jesus era o Cristo, o Filho de Davi (João 5:39).

O povo de Israel ouvia os seus líderes lerem que os seus pais haviam comido o pão dos anjos, como se lê: “O homem comeu o pão dos anjos, ele lhes mandou comida a fartar” (Salmos 78:25), porém, não ensinavam que tal citação foi feita em uma passagem de repreensão, pela falta de confiança em Deus:

“Portanto o SENHOR os ouviu e se indignou; e acendeu um fogo contra Jacó e furor, também, subiu contra Israel; porquanto, não creram em Deus, nem confiaram na sua salvação ( ...) Quando a ira de Deus desceu sobre eles, matou os mais robustos deles e feriu os escolhidos de Israel. Com tudo isto, ainda, pecaram e não deram crédito às suas maravilhas. Por isso, consumiu os seus dias na vaidade e os seus anos na angústia” (Salmos 78:21-22 e 31-33).

Observe que o povo comeu o maná no deserto, porém, todos pereceram e, dos que saíram do Egito, somente dois entraram na terra prometida: Josué e Calebe.

A lei dava aviso solene, acerca do maná: “E te humilhou, te deixou ter fome e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais o conheceram; para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas, de tudo o que sai da boca do SENHOR, viverá o homem.” (Deuteronômio 8:3) Daí Jesus passou a ensiná-los, conforme expôs Moisés, que o verdadeiro pão do céu é dado por Deus e não por Moisés.

O que dá vida é o que sai da boca de Deus, ou seja, a sua palavra. Como Cristo é o Verbo de Deus, que desceu do céu, Cristo é o verdadeiro pão do céu, que dá vida ao mundo. Os versos 32 à 33 tratam da perspectiva divina, em conceder aos homens o verdadeiro pão do céu, pois, Cristo desce do céu e dá vida ao mundo, pela misericórdia de Deus.



Já o verso 27, trata da perspectiva dos homens, em como obter a comida que permanece para a vida eterna. Deus concede o pão do céu - Cristo - e, na condição de mediador entre Deus e os homens, é Ele que transmite aos homens as palavras de vida eterna que ouviu junto ao Pai (João 14:24; João 17:8; João 3:32-34).

Cristo dá o alimento para a vida eterna, porque Ele foi incumbido de anunciar aos homens a palavra de Deus e o Pai dá o pão para a vida eterna, porque Cristo foi enviado ao mundo, para anunciar a palavra de Deus.

## **Todo o que o Pai me dá virá a mim**

Após anunciar que o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo, a multidão respondeu: - **“Senhor, dá-nos sempre desse pão”**. Diante da solicitação da multidão, Jesus apresentou-se como o pão da vida ou, seja, aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo.

**“E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e quem crê em mim nunca terá sede”** (João 6:35).

Novamente, Jesus faz abordagem do tema, através de duas perspectivas: a divina e a humana. Aos homens que ‘vem’ a Cristo ou, seja, aqueles que ‘trabalharem’ pela comida que permanece (João 6:27), Cristo dá a sua palavra de que jamais terão fome. Em outras palavras, crer em Cristo é o mesmo que chegar-se a Ele, de modo que o núcleo da ideia ‘vem a mim’ e ‘crê em mim’ no verso 35, de João 6, é o mesmo e concede o mesmo benefício: o homem jamais terá fome e sede (João 7:38).

Mas, apesar do pedido: - **“Senhor, dá-nos sempre deste pão”**, Jesus lembra á multidão que, apesar de terem visto as maravilhas que operou sobre os enfermos (João 6:2), não creram n’Ele: **“Mas, já vos disse que, também, vós me vistes e contudo não credes”** (João 6:36).

O único meio de serem participantes do pão concedido por Deus, era crer que Jesus é o Cristo. Percebe-se, através do pedido da multidão: - **“Senhor, dá-nos sempre deste pão”**, que não compreenderam a linguagem de Cristo: **“Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra”** (João 8:43).

Em seguida, Jesus diz: “[Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim, de maneira nenhuma, o lançarei fora](#)” (João 6:37). Aquele que ‘vem’ a Cristo é porque tem sede e se o que tem sede crê em Cristo, conforme diz as Escrituras, beberá água viva, de modo que rios de água viva fluirão do seu ventre. “[E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre](#)” (João 7:37-38).

O que é beber da água que Jesus dá? Como comer o pão que desceu do céu? A resposta está no verso: “[Em verdade, em verdade, vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte](#)” (João 8:51). Ao obedecer a palavra anunciada por Cristo, o homem come do pão e bebe da água que dá vida, por isso nunca verá a morte.

Quem crê no nome de Jesus Cristo ou, seja, aquele que O recebe, Deus dá poder para ser feito filho de Deus, pois é gerado de novo, da vontade do Pai (João 1:12-13). Os que creem são gerados da vontade de Deus, portanto, como os que creem são filhos de Deus, segue-se que, especificamente, os ‘filhos de Deus’ são aqueles que Deus ‘concede’ a Cristo, como se lê:

[“Eis-me aqui, com os filhos que me deu o SENHOR, por sinais e por maravilhas em Israel, da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte de Sião”](#) (Isaías 8:18).

Quem é o Senhor que escondeu o seu rosto da casa de Israel? Quem é que se apresenta com os filhos concedidos por Deus?

Ora, o Senhor que escondeu o seu rosto da casa de Israel é Cristo, o mesmo Senhor que se assentou à destra da Majestade nas alturas (Salmos 110:1) e que deve ser santificado nos corações dos homens.

[“Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; e seja ele o vosso temor e seja ele o vosso assombro. Então, ele vos será por santuário; mas servirá de pedra de tropeço e rocha de escândalo, às duas casas de Israel; por armadilha e laço aos moradores de Jerusalém. E muitos entre eles tropeçarão e cairão, serão quebrantados, enlaçados e presos”](#) (Isaías 8:13-15).

Aquele que crê em Cristo, conforme diz as Escrituras, de maneira nenhuma será lançado fora por Cristo, porque, quem crê, passa a pertencer a Cristo ou, seja, é

dado pelo Pai ao Filho.

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu as conheço, elas me seguem e lhes dou a vida eterna e nunca hão de perecer e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que as deu, é maior do que todos; e, ninguém, pode arrebatá-las da mão de meu Pai” (João 10:27-29).

Mas, porque Jesus falou a multidão dessa forma? A resposta está no verso 45:

“Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus” (João 6:45).

A passagem de Isaías, que diz: “E todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e a paz de teus filhos será abundante” (Isaías 54:13), é a base do ensinamento de Jesus, quando diz: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer”.

Compare:

“E todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e a paz de teus filhos será abundante” (Isaías 54:13);

“Eis-me aqui, com os filhos que me deu o SENHOR, por sinais e por maravilhas em Israel, da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte de Sião” (Isaías 8:18);

“Então, declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação” (Salmos 22:22).

De que maneira o Pai dá alguém (todo aquele que o Pai me dá) a Cristo? Através dos ensinamentos contidos nas Escrituras. As Escrituras são o testemunho vivo do Pai, acerca de Cristo (João 5:39) e todos os que creem nas Escrituras vão (virá a mim) a Cristo.

“Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque, de mim, escreveu ele” (João 5:46).

Deus prometeu que todos os filhos da mulher desprezada seriam ensinados por Deus. E quem prometeu foi o Senhor, que escondeu o seu rosto da casa de Israel (Isaías 54:8). Observe:

“E todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e a paz de teus filhos

será abundante” (Isaías 54:13).

Jesus lembra os seus ouvintes:

“Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim” (João 6:45);

“Todo aquele que o Pai me dá virá a mim e o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37).

Qualquer que ‘ouve’ e ‘aprende’ de Deus é dado a Cristo, de modo que, por ouvirem e aprenderem de Deus, estes vão a Cristo.

O profeta Moisés bem disse:

“O SENHOR teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis (...) Eis lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar” (Deuteronômio 18:15 e 18).

O Pai ordenou aos filhos de Israel que ouvissem as palavras de seu Filho, pois, as palavras de Deus seriam postas na boca do Cristo e Ele falaria tudo o que Deus lhe ordenasse. Cristo falava somente o que Deus ordenou, de modo que, se o povo de Israel, verdadeiramente, desse ‘ouvido’ à palavra de Deus, creia em Cristo.

Por que Jesus diz que “Todo o que o Pai me dá virá a mim” (João 6:37)? Porque ele está interpretando o Salmo 22, que diz:

“Então declararei o teu nome aos meus irmãos; louvar-te-ei no meio da congregação” (Salmos 22:22).

Como o verso contém o pronome possessivo ‘meus’ ao falar dos filhos de Deus (meus irmãos), isso significa que eles foram ‘dados’ a Cristo.

Cristo declarou a mensagem de Deus no ajuntamento solene e, ao declarar o nome de Deus aos homens, os que creem são feitos irmãos de Cristo (filhos de Deus). Os filhos de Deus, por sua vez, são aqueles que foram ensinados por Cristo, de modo que as Escrituras previram que quando Cristo viesse, estaria acompanhado dos filhos que Deus lhe concedeu (Isaías 54:13; Isaías 8:18; Salmos 22:22).

## Jesus anunciou ser o Cristo por parábolas

Os judeus queriam que Cristo dissesse, abertamente, que Ele era o Cristo, porém, Jesus não dava testemunho de Si mesmo (João 5:31), antes, as Escrituras e as obras que Jesus realizava é que davam testemunho de que Ele era o Cristo.

“Rodearam-no, pois, os judeus e lhe disseram: Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-nos, abertamente. Respondeu-lhes Jesus: Já vos tenho dito e não o credes. As obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim” (João 10:24-25).

Ora, se o homem ouve o conteúdo da Escritura e aprende (compreende) o que é ensinado, verá que a palavra de Deus aponta para Cristo, de modo que, se o homem aprende o que o Pai ensina nas Escrituras, virá a Cristo, crendo que Ele é o enviado de Deus, e será feito um dos filhos de Deus, com os quais Cristo se apresenta: eis-me aqui!

Após anunciar que ‘o pão de Deus é aquele que desce dos céus’ (João 6:33), Jesus declara que desceu dos céus, identificando-se como o verdadeiro pão dos céus, e que fazia, não a sua, mas a vontade de Deus (João 6:38). E qual é a vontade de Deus?

“E essa é a vontade daquele que me enviou, que eu não perca nenhum de todos os que Ele me deu, mas o ressuscite no último dia.” (João 6:39).

“Porquanto, a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.” (João 6:40).

A vontade de Deus é que todos os que vejam a Cristo, creiam que Ele é o Filho de Deus, para alcançar a vida eterna. Quem crê, será ressuscitado por Cristo, no último dia, ao que se conclui que ‘os que são dados a Cristo’ pelo Pai são os que creem em Jesus, conforme diz as Escrituras.

Os que ‘pertencem’ a Cristo ou, melhor, os que foram concedidos por Deus a Cristo, jamais serão rejeitados. Quando Jesus enfatiza que aquele que o Pai me dá virá a mim, tem por base o que está escrito nos profetas: ‘E serão ensinados por Deus’.

“Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu, vem a mim” (João 6:45);

“Todo aquele que o Pai me dá virá a mim e o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37).

Se Deus havia de ensiná-los, conclui-se que, o que de Deus aprendeu (ouviu), irá a Cristo. E quem Deus dá a Cristo? Aqueles que Ele ensinou, através das Escrituras.

Só porque comeram pão a fartar, os filhos de Israel reputaram que Jesus era profeta e quiseram fazê-lo rei. O crivo que os ouvintes de Jesus utilizavam para aceitarem alguém como profeta era somente receber alimento cotidiano e não o que, desde o princípio, Deus havia anunciado. Não se importavam com o que era anunciado, mas, com o que era posto à mesa para comer (João 5:43).

Diante da declaração: ‘Eu sou o pão que desceu do céu’, murmuraram de Jesus, pelo fato de saberem que Jesus era filho de José e Maria (João 6:41-42).

Ao que Jesus respondeu: ‘Não murmureis entre vós.’ (João 6:43). Por que não deviam pensar daquela forma? Porque carne e sangue não tem os elementos necessários para alguém reconhecer se o outro é proveniente de Deus ou, não.

“Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelou, mas, meu Pai, que está nos céus.” (Mateus 16:17).

Por que os ouvintes de Jesus consultavam uns aos outros, acerca de José e Maria, quando ficavam na dúvida se Ele era o Cristo, se as Escrituras alertavam para não confiarem no amigo:

“Não creiais no amigo, nem confieis no companheiro; guarda as portas da tua boca daquela que repousa no teu seio. Pois o filho despreza o pai, a filha se levanta contra a mãe, a nora contra a sogra; os inimigos do homem são os da própria casa.” (Miqueias 7:5-6).

O alerta do profeta Miqueias está relacionado aos dias de confusão, dias esses em que as duas casas de Israel haveriam de tropeçar (Isaías 8:14). Em vez de perguntarem uns aos outros, os filhos de Israel deveriam consultar as Escrituras para identificarem o Cristo. Se estava previsto que os inimigos do Cristo seria os de sua própria nação, não deveriam analisar de quem Jesus era filho segundo a carne, mas, sim, o que as Escrituras diziam acerca dele.

Quando Jesus diz que **'ninguém pode vir a mim'**, fala por parábolas, pois, não podia dizer, abertamente, **'eu sou o Cristo'**. Quando se diz que é necessário o Pai que O enviou trazer esse alguém a Cristo, por parábola, Jesus ensina que somente através do testemunho de Deus que consta das Escrituras é possível alguém aceitá-Lo como salvador do mundo.

**"Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia."** (João 6:44);

**"E essa é a vontade daquele que me enviou, que eu não perca nenhum de todos os que Ele me deu, mas o ressuscite no último dia."** (João 6:39);

**"Porquanto, a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia."** (João 6:40).

Nos três versos há um núcleo de identidade: é Cristo quem ressuscitará o crente, no último dia. Reconhecendo que Deus deseja que todos os homens se salvem, e para isso é necessário que conheçam a Cristo (1 Timóteo 2:4), certo é que a vontade de Deus, que vejam a Cristo e creiam, para alcançarem a vida eterna. Ao crer em Cristo, o homem passa da morte para a vida, portanto, jamais se perde. Quem ouve a Cristo crê em Deus e vice-versa, pois, Cristo tornou Deus manifesto aos homens, através do evangelho.

**"Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida."** (João 5:24)

Os homens a quem foi manifesto o nome de Deus já eram salvos? Evidente que não! Na verdade, **'todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho'** (saías 53:6), por isso, é dito **'que do mundo me deste'**.

**"Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, tu os me deste e guardaram a tua palavra."** (João 17:6).

Quando é dito **'eram teus'**, temos de lembrar que do Senhor é a terra e a sua plenitude, portanto, todos os que habitam a terra pertencem a Deus (João 17:2). Entretanto, a salvação é concedida aos homens do mundo que obedecem a palavra de Deus, anunciada por Cristo.

Quando o sentido de *‘eram teus e tu os me deste’*? Temos de lembrar que Cristo é a destra e o braço do Senhor, salvação notória e justiça manifesta aos olhos dos gentios (Salmos 98:1-2), a quem foi dado julgar a terra (Salmo 98:9).

*“E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem.”* (João 5:27).

Se no enviado de Deus não havia beleza alguma, para que os homens o desejassem, não havia como os homens, que se guiam pela aparência, irem a Cristo (Isaías 53:2). Mas, Cristo, na condição de servo do Senhor, não veio fazer manifesto o seu próprio nome, mas, o nome daquele que O enviou.

Enquanto manifestava o nome de Deus ao mundo, muitos creram que Cristo era o enviado de Deus e obedeceram a palavra de Deus: creram em Cristo, de modo que é dito que Deus trás os homens a Cristo.

Cristo foi enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel para anunciar as palavras de Deus (Deuteronômio 18:18) e não para se fazer conhecido (João 7:4). Ao guardarem as palavras de Cristo, os homens guardavam o mandamento do Pai e a esses Cristo era manifesto.

*“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele.”* (João 14:21).

## **Calvinismo e arminianismo**

Enquanto as Escrituras apontam para Jesus de Nazaré como o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mateus 16:16), revelação que não se alcança por intermédio da carne e do sangue (Mateus 16:17), alguns sistemas doutrinários, engendrados por homens, deturpam o sentido das palavras de Cristo, para dar suporte às suas ilações.

Enquanto Jesus instruiu os seus ouvintes de que é necessário ouvir e aprender de Deus, para se chegar a Cristo, em quem há salvação (João 6:44-46), o calvinismo e o arminianismo desenvolveram o conceito controverso de que Deus escolheu, unilateralmente, aqueles que serão salvos e os que não serão.

Como a Bíblia apresenta os crentes em Cristo como “eleitos de Deus”, em função



de pertencerem a uma geração escolhida (1 Pedro 2:9), equivocadamente, concluíram que a salvação se dá por predestinação.

Cristo é o eleito de Deus, o ungido, o escolhido, o Messias, e os cristãos, por sua vez, por serem gerados, segundo a palavra da verdade, alcançam a posição de eleitos n'Ele. Cristo é o ungido, porque foi escolhido por Deus, para ser o primogênito entre muitos irmãos e o mais sublime dos reis da terra; já, os cristãos, não participaram de qualquer processo de escolha, antes, tomaram posse (eleitos-adjetivo), por causa de Cristo.

Ao longo da história da cristandade, tem se propagado dois pontos de vista sobre como se dá a salvação:

1. o arminianismo, que nomearemos visão presciente ou, de presciência, ensina que Deus, através de sua onisciência, por saber quem vai no curso do tempo escolher de própria vontade confiar em Jesus Cristo, para a sua salvação, de antemão, escolheu esses indivíduos para serem salvos;
2. o calvinismo, que segue viés agostiniano, ensina que Deus, por ser soberano, unilateralmente, concede aos indivíduos, que escolheu, fé para que possam crer em Jesus Cristo.

Em outras palavras, esses dois sistemas doutrinários alegam que a salvação se dá por eleição (ou, por predestinação) e dão vazão às controvérsias: de um lado, o arminianismo, de que a eleição de Deus para a salvação é baseada em um conhecimento prévio da fé de um indivíduo e, do outro, o calvinismo, de que a eleição para a salvação é baseada na graça livre e soberana do Deus Todo-Poderoso.

Ambos os sistemas negam, em essência, que a graça de Deus, que é Cristo, se manifestou segundo as Escrituras, trazendo salvação a todos os homens (Tito 2:11) e que é da vontade de Deus salvar os crentes pela loucura da pregação (1 Coríntios 1:21), de modo que a salvação se dá por intermédio do evangelho (Romanos 1:16; Efésios 1:13) e não por um processo seletivo.

Por que ambos os sistemas negam que Cristo trouxe salvação a todos os homens? Porque ambos afirmam que Deus escolheu alguns em detrimento de outros ou, que Deus tem preferência entre suas criaturas.

Enquanto Deus afirma que tem misericórdia dos que guardam os seus

mandamentos (Deuteronômio 5:10; Daniel 9:4), transtornam a palavra de Deus anunciada a Moisés, que diz: ‘Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e terei compaixão de quem me aprouver ter compaixão’ (Romanos 9:15). Enquanto aprova a Deus ter misericórdia dos que guardam os seus mandamentos, pois, jamais Ele honrará aquele que não O honra, sob o argumento de que Deus é soberano, alegam que Deus pode passar ao largo de sua própria palavra: honrar aquele que O despreza.

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade, tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim, perpetuamente; porém, agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam, serão desprezados.” (1 Samuel 2:30).

Um trocadilho utilizado por Deus para enfatizar um ensinamento que já havia sido dado é utilizado para negar a própria palavra de Deus (Êxodo 20:6 e Êxodo 33:19). Assim como aprova a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação, aprova a Deus ter misericórdia dos que O obedecem.

Moisés queria que Deus tivesse misericórdia dos filhos de Israel e tenta barganhar, ao que Deus responde que, ao que pecar, será riscado do livro da vida, pois, a misericórdia é para os que obedecem.

“Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito.” (Êxodo 33:32).

Outro trecho das Escrituras que deturpa é Romanos 9, no qual o apóstolo Paulo evidencia que a eleição não é para a salvação, mas, para Deus estabelecer o seu propósito.

Ao evidenciar que nem todas as pessoas etnicamente de Israel (isto é, aqueles descendentes de Abraão, Isaque e Jacó), pertencem ao verdadeiro Israel (os eleitos de Deus), o apóstolo Paulo utiliza a história de Israel para demonstrar que, mesmo Deus escolhendo Isaque e rejeitando Ismael, escolhendo Jacó e desprezando Esaú, Deus não se agradou da maioria deles (1 Coríntios 10:5).

Se eram eleitos, por que nem todos os descendentes de Abraão eram filhos de Abraão? (Romanos 9:7) Quando o apóstolo destaca que a palavra de Deus não falhou, fica evidente que a eleição dos pais não confere aos filhos filiação divina.

Por que Deus elegeu Isaque e Jacó? Para trazer o descendente prometido ao mundo e não para dar salvação aos filhos da carne de Abraão. Todas quantas promessas há de Deus, são nele o sim e por Ele o amém (2 Coríntios 1:20), de modo que, ao serem anunciadas as seguintes promessas: a) Em Isaque será chamada a sua descendência; b) Por esse tempo virei e Sara terá um filho e; c) O maior servirá o menor, Deus elegeu os pais em vista do seu propósito, estabelecido no Descendente, e por isso a sua palavra não falhou, mesmo a descendência de Abraão não sendo seus filhos.

“Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade e não há nele injustiça; justo e reto é. Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é.” (Deuteronômio 32:4-5).

Há injustiça da parte de Deus? Conforme os versos acima, jamais! Mesmo os filhos de Israel sendo eleitos, por causa dos pais, não eram salvos.

“E outra vez neste lugar: Não entrarão no meu repouso. Visto, pois, que resta que alguns entrem nele e que aqueles a quem primeiro foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência, determina, outra vez, um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia.” (Hebreus 4:5-8).

A escolha soberana de Deus, de trazer do alto o Cristo, da linhagem de Abraão, Isaque e Jacó (Romanos 10:6), não pode ser confundida com a palavra da fé que é anunciada, que é rica para com todos os que invocam a Cristo como Senhor (Romanos 10:8).

“Porquanto, não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo.” (Romanos 10:12-13).

A doutrina de eleição para a salvação é uma grande falácia, quer seja a vertente calvinista, quer seja a vertente arminianista, pois, a misericórdia de Deus só é demonstrada aos que obedecem ao evangelho.

“Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem

creu na nossa pregação?” (Romanos 10:16).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

---

# A presciência é ato e atributo de Deus?

O substantivo προγνωσις (prognosis) traduzido por ‘presciência’ quando utilizado pelo apóstolo Pedro não está associado à ideia de predestinação ou pré-ordenação.

---

## A presciência é ato e atributo de Deus?

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja?” (Jeremias 23:24).

### Introdução

O pastor batista Claude Duvall Cole, no artigo ‘A Presciência de Deus’, afirma que a presciência é atributo e um ato divino. Para chegar a essa conclusão, ele cita sete versículos na Bíblia que contém o termo ‘presciência’.

O Pr. Arthur W. Pink, no livro ‘Atributos de Deus’[\[1\]](#), ao falar da onisciência, apresenta Deus conhecedor de todas as coisas, do passado, do presente e do futuro, mas, também, faz alusão à presciência de Deus.

Analisaremos o artigo do Pr. C. D. Cole e faremos algumas alusões à exposição do Pr. Pink.

Vejamos:

“Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Romanos 8:29);

“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu” (Romanos 11:2);

“Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão” (2 Pedro 3:17);

“Sabendo de mim desde o princípio” (Atos 26:5);

“O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda, antes da fundação do mundo” (1 Pedro 1:20).

“A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus” (Atos 2:23);

“Eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (1 Pedro 1:2).

Vale destacar que, dos sete versículos acima, cinco vezes o termo presciência aparece na forma verbal e duas vezes, na forma substantivada. O verbo προγινώσκω (proginóskó) aparece em Romanos 8:29, Romanos 11:2, Atos 26:5, 2 Pedro 3:17, 1 Pedro 1:20 e a forma substantivada πρόγνωσις, εως, ή (prognósis em) aparece em Atos 2:23 e 1 Pedro 1:2.

O comentário que o Pr. Cole faz acerca do uso de certos termos na Bíblia é válido, porém, a aplicação prática que faz do seu argumento, com relação ao ter ‘presciência’ é falha.

*“É bom que lembremos que o significado de certos termos bíblicos não é determinado pelo uso popular de nossos dias, nem pela referência de dicionários modernos, mas, pelos seus usos nas Escrituras. Somos aptos a pensar que conhecemos certa palavra e deixamos de verificar tal palavra pelo uso de uma concordância.”* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus. Artigo disponível em: < <http://palavraprudente.com.br/biblia/definicao-de-doutrina-volume-1/capitulo-11-a-presciencia-de-deus/> >, consulta realizada em 13/02/18.

O que determina o significado de um termo, quando utilizado pelos apóstolos é o contexto no qual foi utilizado e nessa tarefa de descobrir o significado de um termo, uma concordância bíblica não traz uma ajuda confiável.

## **Presciência como atributo**

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o SENHOR. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o SENHOR” (Jeremias 23:24).

O Pr. Cole afirma que, após muito estudo, concluiu que a presciência é, tanto atributo, quanto um ato de Deus. Seria muito bom se este estudo fosse inserido aqui, pois poderíamos analisar passo a passo como ele chegou a essa conclusão.

Quando dizemos que Deus é onisciente, significa dizer que Ele é conhecedor, em profundidade, de tudo o que é pertinente ao mundo dos homens, tais como os eventos reais, fenômenos, leis, pensamentos, imaginações, sonhos, possibilidades, probabilidades, etc., quer sejam do passado, do presente ou, do futuro.

Esse saber é, igualmente, pleno, com relação aos seres celestiais e os eventos que ocorrem na eternidade. Deus conhece plenamente todas as nuances de todos os seres, quer sejam humanos ou, celestiais, anjos ou, demônios. Nada escapa ao conhecimento de Deus, quer sejam as ações e omissões, intenções e desejos, sentimento e emoções, erros e acertos, etc.

Esse conhecimento não advém de pesquisa, intuição, raciocínio, pensamento, etc., antes, decorre de constatação presencial, pois Ele é igualmente onipresente e nada escapa à sua observação.

O conhecimento de Deus alcança tanto o macro, quanto o micro. Não há nada tão elevado ou, tão profundo que Ele não conheça igualmente e profundamente e, em ambos os aspectos, com a mesma facilidade e plenitude (Atos 17:28).

É em função da onisciência de Deus, que o escritor aos Hebreus disse:

“E não há criatura alguma encoberta diante dele: antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hebreus 4:13)

No Salmo 139, em espírito, Davi descreve a onisciência de Deus, através da perspectiva do Cristo:

“SENHOR, tu me sondaste e me conheces. Tu sabes o meu assentar e o meu

levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar; e conheces todos os meus caminhos. Não havendo, ainda, palavra alguma na minha língua, eis que logo, ó SENHOR, tudo conheces. Tu me cercaste por detrás e por diante e puseste sobre mim a tua mão. Tal ciência é, para mim, maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir. Para onde me irei do teu espírito ou, para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás, também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá” (Salmo 139:1-10).

No Salmo 110, temos o Senhor (Pai) dizendo ao Cristo, Senhor (Filho) do Salmista: “Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés” (Salmo 110:1) e no Salmo 139, temos o Senhor, Filho do salmista, orando ao Senhor (Pai).

Como nada há que escape à atenção de Deus, há quem fique perplexo por ter que, um dia, prestar contas a Deus, por causa de todas as ações e omissões praticadas neste mundo. Entretanto, tal qual a plenitude do conhecimento que Deus detém de todas as coisas, Ele é, igualmente, justo e reto.

“Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também, tu serás cortado” (Romanos 11:22).

Arthur W. Pink, ao falar da onisciência de Deus, acredita que, se o homem compreendesse o glorioso atributo da onisciência divina, conseqüentemente, se renderia a Deus em adoração. No entanto, não é a compreensão dos atributos de Deus que faz com que o homem se torne um adorador, porque somente através da palavra de Deus, revelada no Evangelho, é possível ao homem honrá-lo e adorá-lo.

O homem só honra a Deus quando obedece à sua palavra: crendo em Cristo e não quando reconhece os seus atributos. O homem só adora a Deus, em espírito e em verdade, ou seja, segundo a palavra de Deus revelada em Cristo, que é espírito e verdade. À parte da palavra de Deus, que se constitui mandamento de Deus aos homens, não há como o homem honrá-Lo, adorá-Lo ou amá-Lo.

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20:6).

Se fosse possível render-se em adoração somente compreendendo a onisciência de Deus, não seria necessário anunciar o evangelho, mas, sim, convencer as pessoas, acerca dos atributos de Deus. Ou melhor, bastaria convencer as pessoas da existência de Deus, enquanto que Cristo demonstra a inutilidade da crença em Deus, se não crer que Jesus é o Cristo.

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.” (João 14:1);

“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.” (João 7:38);

“Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.” (João 6:29);

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito (...) Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem e estremecem.” (Tiago 1:25 e 2:19).

Os judeus criam em Deus, mas não quiseram realizar a sua obra, observar o mandamento que Deus deu acerca de seu Filho: crer no enviado de Deus e perseverar para ser bem-aventurado.

Muitos ficam maravilhados pelo fato de ser, igualmente, impossível a todos os seres criados por Deus se esconderem ou esconderem algo de Deus, até mesmo os pensamentos: “... quanto às coisas que vos sobem ao espírito, eu as conheço” (Ezequiel 11:5). Altura e profundidade, dia e noite, claridade e trevas, pensamento e sentimentos, etc., é o mesmo diante de Deus.

Deus viu o pecado de Adão e Eva. Também, contemplou Caim matar Abel. Deus viu quando Sara riu, ao ouvir do anjo, que geraria um filho, sendo que já estava em avançada idade. Acã não conseguiu esconder de Deus, que furtou uma cunha de ouro e escondeu na terra. Os segredos de Davi, que se deitou com Bate-Seba e assassinou Urias, não passaram despercebidos aos olhos de Deus. Em razão desses eventos não terem passado despercebidos por Deus, alguém pode presumir que, em função desse atributo divino, os homens deveriam temê-Lo.

Na verdade, os homens devem temer a Deus, porque com Ele está o perdão e não



porque Ele pode punir: “Mas, contigo está o perdão, para que sejas temido” (Salmo 130:4). O sentido do termo ‘temor’, no versículo, é honrar, obedecer e não medo, como muitos interpretam. Os homens devem obedecer a Deus, ou seja, honrá-Lo, obedecê-Lo e não ficarem receosos, ao considerarem os seus atributos, pois a obediência lança fora o medo (1 João 4:18).

Essas considerações foram feitas por causa do que escreveu Arthur W. Pink, no Livro ‘Atributos de Deus’, ao afirmar que, se fosse possível, os homens alijariam Deus da sua onisciência, para não ser possível Deus testemunhar os pecados dos homens[2].

O pensamento de Pink decorre da ideia de que o julgamento da humanidade se dará em função dos erros de condutas diários e, por isso, a necessidade de Deus testemunhar todos os erros dos homens. Entretanto, em Adão a humanidade pecou, ou seja, ficou aquém da glória de Deus e todos já estão julgados e apenados com a morte, portanto, o juízo de Deus já foi estabelecido, independentemente das ações diárias dos homens. Os homens são pecadores pelo fato de um só homem ofender a Deus e não porque cometem erros de condutas.

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim, também, por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Romanos 5:18-19).

A onisciência de Deus, quanto às boas e más ações dos homens, não é o que sujeita o homem à condenação, mas, sim, a ofensa de Adão. Por ser onisciente, Deus ‘vê’ até as intenções dos corações de todos os homens e esse conhecimento somente será utilizado em dois eventos:

1. a) no julgamento do Tribunal de Cristo, quando os salvos serão julgados, com relação às obras (2 Coríntios 5:10; 1 Coríntios 3:11-15), e;
2. b) no Tribunal do Grande Trono Branco, quando os homens perdidos serão julgados quanto às obras, mas, esses erros não são a causa da condenação (Apocalipse 20:12).

Os pressupostos do Dr. Pink: de que os homens odeiam a onisciência divina, bem como a prova que ele utiliza: ‘... *a inclinação da carne é inimizade contra Deus...*’ [3], ambas são equivocadas. Primeiro, porque as Escrituras não

dependem dos anseios ou, do sentimento de ódio dos homens, para se revelar verdadeira. Segundo, porque o sentimento de ódio dos ímpios não é prova de que a inclinação da carne é inimizade contra Deus.

Ele não considerou que o termo 'carne', quando utilizado pelos apóstolos no Novo Testamento, dependendo do contexto, se refere à doutrina de homens, que impediu os filhos de Israel de se sujeitarem ao mandamento de Deus. Qualquer que segue mandamentos de homens está na carne e não no espírito (evangelho), por isso não pode agradar a Deus.

“Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou, pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gálatas 3:2-3).

A pregação da fé refere-se ao espírito, enquanto que, retornar às obras da lei, é acabar na carne. Quem anda segundo o espírito, ou seja, segundo o evangelho, não está debaixo de nenhuma condenação, mas, para quem anda segundo a carne, a condenação permanece.

“Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” (Romanos 8:4).

O apóstolo Paulo, por ser judeu, poderia andar segundo a carne, mas considerou tudo o que herdou de seus pais, segundo a carne, como esterco:

“Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito e nos gloriamos em Jesus Cristo e não confiamos na carne. Ainda que, também, podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho, reputei-o perda por Cristo.” (Filipenses 3:3-7).

Ao citar Oseias 7, verso 2 [4], o Dr. Pink o faz sem considerar o contexto. O texto não sugere que os ímpios querem banir Deus de seus pensamentos, antes que os religiosos judeus não consideram que Deus jamais se esqueceria das suas maldades. Na sequência, o erro se repete ao citar o Salmo 90, verso 8, pois, os que rejeitam a Cristo nem mesmo possuem condições de considerar o teor do verso em destaque e a abordagem de Moisés não trás a lume a onisciência de

Deus, mas, sim, o fato de Deus retribuir como ira e furor os desvios dos filhos de Israel.

O Pr. Cole faz uma definição dos atributos de Deus, que, em essência, são aspectos da sua natureza e, por fim, conclui, após muito estudo, que a presciência é, tanto atributo, quanto ato de Deus [5]. Nesse sentido, o Pr. Cole afirma que, quando o termo '[presciência](#)' é utilizado no sentido popular, significa o conhecimento de Deus de coisas antes de acontecerem.

Se esse sentido popular atribuído ao termo '[presciência](#)' corresponde à verdade, ou seja, 'o conhecimento de Deus de coisas antes de acontecerem', tal concepção nada mais é do que um reducionismo da ideia contida no termo '[onisciência](#)' [6]. Se há um nome específico para o conhecimento que Deus detém acerca de coisas futuras, teríamos que ter um termo popular para o conhecimento de Deus das coisas do presente e do passado.

Presciência é um ramo da '[onisciência](#)'? [7]

Mas, deste estudo, surgem algumas perguntas: qual foi o uso que os apóstolos fizeram do termo '[presciência](#)'? Popular ou acadêmico? O apóstolo Paulo, ao fazer uso do grego *koine*, fez uso acadêmico ou popular? O apóstolo Pedro, auxiliado por Silvano, que fez uso do grego a dar inveja aos acadêmicos, fez uso do termo, considerando o seu sentido popular ou acadêmico?

## **Conhecer e propriedade**

O Pr. Cole, ao falar da presciência, somente repete argumentos apresentados por outros calvinistas. Geralmente, apresentam algum outro doutor como autoridade, para validar ou dar autenticidade aos argumentos. Por exemplo:

*“Quando presciência é usada como um ato divino, ela significa quase a mesma coisa que pré-ordenação. Deixamos novamente o Dr. Hodge falar: “Embora, a presciência de Deus, no sentido de pré-conhecimento seja assegurada no N. T., este não é o mesmo significado, quando usada para traduzir as palavras gregas “*proginoskein*” e “*prognosis*”. Estas palavras que, às vezes são traduzidas como pré-ordenação, significam muito mais que a mera presciência ou previsão intelectual. Ambas as formas, verbal e substantiva, aproximam-se*

*da ideia de pré-ordenação e são intimamente ligadas às passagens onde se encontram”.” (Idem).*

De tudo que foi dito acima pelo Pr. Cole e o Dr. Hodge, e que é aproveitável, é que os termos “proginoskein” e “prognosis” estão ‘intimamente ligadas às passagens onde se encontram’. Agora, dizer que ‘as formas, verbal e substantiva, aproximam-se da ideia de pré-ordenação’, decorre somente de má leitura.

Quando o Pr. Cole diz que, embora o termo ‘presciência’ não ocorra no Antigo Testamento, o termo ‘conhecer’ é encontrado diversas vezes. Ele afirma que o termo ‘conhecer’, no Antigo Testamento, significa, muitas vezes, amar ou escolher.

*“Quando presciência se aplica aos acontecimentos, inclusive ‘à livre ação do homem, ela indica a previsão divina ou, o conhecimento de antemão. Quando referente às pessoas, ela tem sentido de favor, denotando não só uma mera ação da mente, mas uma afeição para com a pessoa em vista. A palavra presciência não se encontra no V. T., mas a palavra conhecer é encontrada, muitas vezes, e significa, muitas vezes, amar ou, escolher.” (Idem).*

É bem verdade que o termo ‘conhecer’ quando utilizado no Antigo Testamento ganha novos contornos, e, dependendo do contexto, ocorre uma ressignificação.

O que o Pr. Cole não observa é que o termo ‘conhecer’ ganha novos significados quando aplicado à relação marido e mulher ou, quando Deus recrimina a nação de Israel ou, em razão de uma missão específica atribuída a alguém, etc.

O termo ‘conhecer’ foi utilizado para descrever a relação sexual do casal Adão e Eva, especificamente, pelo fato de se tornarem um só corpo e uma só carne.

*“E conheceu Caim à sua mulher e ela concebeu e deu à luz a Enoque; e ele edificou uma cidade e chamou o nome da cidade, conforme o nome de seu filho Enoque;” (Gênesis 4:17).*

Porém, o mesmo termo foi utilizado para fazer referência ao momento que ambos descobriram que estavam nus.

*“Então foram abertos os olhos de ambos e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais.” (Gênesis 3:7).*

Através da estrutura que é própria às poesias hebraicas, o paralelismo, é possível compreender o sentido que o termo 'conhecer' é empregado. Observe:

“Um coração perverso se apartará de mim; não conhecerei o homem mau.”  
(Salmos 101:4).

O homem mau é aquele que possui um coração perverso, de modo que 'estar apartado' do Senhor é o mesmo que não ser conhecido d'Ele e o termo 'conhecer' não assume o valor de amar ou escolher, como afirma o Pr. Cole.

O termo 'conhecer', geralmente, é utilizado para descrever a relação de Deus com o povo de Israel e não a relação com indivíduos, em particular.

“OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades.” (Amos 3:1 -2).

Deus 'conheceu' o povo de Israel pelo fato de ser propriedade peculiar dentre todos os povos!

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.” (Êxodo 19:5).

Em função dos pais: Abraão, Isaque e Jacó, que os filhos de Israel, como povo, foi amado, no entanto, individualmente, Deus não se agradou da maioria deles, e, por isso, pereceram no deserto (1 Coríntios 10:5).

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

Deus não se agradou da maioria dos filhos de Israel, antes se agradou dos pais (Abraão, Isaque e Jacó), e escolheu a descendência dos pais. Isto não significa que Deus amou alguém, em particular ou, que escolheu alguém, em particular.

A relação de Deus com alguém, em particular, sempre será condicional. Deus ama os que o amam, honra os que o honram e terá misericórdia dos que o obedecem:

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade, tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim, perpetuamente; porém, agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados.” (1 Samuel 2:30);

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

Com Abraão não foi diferente, pois, ele obedeceu a todos os mandamentos de Deus e, por isso, foi honrado, de modo que Deus prometeu que, em Abraão, seriam benditas todas as famílias da terra.

“Porquanto, Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.” (Gênesis 26:5).

Quando lemos a passagem de Jeremias, que diz:

“Antes que te formasse no ventre te conheci e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta” (Jeremias 1:54).

O termo ‘conhecer’ denota ‘propriedade’, pois, foi para servir a Deus, como profeta, que Deus santificou a Jeremias, ou seja, o separou. ‘Conhecer’ tem relação com a missão que o profeta foi comissionado a desempenhar: ‘às nações te dei por profeta’, portanto, não denota afeição ou, escolha para a salvação.

“Porque todo o primogênito é meu; desde o dia em que tenho ferido a todo o primogênito na terra do Egito, santifiquei para mim todo o primogênito em Israel, desde o homem até ao animal: meus serão; Eu sou o SENHOR.” (Números 3:13).

Um homem pode ser comissionado para uma missão ‘conhecendo’ a Deus ou, não ou, somente Deus pode ‘conhecê-lo’, ao empenhá-lo em uma missão, mas isso não significa que o comissionado para a missão específica está ou, será salvo. Um exemplo encontra-se na pessoa de Ciro, que desempenhou uma missão, mesmo ele não ‘conhecendo’ a Deus.

“Por amor de meu servo Jacó e de Israel, meu eleito, eu te chamei pelo teu nome, pus o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses. Eu sou o SENHOR e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças;” (Isaías 45:4-5).

É obvio que, nos versos abaixo, ‘conhecer’ não tem o sentido de saber, de ter ciência, mas, também, não significa ‘afeição’ ou, ‘escolha’.

“OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades.” (Amos 3:1-2).

Observe que Deus não está afeiçoado aos filhos de Israel, antes, os está repreendendo pelas iniquidades do povo. O termo ‘conhecer’ não é aplicado a um indivíduo, mas à nação como um todo. A nação Deus ‘conhece’ porque é sua propriedade peculiar, mas, os indivíduos não eram ‘conhecidos’ do Senhor, antes, alvos da punição divina. É dito que Deus ‘conheceu’ o povo, porém, esse ‘conhecer’ decorre do fato de Deus se afeiçoar aos pais, porque foram obedientes, de modo que Deus os preservou, por amor ao Seu nome: Deus fiel, em vista do juramento feito aos patriarcas.

“E sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu proceder para convosco, por amor do meu nome; não conforme os vossos maus caminhos, nem conforme os vossos atos corruptos, ó casa de Israel, disse o Senhor DEUS.” (Ezequiel 20:44);

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:6-8);

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

A citação que o Pr. Cole faz de Oséias pede uma explicação:

“PÕE a trombeta à tua boca. Ele virá como a águia contra a casa do SENHOR, porque transgrediram a minha aliança e se rebelaram contra a minha lei. E a

mim clamarão: Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos. Israel rejeitou o bem; o inimigo perseguiu-lo-á. Eles fizeram reis, mas não por mim; constituíram príncipes, mas eu não o soube; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos” (Oseias 8:1-4).

Deus declara que os filhos de Israel constituíram reis, mas não a mando de Deus. Constituíram príncipes, mas Deus não o soube! É possível Deus desconhecer algum evento, sendo onisciente? Não! O termo ‘saber’ foi utilizado para demonstrar que Deus não havia ordenado que constituíssem príncipes. Se clamavam: ‘Deus meu!’ e diziam que ‘conheciam’ ao Senhor, os filhos de Israel deveriam se sujeitar, como servos obedientes, porém, transgrediram a aliança e se rebelaram contra a lei.

Quando é dito que Deus ‘conhece’ o caminho dos justos, o termo não tem a conotação de amor e escolha, antes aponta para a instrução que Deus dá aos homens.

“Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; porém, o caminho dos ímpios perecerá.” (Salmos 1:6);

“Faze-me saber os teus caminhos, SENHOR; ensina-me as tuas veredas.” (Salmos 25:4).

O Pr. Cole afirma que, no Novo Testamento, o termo ‘conhecer’ ganha o mesmo sentido que no Antigo Testamento, que é ‘amor’ e ‘afeição’:

*“E a palavra conhecer é também muitas vezes usada no N. T. no mesmo sentido. “E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci”. Mateus 7:23. Isto significa que Ele não os conheceu para a salvação. “Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e das minhas sou conhecido”. João 10:14. “Mas, se alguém ama a Deus, este é conhecido dele”. 1 Coríntios 8:3. E novamente, “O Senhor conhece os que são seus”. 2 Timóteo 2:19. Nestes versículos o conhecimento de Cristo é limitado aos salvos, e, portanto não pode significar uma mera associação, mas uma afeição. Deus conhece a todos, mas nem todos têm Sua afeição.” (Idem).*

Quando for dito abertamente por Jesus: - *“Nunca vos conheci”* (Mateus 7:23), somente significa que Ele não os conheceu para a salvação? Os versículos seguintes citados pelo Pr. Cole responde a questão e lança luz ao significado do



termo 'conhecer' no Novo Testamento.

Jesus, como o Bom Pastor, afirma que 'conhece' as suas ovelhas e das suas é 'conhecido', portanto, as pessoas que um dia ouvirão: 'Nunca vos conheci', significa que nunca pertenceram a Cristo como ovelhas (João 10:14).

Mas, como alguém passa a ser propriedade de Cristo como ovelha? Basta amar a Deus, pois quem ama a Deus é conhecido d'Ele, mas quem não ama, não é conhecido de Deus.

["Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor."](#) (1 João 4:8; 1 Coríntios 8:3)

O termo 'conhecer' tem o significado de 'pertencer', 'ser propriedade', portanto, diferente da ideia de 'escolha' ou 'amor'. Isso porque, em momento algum o Pr. Cole observou que o termo 'amor' também sofre ressignificação no Novo Testamento, dependendo do contexto empregado e pode significar 'mandamento' ou 'obediência', quase nunca 'afeição' ou 'escolha'.

["O Senhor conhece os que são seus."](#) (2 Timóteo 2:19).

["Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados."](#) (1 João 5:3).

O amor que Deus requer dos homens que guardem os seus mandamentos, para que o homem possa 'conhecer' a Deus ou, antes, ser conhecido d'Ele. Qualquer que ama a Deus alcança misericórdia, de modo que o amor de Deus não está na tal 'presciência'.

Diferentemente do que afirma o Pr. Cole, nesses versículos é dito que Cristo 'conhece' os salvos pelo fato de terem obedecido ao mandamento de Deus, portanto, se fizeram servos, tornando-se propriedade de Deus. O termo 'conhecer' não possuía a conotação de afeição quando em referência aos salvos, antes indica comunhão íntima, pois em obediência ao evangelho o homem se torna um só corpo com Cristo.

["Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado;"](#) (2 Pedro 2:21);

“Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Deus não se afeiçoou dos salvos, antes lhes deu mandamento para que, obedecendo, se façam servos:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

*“Nestes versículos o conhecimento de Cristo é limitado aos salvos, e, portanto não pode significar uma mera associação, mas uma afeição. Deus conhece a todos, mas nem todos têm Sua afeição.” (Idem).*

## **Presciência e pré-ordenação**

Após abordar o termo ‘conhecer’, torna-se estranha a colocação do Pr. Cole, pois ele afirma que o termo ‘presciência’ significa ‘conhecer com o intento de abençoar’, isto com relação às pessoas:

*“Agora, a “presciência das pessoas” significa pré-conhecer com propósito benigno. Significa conhecer com o intento de abençoar. A presciência de Deus de uma pessoa indica Seu favor a tal pessoa e Sua intenção de salvá-la. No fim, os pré-conhecidos serão glorificados, pois, Deus os salvou com tal propósito. O primeiro ato da benevolência de Deus para com os pecadores foi o de pré-conhecê-los. E tal presciência (historicamente) foi a base para todas as outras bênçãos subsequentes. “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. Romanos 8:29.” (Idem).*

Ora, os termos ‘conhecer’, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, podem indicar o favor de Deus para com um povo que Ele tomou por propriedade peculiar ou, para com um indivíduo que O obedece. Agora, ele enfatiza que a presciência de pessoas significa pré-conhecer com propósito benigno?

A abordagem seguinte faz menos sentido ainda, principalmente pelos versículos citados:

*“Deus olhou para alguns pobres pecadores com favor gracioso e determinou fazê-los semelhantes a Seu Filho glorioso. E Ele não lança fora aos que predestinou. Romanos 11:2. Sobre este versículo Dr. A. T. Robertson fez estes comentários: “Deus escolheu um povo, o povo de Israel, por este motivo é que Ele não os lançava fora”.” (Idem).*

Em vez de comentar o verso 2 de Romanos 11, o Pr. Cole se socorre da explicação de outra pessoa. O que diz Romanos 11, verso 2?

*“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu. Ou, não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo:” (Romanos 11:2).*

Deus não lançou fora o povo de Israel pelo fato de tê-los escolhido? Esse motivo dado pelo Dr. A. T. Robertson é o que diz as Escrituras? Não! Deus não os rejeitou por amor do Seu próprio nome e para guardar a promessa que foi feita aos patriarcas.

*“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:6 -8);*

*“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).*

O verbo προγινώσκω (proginóskó) traduzido por ‘que antes conheceu’ em Romanos 11, verso 2, não tem o significado de ‘conhecer’ com um propósito benigno e nem com intento de abençoar indivíduos. O texto fala que Deus ‘conheceu’ o povo de Israel, não indivíduos em Israel.

O povo não foi rejeitado por causa do amor que Deus tem pelo Seu nome e por causa do juramento feito aos pais, no entanto, a maioria dos indivíduos em Israel foi prostrada no deserto, pois, mesmo sendo descendência de Abraão, não eram

os seus filhos (Romanos 9:7; 1 Coríntios 10:5).

Vários indivíduos em Israel foram lançados fora, mesmo Deus tendo 'pré-conhecido' o seu povo. O verbo προγινώσκω (proginóskó) tem o sentido no verso de Deus ter tomado como propriedade peculiar um povo, não que o termo implica em um favor por uma pessoa ou a sua intenção de salvá-la.

Relacionar o uso do verbo προγινώσκω (proginóskó) no verso 2 de Romanos 11, com o verso 29, de Romanos 8, é desconsiderar os contextos em que os termos foram empregados, pois este trata de indivíduos que amam a Deus, e aquele de um povo em que os patriarcas amaram a Deus.

O segredo para ser 'pré-conhecido' está no verso 28: [“Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus...”](#), isto em função do que diz o Salmo:

[“Todas os caminhos do SENHOR são amorosos e fiéis para aqueles que guardam a sua aliança e os seus testemunhos.”](#) (Salmo 25:10).

Amar é obedecer, honrar, guardar a aliança, seguir os testemunhos, etc., de modo que quem ama conhece a Deus, ou antes, é conhecido d'Ele:

[“Mas, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?”](#) (Gálatas 4:8-9).

[“Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é amor.”](#) (1 João 4:8; 1 Coríntios 8:3)

Em Romanos 8, verso 29, o verbo προγινώσκω (proginóskó) não significa pré-conhecer pessoas com propósito benigno, antes indica que os predestinados são aqueles que amam a Deus, tornando-se então, conhecidos d'Ele. Sem conhecer a Deus ou, antes, sem ser conhecido d'Ele, jamais o indivíduo estará predestinado a ter a imagem de Cristo, portanto, não será um dos participantes do propósito que Deus estabeleceu em Seu Filho: a preeminência de Cristo em todas as coisas, a posição de primogênito entre muitos irmãos.

A ideia de que a benevolência de Deus para com os pecadores foi a de “pré-conhecê-los” destoa da verdade bíblica, vez que a benevolência do Senhor é

demonstrada em seu mandamento:

“Tu, pois, converte-te a teu Deus; guarda a benevolência e o juízo e em teu Deus espera sempre.” (Oseias 12:6).

O relacionamento de Deus para com o homem é condicional sempre, pois Ele só faz misericórdia aos que o amam:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6);

“Eu amo aos que me amam e os que cedo me buscarem, me acharão.” (Provérbios 8:17).

Moisés intercedeu pelo povo de Israel, querendo que Deus demonstrasse misericórdia quando pecaram, fazendo um bezerro de ouro. Mas, Deus reiterou que riscaria o nome do livro da vida somente de quem pecasse contra Ele, demonstrando que jamais riscaria o nome de Moisés ou, que perdoaria a transgressão do povo, de modo que essa verdade foi expressa em um trocadilho:

“Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êxodo 33:19).

O que Deus reiterou a Moisés? Que, mesmo fazendo passar toda a Sua bondade diante de Moisés, uma coisa era certa: Deus terá misericórdia de quem o ama e se compadece de quem O obedece. A base para a bênção do Senhor está em sua benevolência, mas para alcançá-la, o homem tem que se sujeitar ao mandamento de Deus.

Até agora estávamos considerando o verbo grego προγινώσκω (proginóskó) e demonstramos que, para ser ‘conhecido’ de Deus, se faz necessário servi-lo em amor, ou seja, em obediência.

Mas, o Pr. Cole parece ter se esquecido da observação que fez no início do texto, que também há o substantivo πρόγνωσις (prognósis), traduzido por ‘presciência’ ou ‘pré-conhecer’, quando faz referência ao verso 2, da primeira carta de Pedro, capítulo 1:

*“Aqueles a quem Deus escolheu antes da fundação do mundo, não serão abandonados no presente, nem no futuro. Estes são os “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”. 1 Pedro 1:2. Nesse versículo, notamos que eleição é baseada na presciência de Deus Pai. Aqueles a quem o Pai olhou com favor gracioso foram eleitos à obediência da fé e para a aspersão do sangue de Cristo. E esta obediência resulta do poder santificador do Espírito Santo. O leitor deve notar que enquanto a eleição é para salvação, esta salvação não é sem a fé em Jesus Cristo. Os eleitos são justificados, mas a justificação é pela fé no sangue de Cristo. Romanos 5:1; 3:28; 4:5; etc.” (Idem).*

O substantivo πρόγνωσις (prognósis), quando utilizado por Pedro não tem o mesmo sentido do verbo προγινώσκω (proginóskó), quando utilizado pelo apóstolo Paulo, visto que esse depende do homem amar a Deus para Deus conhecê-lo e aquele tem o sentido de ‘dar a conhecer de antemão’, ‘profecia’.

O apóstolo Pedro faz uso do substantivo πρόγνωσις (prognósis), com o mesmo sentido que fez em seu primeiro sermão diante dos judeus.

*“Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos;” (Atos 2:22-23).*

O substantivo πρόγνωσις (prognósis), quando utilizado pelo apóstolo Pedro, tem em vista o que foi predito pelos profetas nas Escrituras, como se lê:

*“Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).*

No texto de Atos, o substantivo προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, um conhecimento anunciado de antemão por Deus aos homens, conforme o próximo discurso do apóstolo Pedro:

*“Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer (...) E envie ele a Jesus Cristo,*

que já dantes vos foi pregado (...) Sim, e todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também predisseram estes dias.” (Atos 3:18, 20 e 24);

“Para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer” (At 4:28).

Cristo Jesus foi entregue aos judeus, conforme a vontade de Deus (conselho) e essa vontade foi anunciada aos homens de antemão pelos profetas (Efésios 1:11; Hebreus 10:10).

O substantivo προγνωσις (prognosis), quando utilizado pelo apóstolo Pedro, em momento algum está associado à ideia de predestinação ou, de pré-ordenação, antes, ele faz referência ao conhecimento dado de antemão pelos profetas. É por intermédio do conhecimento anunciado de antemão por Deus, o espírito (palavra) de santificação, concedido para obediência e aspensão do sangue de Jesus Cristo, que os cristãos são eleitos.

O apóstolo Pedro evidencia que os cristãos são eleitos segundo o que Deus havia anunciado, através dos seus santos profetas, pois estava previsto que, com o seu ‘conhecimento’, o Cristo justificaria a muitos (Isaías 53:11). É através do espírito que estava sobre o Cristo (Isaías 11:1-2; Isaías 61:1; Isaías 42:1 e 7; Joel 2:28; Deuteronômio 32:2), a palavra de santificação (santificação do espírito), que os homens são limpos (João 6:63; João 15:3).

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspensão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Para ser agraciado com a santificação proporcionada pelo espírito, o homem precisa obedecer e só então alcançará a aspensão (purificação) do sangue de Cristo.

Ao fazer a leitura dos eventos relacionados à salvação, o Pr. Cole volta a analisar Romanos 8, verso 29, como se o apóstolo Pedro estivesse tratando dos mesmos conceitos:

*“Para ser exato e crítico o autor crê que, ainda que presciência seja*

*intimamente associada com a predestinação e pré-ordenação, ela tem um significado especial todo seu. A ordem divina em Romanos 8:29-30, é presciência, predestinação, chamado, justificação e glorificação. A ordem em 1 Pedro 1:2, é presciência, eleição e santificação. Portanto, os pré-conhecidos são eleitos, predestinados, chamados, justificados, santificados e glorificados. Desde que cada aspecto da salvação é pela graça, a presciência de Deus de pessoas é Seu interesse e amor tão gracioso pelos pecadores. E por causa deste Seu favor a eles, Deus os escolheu para a salvação, predestinou-os para adoção como filhos, chamou-os pela graça, justificou-os pela graça por meio da fé no sangue de Cristo, santificou-os pelo Espírito e os glorificará quando o Senhor vier. Que cada leitor, com toda diligência, certifique-se de seu chamado e eleição. 2 Pedro 1:10.” (Idem).*

O Pr. Cole afirma que, para o homem ser salvo, esses eventos ocorrem na seguinte ordem: presciência, predestinação, chamado, justificação e glorificação. Mas, na verdade, a predestinação, na qual o homem que crê em Cristo se torna conforme a imagem de Cristo, é o último evento da salvação.

O homem é salvo porque amou a Deus, obedecendo ao seu mandamento de crer em Cristo, e, assim, conheceu a Deus ou, antes, foi conhecido d’Ele. Para se tornar conhecido de Deus, se fez necessário o homem morrer com Cristo e ser ressuscitado com Ele, o que o apóstolo Paulo deu o nome de glorificação.

*“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” (Romanos 8:17).*

O Pr. Cole posiciona a santificação como último evento na salvação, porque pensa na redenção do corpo físico (Romanos 8:23), mas, se esquece de que o apóstolo Paulo estava tratando da glorificação quando o homem ressurgiu com Cristo (Colossenses 3:1).

Somente os que ressurgem com Cristo são justificados, de modo que, primeiro ocorre a glorificação, para depois ocorrer a justificação *“O qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação.”* (Romanos 4:25). Ao morrer com Cristo, o homem é justificado do pecado, ao ressurgir com Cristo é declarado justo.

Os justificados em Cristo Jesus são chamados ao propósito eterno que Deus



estabeleceu em Cristo, que é fazê-lo proeminente, convergindo n'Ele todas as coisas. Na condição de chamado ao propósito, o crente em Cristo está predestinado a ter a imagem de Cristo, para que o propósito de Deus se efetive: a primogenitura de Cristo entre muitos irmãos.

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes, também, chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou.” (Romanos 8:28 -30).

Os que amam a Deus são conhecidos d'Ele e chamados segundo o seu propósito, de modo que aqueles que amam a Deus serão conforme a imagem de Cristo, pois o propósito de Deus é que o Cristo seja primogênito entre muitos irmãos. De modo que, os que foram predestinados a serem conforme a imagem de Cristo, primeiro foram chamados ao propósito, isto quando amaram a Deus e foram conhecidos d'Ele.

Mas os chamados, os que amam a Deus, ou antes, foram conhecidos d'Ele, primeiro Deus os justificou, e antes de justificá-los fez com que ressuscitassem com Cristo, glorificando-os.

Já, a abordagem do apóstolo Pedro somente nomeia os cristãos de eleitos, condição que alcançaram segundo o anúncio de antemão pelos profetas (presciência), por isso foi anunciada a palavra que santifica, que se faz imprescindível obedecê-la para alcançar a aspersão do sangue de Cristo.

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“Cada um dos Seus gloriosos atributos deveria torná-lo honorável à nossa apreciação. A compreensão da Sua onisciência deveria inclinar-nos diante d’Ele em adoração.”* A. W. Pink, Os Atributos de Deus, A onisciência de Deus, editora PES, reimpressão 1990.

[2] *“Os homens despojariam a Deidade da Sua onisciência, se pudessem — prova de que ‘... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...’ (Romanos 8:7). Os ímpios odeiam esta perfeição divina com a mesma naturalidade com que são compelidos a reconhecê-la. Gostariam que não houvesse nenhuma Testemunha dos seus pecados, nenhum Examinador dos seus corações, nenhum Juiz dos seus feitos”* (Idem).

[3] *“Os homens despojariam a Deidade da Sua onisciência, se pudessem — prova de que “... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...” (Romanos 8:7).”* (Idem)

[4] *“Gostariam que não houvesse nenhuma Testemunha dos seus pecados, nenhum examinador dos seus corações, nenhum Juiz dos seus feitos. Procuram banir tal Deus dos seus pensamentos: “E não dizem no seu coração que eu me lembro de toda a sua maldade...” (Oséias 7:2).”* (Idem).

[5] *“O estudo do assunto em foco levantou a questão se a presciência deveria ou não ser classificada como um dos atributos divinos. Um atributo divino é uma qualidade pertencente à natureza de Deus, uma de Suas perfeições pessoais, algo que pertence intrinsecamente a Seu caráter ou natureza. Por exemplo, amor, misericórdia, graça, e sabedoria são qualidades de Deus e, portanto, são atributos. Nossa conclusão, após muito estudo, é que “presciência” é tanto um atributo quanto um ato de Deus. Quando a palavra é usada no sentido popular, ela se refere ao conhecimento de Deus de acontecimentos antes de acontecerem. Neste sentido, presciência é um dos atributos de Deus como é também o amor, a misericórdia, a graça, a sabedoria e etc.”* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus.

[6] *“A palavra presciência tem dois significados. É um termo usado na teologia para expressar a ideia da previsão de Deus, isto é, Seu conhecimento do curso integral de acontecimentos que são futuros do ponto de vista humano. Ela também é usada com o sentido de pré-ordenação. No sentido de pré-conhecimento, ela é um aspecto da onisciência divina. O saber de Deus, de acordo*

*com as Escrituras, é perfeito, isto é, Ele é onisciente*". C. W. Hodge.

[7] *"A presciência, quando considerada atributo, é um ramo da onisciência divina; e quando considerada ato, é um ramo da doutrina dos decretos de Deus."* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus.

---

# Como entender o termo 'presciência'?

Deus não rejeitou o Seu povo que 'antes conheceu' (προγινωσκω -proginosko-presciência), ou seja, que se tornou propriedade d'Ele.

---

## Como entender o termo 'presciência'?

*"Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele."* (1 Coríntios 8:3).

O objetivo deste artigo é expor as contradições e a má leitura que Arthur W. Pink fez de alguns versos bíblicos, no artigo intitulado 'A Presciência de Deus', que consta do livro 'Os Atributos de Deus', publicado pela editora PES.

Primeiro, analisaremos o uso que o apóstolo Paulo faz dos termos 'amor' e 'conhecer' e, em seguida, analisaremos a exposição de Arthur W. Pink.

## Amor e Conhecer

O apóstolo Paulo argumenta que, 'se alguém ama a Deus, é conhecido d'Ele' e o termo grego traduzido por conhecer é γινωσκω[1] (ginosko).

Quando escreveu aos cristãos da Galácia, o apóstolo dos gentios afirmou que, no

tempo presente (agora), os cristãos conheciam a Deus ou, antes, eram conhecidos d'Ele e utilizou o termo grego γινωσκω.

“Mas, agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Ora, sabemos que, para ser conhecido de Deus, é imprescindível amá-Lo, de modo que, quem ama a Deus, conhece a Deus ou, antes, é conhecido d'Ele.

O termo grego traduzido por amor é αγαπω[2] (agapao) e, dependendo do contexto, refere-se à submissão de um servo ao seu senhor.

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou, há de odiar a um e amar ao outro ou, se dedicará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

O verso anterior é esclarecedor, pois, demonstra que, quando os cristãos não amavam (serviam) a Deus, serviam aos que por natureza não são deuses, mas, quando amaram a Deus, passaram a conhecê-Lo.

“Mas, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses.” (Gálatas 4:8).

O evangelista João, também, faz uso dos termos gregos γινωσκω (ginosko) e αγαπω (agapao):

“Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade.” (1 João 2:4);

“Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor.” (1 João 4:8);

Após essa breve análise, conclui-se que será tomada vingança daqueles que não amam a Deus, ou seja, que não obedeceram ao evangelho:

“Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo;” (2 Tessalonicenses 1:8).

Quando o apóstolo Paulo diz que todas as coisas contribuem para o bem dos que amam a Deus, na verdade, ele está enfatizando que todas as coisas

contribuem, juntamente, para o bem daqueles que conhecem a Deus, pois, quem ama a Deus, conhece a Deus ou, antes, é conhecido d'Ele.

“E sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Romanos 8:28).

Com base no exposto, podemos dizer que aqueles que amam a Deus ou, aqueles que conhecem a Deus, foram chamados segundo o seu propósito. Como não há diferença entre amar a Deus e conhecer a Deus, conseqüentemente, os que conhecem a Deus são os chamados segundo o seu propósito.

Da relação: “Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.” (1 Coríntios 8:3), decorre o enunciado do verso seguinte:

“Porque, os que antes conheceu, também, os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Romanos 8:29).

‘Dantes conheceu’ é tradução do termo grego προγινωσκω<sup>[3]</sup> (proginosko) que, em função do contexto, que faz referência àqueles que amam a Deus, assume o significado de ‘anteriormente conheceu’. Ou seja, os que ‘dantes conheceu’ são aqueles que amam a Deus, pois, “se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele”, vez que “Aquele que não ama não conhece a Deus”.

O que os apóstolos Paulo e João expuseram coaduna com o exposto na lei:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

Aqueles que amam a Deus se sujeitaram a Ele, na condição de servos, portanto, são propriedade de Deus, de modo que, os que pertencem a Deus, são conhecidos d'Ele.

“Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus e qualquer que profere o nome de Cristo, aparte-se da iniquidade.” (2 Timóteo 2:19).

# 'Conhecer' no Antigo Testamento

Críticas ao arminianismo a parte, Arthur W. Pink argumenta que o termo presciência não ocorre no Antigo Testamento, entretanto, o termo 'conhecer' ocorre muitas vezes.

*"A palavra "presciência" (pré-conhecimento) não se acha no Velho Testamento. Mas "conhecer" (ou "saber") ocorre ali muitas vezes. Quando esse termo é empregado com referência a Deus, com frequência significa considerar com favor, denotando não mera cognição, mas, sim, afeição pelo objeto em vista. "... te conheço por nome" (Êxodo 33:17). "Rebeldes fostes contra o Senhor, desde o dia em que vos conheci" (Deuteronômio 9:24). "Antes que te formasse no ventre te conheci ... " (Jeremias 1:5). "... constituíram príncipes, mas, eu não o soube ..." (Oséias 8:4). "De todas as famílias da terra a vós somente conheci ..." (Amos 3:2). Nestas passagens, "conheci" significa amei ou designei." Arthur W. Pink. Os Atributos de Deus.*

Editora PES; Texto disponível em:  
< [http://www.monergismo.com/textos/presciencia/presciencia\\_pink\\_atributos.htm](http://www.monergismo.com/textos/presciencia/presciencia_pink_atributos.htm) >, consulta em 10/02/2018.

Quase todos os versos citados por Pink, nos quais o termo 'conhecer' ocorre, apontam para os filhos de Israel como povo e não como indivíduos.

*"OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades." (Amos 3:1-2).*

Qual o significado de 'conhecer' neste verso? Resposta: - Propriedade peculiar!

*"Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha." (Êxodo 19:5).*

Em função dos pais os filhos de Israel, como povo, foram amados, no entanto, individualmente Deus não se agradou da maioria deles e, por isso, pereceram no deserto (1 Coríntios 10:5).

*"Tão somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar e a vós,*

descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos, como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

Deus não se agradou da maioria dos filhos de Israel, antes, se agradou dos pais (Abraão, Isaque e Jacó) e escolheu a descendência dos pais.

Considerando a fala de Pink: *‘Quando esse termo é empregado, com referência a Deus, com frequência significa considerar com favor, denotando não mera cognição, mas, sim, afeição pelo objeto em vista’*, o termo não é utilizado ‘considerar com favor’, nem ‘cognição’ e nem ‘afeição pelo objeto’. Observe:

“PÕE a trombeta à tua boca. Ele virá como a águia contra a casa do SENHOR, porque transgrediram a minha aliança e se rebelaram contra a minha lei. E a mim clamarão: Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos. Israel rejeitou o bem; o inimigo perseguiu-lo-á. Eles fizeram reis, mas não por mim; constituíram príncipes, mas eu não o soube; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos” (Oseias 8:1-4).

Os filhos de Israel são declarados transgressores e mesmo assim, alegam que ‘conhecem’ a Deus. Se Israel rejeitou o bem, isso significa que rejeitaram amar a Deus, pois, tudo concorre para o bem somente para os que amam a Deus.

Embora tenham elegido príncipes sobre o povo, Deus declara: eu não o soube! O termo ‘conhecer’ não é utilizado no sentido de ‘considerar com favor’, nem ‘cognição’ e nem ‘afeição pelo objeto’.

Tem alguma coisa que Deus não conheça ou, que não saiba? Todas as coisas são conhecidas de Deus, mas, para algumas pessoas, que clamarão naquele dia, ‘Senhor, Senhor’, Deus dirá: nunca vos conheci (Mateus 7:23). Perceba que o termo na Antiga Aliança extrapola a concepção de Pink.

Quando lemos a passagem de Jeremias, que diz: *“Antes que te formasse no ventre te conheci e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta”* (Jeremias 1:54), a ideia do termo ‘conhecer’ significa propriedade, pois, foi para servir a Deus como profeta que Deus o santificou.

“Porque todo o primogênito é meu; desde o dia em que tenho ferido a todo o primogênito na terra do Egito, santifiquei para mim todo o primogênito em Israel, desde o homem até ao animal: meus serão; Eu sou o

SENHOR.” (Números 3:13).

Com relação à citação de Deuteronômio, Moisés é o sujeito do verbo ‘conhecer’ e não Deus.

“Rebeldes fostes contra o Senhor, desde o dia em que vos conheci” (Deuteronômio 9:24).

Com relação a Moisés, Deus declarou conhecê-lo pelo nome. Isso significa que o termo ‘conhecer’ é utilizado no sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’?

“Então, disse o SENHOR a Moisés: Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos e te conheço pelo nome.” (Êxodo 33:17).

Após rogar a Deus que fosse com o povo, Deus aceita o pedido de Moisés, por ter achado graça aos olhos de Deus e porque aquela era a missão de Moisés, daí a asserção: conheço-te pelo nome.

## ‘Conhecer’ no Novo Testamento

Pink afirma que o termo ‘conhecer’ é empregado com o mesmo significado que há no Antigo Testamento:

*“Assim, também, a palavra “conhecer” é empregada muitas vezes no Novo Testamento, no mesmo sentido do Velho Testamento. “E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci ...” (Mateus 7:23). “Eu sou o bom Pastor e conheço as minhas ovelhas e das minhas sou conhecido ” (João 10:14). “Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele” (1 Coríntios 8:3). “... o Senhor conhece os que são seus...” (2 Timóteo 2:19).” (Idem).*

Em todos os versículos citados por Pink no Novo Testamento, o sentido do termo ‘conhecer’ aparece em conexão com a ideia de ‘pertencer’. Deus conhece os que pertencem a Ele (2 Timóteo 2:19), por isso, Ele conhece as ovelhas que pertencem a Ele (João 10:14).



Os que amam a Deus são os que se fazem servos, portanto, são propriedade de Deus (1 Coríntios 8:3) e os que clamam 'Senhor, Senhor' não são conhecidos pois, nunca pertenceram a Deus (Mateus 7:23).

Em nenhum dos versos citados o termo 'conhecer' tem o sentido de 'considerar com favor', 'cognição' ou 'afeição pelo objeto', como apontado por Pink.

Após a má leitura que fez do termo 'conhecer', Pink passa a considerar o termo 'presciência' e os três versículos em que o termo é empregado no Novo Testamento:

*"Pois bem, a palavra "presciência", como é empregada no Novo Testamento, é menos ambígua que a sua forma simples, "conhecer". Se cada passagem em que ela ocorre for estudada cuidadosamente, ver-se-á que é discutível se alguma vez se refere apenas à percepção de eventos que ainda estão por acontecer. O fato é que "presciência" nunca é empregada nas Escrituras em relação a eventos ou ações; em lugar disso, sempre se refere a pessoas. Pessoas é que Deus declara que "de antemão conheceu" (pré-conheceu), não as ações dessas pessoas. Para provar isto, citaremos agora cada uma das passagens em que se acha esta expressão ou sua equivalente". (Idem).*

Pink faz uma análise de Atos 2, verso 23, com os argumentos seguintes:

*"A primeira é Atos 2:23. Lemos ali: "A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos". Se se der cuidadosa atenção à terminologia deste versículo, ver-se-á que o apóstolo não estava falando do conhecimento antecipado que Deus tinha do ato da crucificação, mas, sim, da Pessoa crucificada: "A este (Cristo) que vos foi entregue", etc." (Idem).*

O texto não está falando do conhecimento antecipado que Deus tinha do ato da crucificação e nem da pessoa crucificada, antes, o texto se refere às profecias contidas nas Escrituras, acerca da crucificação do Cristo:

O primeiro discurso do apóstolo Pedro tem por base várias profecias das Escrituras, entre elas uma profecia do profeta Joel e duas profecias do salmista Davi, que constam no Salmo 16 e 110.

Nessas profecias estava previsto eventos que se referiam diretamente ao Cristo

(Salmo 16 e 110) ou, à mensagem anunciada por Ele (Joel 2:28). Em função dessas previsões, afirmou o apóstolo Pedro:

“Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos;” (Atos 2:22-23).

O apóstolo Pedro evidencia aos seus concidadãos que Jesus foi entregue aos judeus em conformidade com o conselho de Deus (essa era a vontade de Deus, conforme Efésios 1:11) e presciência<sup>[4]</sup> de Deus, ou seja, segundo o anunciado (previsto), anteriormente, nas Escrituras.

“Para que vos lembreis das palavras que, primeiramente, foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).

No texto de Atos, o termo προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, conhecimento anunciado de antemão, conforme o próximo discurso do apóstolo Pedro:

“Mas, Deus, assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer (...) E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado (...) Sim e todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também, predisseram estes dias.” (Atos 3:18, 20 e 24);

“Para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham, anteriormente, determinado que se havia de fazer” (At 4:28).

No contexto, προγνωσις (presciência) não se refere a um atributo da divindade, até porque Deus é onisciente e a ideia decorrente da presciência constituiu reducionismo do atributo da divindade. O apóstolo da circuncisão, ao utilizar o termo προγνωσις fez referência a um conhecimento dado de antemão aos homens, através dos seus santos profetas, portanto, não tem o sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’, como foi apontado por Pink.

Nesse sentido, também, é falha a asserção de Pink, que disse: *“O fato é que*

*“presciência” nunca é empregada nas Escrituras em relação a eventos ou, ações; em lugar disso, sempre se refere a pessoas”,* pois o apóstolo Pedro utilizou o termo para fazer referência aos eventos e as ações dos homens ímpios, anunciado de antemão pelos profetas, que matariam o Cristo.

Com relação ao emprego do termo, na carta do apóstolo Paulo aos Romanos, Pink faz a seguinte alegação:

*“A segunda é Romanos 8:29-30. “Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a estes, também, chamou”, etc. Considere-se bem o pronome aqui empregado. Não se refere a algo, mas a pessoas, que ele conheceu, de antemão. O que se tem em vista não é a submissão da vontade, nem a fé do coração, mas as pessoas mesmas.”* (Idem).

Pelo fato do termo ‘conhecer’, no texto de Romanos fazer referência a pessoa e não a algo, Pink conclui que o termo expressa a ideia de que *‘Deus conhece, de antemão, o que será porque Ele decretou o que há de ser’*.

Pink despreza a pequena diferença de escrita entre os termos προγινωσκω (proginosko) e προγνωσις (prognosis), sendo que este é empregado em Atos e aquele em Romanos. Enquanto προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, um conhecimento que é antecipado aos homens pelos profetas, προγινωσκω (proginosko) tem o sentido de propriedade, de comunhão íntima.

As pessoas que ‘dantes conheceu’ refere-se àqueles que amam a Deus, de modo que o ‘conhecimento’ tem por base a ideia do versículo anterior. O termo προγινωσκω (proginosko) é utilizado em Romanos 11, verso 2, também, no sentido de propriedade: *“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu...”* (Romanos 11:2). Uma vez mais a clara referência é a pessoas e somente a pessoas.

Mas, Pink faz outra leitura:

*“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu...”* (Romanos 11:2). *Uma vez mais a clara referência é a pessoas e somente a pessoas.”* (Idem).

Por último, Pink faz um comentário a primeira Pedro, verso 2:

*“A última citação é de 1 Pedro 1:2: “Eleitos, segundo a presciência de Deus*

*Pai...” Quem são “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai”? O versículo anterior nô-lo diz: a referência é aos “estrangeiros dispersos”, isto é, à Diáspora, à Dispersão, aos judeus crentes. Portanto, aqui, também, a referência é a pessoas e não aos seus atos previstos.” (Idem).*

O termo utilizado por Pedro é προγνωσις (prognosis), que, no contexto, se refere a um conhecimento dado de antemão, conforme o anunciado pelos profetas. Como estava previsto pelo profeta Isaías que, com o seu ‘conhecimento’, o Cristo justificaria a muitos (Isaías 53:11), Pedro evidencia que os cristãos são eleitos, segundo o que Deus havia anunciado, através dos seus santos profetas.

O espírito que estava sobre o Cristo (Isaías 11:1-2; Isaías 61:1; Isaías 42:1 e 7; Joel 2:28; Deuteronômio 32:2), a palavra de santificação (santificação do espírito), é o conhecimento que Deus anunciou, de antemão, por intermédio dos seus profetas, conhecimento no qual os homens são limpos, a palavra anunciada por Cristo (João 6:63; João 15:3).

*“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspensão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).*

Mas, para ser agraciado com a santificação proporcionada pelo espírito, o homem precisa obedecer e só, então, alcançará a aspensão (purificação), através do sangue de Cristo.

Através desse verso, claro está que Deus jamais ‘pré-conheceu’ certa pessoas ou, os seus atos, antes, Ele conhece todas as coisas, pois é onisciente. Os eleitos são os estrangeiros da dispersão e a ‘presciência’ de Deus Pai não é pré-conhecer pessoas, antes, diz do conhecimento anunciado no passado pelos profetas.

*“Para que vos lembreis das palavras que, primeiramente, foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).*

Da má leitura, Pink condena o posicionamento arminianista, pois é descabido o Deus onisciente, conhecedor de todas as coisas, antever que responderá ao evangelho, elegendo-o. No entanto, o posicionamento que Pink defende é, igualmente, equivocado, de que presciência tem o sentido de ‘considerar com

favor', 'cognição' ou 'afeição pelo objeto'.

*“Ora, em vista destas passagens (e não há outras mais), que base bíblica há para alguém dizer que Deus “pré-conheceu” os atos de certas pessoas, a saber, o seu “arrependimento e fé”, e que devido a esses atos Ele as elegeu para a salvação? A resposta é: absolutamente nenhuma. As Escrituras nunca falam de arrependimento e fé como tendo sido previsto ou pré-conhecido por Deus. Na verdade, Ele sabia desde toda a eternidade que certas pessoas se arrependeriam e creriam ; entretanto, não é a isto que as Escrituras se referem como objeto da “presciência” de Deus. Esta palavra se refere uniformemente ao pré-conhecimento de pessoas; portanto, conservemos “... o modelo das sãs palavras. . .” (2 Timóteo 1:13).” (Idem).*

O equívoco de Pink torna-se mais evidente na argumentação seguinte:

*“Outra coisa para a qual desejamos chamar particularmente a atenção é que as duas primeiras passagens acima citadas mostram com clareza e ensinam implicitamente que a “presciência” de Deus não é causativa, pelo contrário, alguma outra realidade está por trás dela e a precede e essa realidade é o Seu decreto soberano. Cristo “... foi entregue pelo (1) determinado conselho e (2) presciência de Deus” (Atos 2:23). Seu “conselho” ou decreto foi a base da Sua presciência. Assim, também, em Romanos 8:29. Esse versículo começa com a palavra “porque”, conjunção que nos leva a examinar o que o precede imediatamente. E o que diz o versículo anterior? “... todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles... que são chamados por seu decreto”. Assim é que a “presciência” de Deus baseia-se em Seu decreto (ver Salmo 2:7).” (Idem).*

Ele afirma, para combater o arminianismo, que a presciência de Deus não é causativa. Ora, nenhum atributo de Deus é de per si causativo, quer seja a onisciência, a onipresença ou a onipotência. Tudo o que Deus faz é segundo o conselho da sua vontade, evidente que não é pela presciência e a tal presciência, segundo a concepção calvinista e arminianista, nem é atributo de Deus.

Cristo foi entregue segundo a vontade de Deus (Hebreus 10:10; Atos 2:23), conforme anunciado de antemão pelos profetas (1 Pedro 1:2; 2 Pedro 3:2). A base do conselho ou, decreto de Deus, é a sua vontade e não a tal 'presciência' (Efésios 1:9 e 11).

Tentar dizer que Romanos 8, verso 29 coaduna com a ideia de que *“Seu ‘conselho’ ou, decreto, foi a base da Sua presciência.”*, é absurdo. Dizer que a conjunção ‘porque’ enfatiza que a ‘presciência’ tem por base o decreto de Deus, é atropelar os elementos constitutivos dos dois versículos, que dizem:

*“E sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.”* (Romanos 8:28-29).

O versículo não diz que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que são chamados segundo o propósito, antes, daqueles amam a Deus. Aqueles que amam a Deus é que são chamados, segundo o propósito de Deus.

E que propósito é esse? O apóstolo Paulo explica:

*“Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra;”* (Efésios 1: 9-10).

E esse propósito se concretizou na Igreja:

*“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,”* (Efésios 3:10-11).

A conjunção explicativa ‘porque’ remete o leitor aos que amam a Deus, pois, só os que, de antemão, amaram a Deus, são ‘conhecidos’ d’Ele. Esses que são ‘conhecidos’, ou seja, propriedade, santificados, não terão outro destino, a não ser serem conforme a imagem de Cristo ressurreto, pois, assim, a vontade de Deus se efetiva: Cristo, que é filho unigênito, torna-se primogênito entre muitos irmãos.

Enquanto a predestinação tem em vista os que conhecem a Deus, pois serão conforme a imagem de Cristo, Pink considera que a predestinação tem em vista a salvação do homem, evento que é descrito como ‘conhecer’ a Deus, ou antes, ser conhecido d’Ele.

Observe:

*“Deus conhece de antemão o que será, porque Ele decretou o que há de ser. Portanto, afirmar que Deus elege pessoas, porque as pré-conhece, é inverter a ordem das Escrituras, é pôr o carro na frente dos bois. A verdade é esta: Ele as “pré-conhece” porque as elegeu. Isto retira da criatura a base ou, a causa da eleição, e a coloca na soberana vontade de Deus. Deus Se propôs eleger certas pessoas, não por haver nelas ou por proceder delas alguma coisa boa, quer concretizada, quer prevista, mas,, unicamente por Seu beneplácito. Quanto ao por que Ele escolheu os que escolheu, não sabemos e só podemos dizer: “Sim, ó Pai, porque assim te aprouve” (Mateus 11:26). A verdade patente em Romanos 8:29 é que Deus, antes da fundação do mundo, elegeu certos pecadores e os destinou para a salvação (2 Tessalonicenses 2:13). Isto se vê com clareza nas palavras finais do versículo: “... os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”, etc. Deus não predestinou aqueles que “dantes conheceu”, sabendo que eram “conformes”, mas, ao contrário, aqueles que Ele “dantes conheceu” (isto é, que Ele amou e elegeu), “predestinou para serem conformes”. Sua conformidade a Cristo não é a causa, mas o efeito da presciência e da predestinação divina.” (Idem).*

Deus é onisciente, portanto, conhecedor de todas as coisas e não conhecedor, de antemão, por ter decretado o que há de ser. Nada mais natural alguém conhecer o que estabeleceu, mas Deus, sendo onisciente, conhece até mesmo as intenções do coração.

*“A noção popular da presciência divina é inteiramente inadequada. Deus não somente conheceu o fim desde o princípio, mas, planejou, fixou, predestinou tudo desde o princípio.” (Idem).*

Quando Pink diz que: *“Deus conhece, de antemão, o que será, porque Ele decretou o que há de ser. Portanto, afirmar que Deus elege pessoas porque as pré-conhece, é inverter a ordem das Escrituras, é pôr o carro na frente dos bois. A verdade é esta: Ele as “pré-conhece”, porque as elegeu.”*, a primeira frase parece que ele considera o termo ‘conhece’ no sentido de saber, estar informado, no entanto, na frase que faz críticas ao arminianismo, percebe-se que ele faz uso do termo, no sentido de ‘considerar com favor’, ‘cognição’ ou ‘afeição pelo objeto’.

Em Romanos 8, verso 29, não tem referência alguma a qualquer evento estabelecido antes da fundação do mundo, mas Pink alega que antes da fundação do mundo Deus elegeu certos pecadores para salvação. O texto diz que Deus

predestinou, os que se tornaram propriedade Sua, para serem conforme a imagem de Cristo, até por que, assim como Ele é, o veremos e seremos semelhantes a Ele (1 João 3:2).

O objetivo pelo qual os que amam a Deus são predestinados a serem conforme a imagem de Cristo é a primogenitura de Cristo, entre muitos irmãos, a essência do propósito eterno de Deus.

A predestinação divina é a consequência da 'presciência', ou seja, de pertencer a Deus, pois da consequência de entendemos o objetivo da predestinação: a primogenitura entre muitos irmãos.

Mas, Pink não para por ai, pois cita 2 Tessalonicenses, como baluarte da sua exposição, mas no verso há uma alteração de significado do termo 'primícias' para 'princípio'.

O verso citado por Pink reza assim:

*“Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do SENHOR, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade;”* (2 Tessalonicenses 2:13).

Mas, como se verifica, o termo traduzido por 'desde o princípio' é *απαρχη*, que outras versões traduzem por 'primícias' e não há nos melhores manuscritos a preposição essencial 'desde o'.

O apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses que Deus escolheu os cristãos (a vós) primícias para salvação, em santificação do espírito e fé na verdade, ou seja, os cristãos, na condição de primícias (Tiago 1:18), são salvos em santificação pela palavra de Cristo, que é espírito e vida, crendo (fé) na verdade.

Pink nem mesmo consegue distinguir a fé em Cristo, que é crer, depositar confiança, da fé que é dom de Deus.

*“As Escrituras afirmam que Deus, em Sua soberania, escolheu alguns para serem recipientes de Seus distinguidos favores (Atos 13:48) e, portanto, determinou conferir-lhes o dom da fé. A falsa teologia faz do conhecimento prévio que Deus tem da nossa fé a causa da eleição para a salvação, ao passo que a eleição de Deus é a causa e a nossa fé em Cristo, o efeito (...) Deus não elegeu nenhum pecador porque previu que creria, pela razão simples, mas*



*suficiente, de que nenhum pecador jamais crê, enquanto Deus não lhe dá fé; exatamente, como nenhum homem pode ver antes que Deus lhe dê a vista. A vista é dom de Deus e ver é a consequência do uso do Seu dom. Assim, também, a fé é dom de Deus (Efésios 2:8-9) e crer é a consequência do uso deste Seu dom. Se fosse verdade que Deus elegeu alguns para serem salvos porque no devido tempo eles creriam, isso tornaria o ato de crer num ato meritório e, nesse caso, o pecador salvo teria motivo para gloriar-se, o que as Escrituras negam enfaticamente (veja Efésios 2:9)". (Idem).*

Pink alega que, na Sua soberania, Deus escolheu alguns para dar-lhes o dom da fé, no entanto, o dom da fé é Cristo, a 'fé' que veio, que segundo o apóstolo Paulo, havia de se manifestar (Gálatas 3:23-25) e que foi dada aos santos (Judas 1:3).

O homem é salvo pela graça de Deus, por meio da verdade do evangelho, que também é denominado fé (Efésios 2:8), fé essa que é anunciada ou pregada (Gálatas 3:2; Romanos 1:8). Sem Deus ter dado o dom da fé, que é Cristo, não haveria a fé pela qual o justo viverá e se faz agradável a Deus (Hebreus 11:6).

O dom da fé que consta em Efésios 2, versos 8 à 9 não é conforme os dos ministeriais que são concedidos para edificação dos santos. Crer em Cristo não é o exercício de um dom, antes, Cristo é o dom de Deus e os homens devem obedecê-lo, crendo em Cristo.

Crer em Cristo é um mandamento e o homem só ama a Deus, quando obedece a Deus, crendo em Cristo, o dom de Deus, que graciosamente salva os homens. A salvação é graça, mas o homem é salvo por meio da fé, que é o evangelho (Romanos 1:16; Efésios 1:13).

Certamente que crer não é ato meritório, antes, é ato de sujeição a Deus, em obediência ao seu mandamento. Não há como alguém se gloriar em obedecer, por isso é dito que, o amor não se ensoberbece (1 Coríntios 13:4). Crer vai além de voluntariedade e cumprir com o exigido por Deus:

*"Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou." (João 6:29).*

Pink preocupa-se tanto em que haja mérito em o homem crer naquele que é fiel, que se esquece de que crer em Cristo é um mandamento, de modo que aquele que crê, humilha-se a si mesmo, fazendo-se servo de Deus.

*“Certamente, a Palavra de Deus é bastante clara ao ensinar que crer não é um ato meritório. Afirma ela que os cristãos vieram a crer “pela graça” (Atos 18:27). Se, pois, eles vieram a crer “pela graça”, absolutamente não há nada de meritório em “crer”, e, se não há nada de meritório nisso, não poderia ser o motivo ou causa que levou Deus a escolhê-los. Não; a escolha feita por Deus não procede de coisa nenhuma existente em nós ou, que de nós provenha, mas, unicamente, da Sua soberana boa vontade.” (Idem).*

No afã de validar a concepção calvinista, Pink cita Romanos 11, verso 5, como base para dizer que a eleição é ‘da graça’, como se o texto estivesse tratando da salvação de alguns e rejeição dos restantes. No entanto, o apóstolo fez um contraponto entre a lei e o evangelho, visto que a eleição dos filhos de Israel se deu pela promessa feita aos patriarcas (Romanos 11:28) e não porque Deus ‘pré-conheceu’ alguns israelitas e outros não e os elegeu para serem salvos.

*“Mais uma vez, em Romanos 11:5 lemos sobre “... um resto, segundo a eleição da graça”. Eis aí, suficientemente claro; a eleição mesma é “da graça” e a graça é favor imerecido, coisa a que não tínhamos direito nenhum diante de Deus.” (Idem).*

Deus não rejeitou o povo de Israel que ‘antes conheceu’ (προγινωσκω – proginosko) ou, seja, que se tornou propriedade d’Ele (Romanos 11:2; Deuteronômio 10:15), isso porque o povo foi eleito por causa dos pais, tendo em vista o propósito de Deus, que se concretiza no descendente prometido a Abraão e não que a eleição deles resultou em salvação de alguns e perdição de outros.

Pink não observa que na Bíblia não há eleição de indivíduos para a salvação, mas, sim, eleição de um povo para um propósito. Israel foi eleito por causa de Abraão, pois, em Isaque, seria chamada a sua descendência (Romanos 9:7). No Novo Testamento, o último Adão é o eleito de Deus e a Igreja é eleita em Cristo, por isso, o apóstolo Pedro se refere à igreja como a ‘geração eleita’, pois a Igreja atende ao propósito de Deus de tornar o Seu Filho preeminente em tudo (1 Pedro 2:9).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“1097 γινωσκω ginosko forma prolongada de um verbo primário; TDNT -*

1:689,119; v 1) *chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir* 1a) *tornar-se conhecido* 2) *conhecer, entender, perceber, ter conhecimento de* 2a) *entender* 2b) *saber* 3) *expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher* 4) *tornar-se conhecido de, conhecer* Sinônimos ver verbete 5825” Dicionário Bíblico Strong.

[2] “25 αγαπαω agapao Talvez de agan (muito) [ou cf 5689 αγα ]; TDNT 1:21,5; v 1) *com respeito às pessoas* 1a) *receber com alegria, acolher, gostar muito de, amar ternamente* 2) *com respeito às coisas* 2a) *estar satisfeito, estar contente sobre ou com as coisas* Sinônimos ver verbete 5914” Dicionário Bíblico Strong.

[3] “4267 προγινωσκω proginosko de 4253 e 1097; TDNT - 1:715,119; v 1) *ter conhecimento de antemão* 2) *prever* 2a) *daqueles que Deus elegeu para a salvação* 3) *predestinar*” Dicionário Bíblico Strong.

[4] “4268 προγνωσις prognosis de 4267; TDNT - 1:715,119; n f 1) *pré-conhecimento* 2) *presciência, prognóstico*” Dicionário Bíblico Strong.

---

# As doutrinas de João Calvino e Jacó Armínio

As doutrinas Calvinista e Arminianista estão equivocadas, pois ambas acreditam que Deus elegeu e predestinou alguns homens para a salvação.

---

## As doutrinas de João Calvino e Jacó

# Armínio

## Introdução

Analisaremos os cinco pontos segundo as perspectivas das doutrinas Calvinista e Arminianista, mas antes, faz-se necessário destacar que os cinco pontos da doutrina calvinista como conhecemos foram formulados pelo Sínodo de Dort, pontos estes destacados da doutrina defendida por João Calvino.

O Sínodo foi convocado pelos estados gerais da Holanda e composto por 84 teólogos e 18 representantes seculares, para debaterem os ensinamentos de Armínio, que fez objeções à Confissão de Fé Belga.

Os Cinco Pontos do Calvinismo foram formulados em resposta a um documento apresentado ao Estado da Holanda pelos discípulos de Jacob Hermann, um professor de um seminário holandês, e esse documento ficou conhecido na história como 'Remonstrance' ou 'Protesto'.

A 'Remonstrance' possuía cinco pontos principais, conhecidos como "*Os Cinco Pontos do Arminianismo*", e em resposta a estas cinco questões principais, o Sínodo de Dort elaborou o que passou a ser denominado "*Os Cinco Pontos do Calvinismo*".

## Os cinco Pontos em debate

Arminianismo	Calvinismo
Vontade Livre	Total Depravação
Eleição Condicional	Eleição Incondicional
Expição Universal	Expição Limitada
A Graça pode ser Impedida	Graça Irresistível
O Homem pode Cair da Graça	Perseverança dos Santos

Com relação ao evangelho, os alunos de Armínio alegaram que a vontade do homem é 'livre' para escolher, ou a palavra de Deus, ou a palavra de Satanás, e o

Sínodo de Dort concluiu que o homem não regenerado é absolutamente escravo de Satanás, e, por isso, totalmente incapaz de exercer sua própria vontade livremente para receber o evangelho, dependendo, portanto, da uma obra de Deus, que vivifica o homem habilitando a crer em Cristo.

Em ambos os seguimentos doutrinários há equívocos, mas o Calvinismo, neste ponto, é mais pernicioso que o Arminianismo.

Para compreender a essência dos erros destes dois seguimentos teológicos, se faz uma pequena análise da ofensa e condenação de Adão, conseqüentemente, da obediência e salvação em Cristo, o último Adão.

Vê-se nos argumentos apresentados durante a Reforma Protestante que os teólogos à época interpretavam a Bíblia com base em uma dualidade: Deus 'versus' Satanás, entretanto, a Bíblia deve ser interpretada tendo por base dois Adão (homens): Adão e Cristo.

## **Vontade Livre 'versus' Total Depravação**

O apóstolo Paulo analisou as questões da perdição e da salvação nos seguintes termos:

**“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”** (Romanos 5:18 -19).

A ofensa de Adão estabeleceu o juízo, e todos os homens foram condenados, por outro lado, com um só ato de justiça, a graça foi concedida sobre todos os homens, ou seja, sem distinção alguma de nação, tribo ou língua.

Em Adão a humanidade já foi julgada e apenda com a morte, em Cristo há salvação poderosa, de modo que por uma substituição de ato, obediência pela desobediência, muitos são feitos justos.

O primeiro equívoco do Arminianismo é afirma que a vontade do homem é livre para escolher, ou a palavra de Deus, ou a de Satanás.

Analisando o Éden, a vontade de Adão era livre caso se decidisse desobedecer a Deus. A palavra de Satanás à Eva não vem ao caso, visto que Adão recebeu mandamento diretamente de Deus, e cabia a Ele como a cabeça do corpo obedecer a Deus, tanto que o casal somente descobriu que estava nu quando Adão tomou do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e comeu.

A ofensa só se consumou quando Adão comeu do fruto, e assim, com a contaminação da cabeça (Adão), o corpo (casal) se perdeu por completo.

Por causa da ofensa, todos os descendentes de Adão foram vendidos ao pecado como escravos, de modo que todos os descendentes de Adão quando entram no mundo, já entram na condição de escravos do pecado.

Em razão da ofensa, o nascimento natural, pelo qual vêm todos os homens ao mundo, tornou-se a porta larga. Ao abrir a madre, todos os homens entram no mundo sobcondenação, mesmo não tendo feito escolha ou decisão alguma, e estão em um caminho largo que os conduz à morte.

Para serem salvo, Deus enviou o seu Filho Unigênito na condição de último Adão, e Ele é a porta estreita pela qual os homens devem se decidir entrar, ou seja, novo nascimento para que possam trilhar um caminho estreito que os conduzirá a Deus.

[“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante.”](#) (1 Coríntios 15:45).

Hoje, o homem está no pecado porque entrou no mundo por Adão, a porta larga, e permanece neste estado sem ter feito uma escolha ou decisão, e não há uma palavra de Satanás anunciada no mundo que faz o homem ser conduzido à perdição, e sim, o caminho largo é o único meio que conduz o homem à perdição.

O homem antes da queda, e depois da queda, apesar de escravo do pecado, possui a vontade livre, mas não há a tal escolha entre a palavra de Deus e a palavra de Satanás.

A conclusão de que a salvação depende, portanto, ‘da obra de sua fé’ é outro equívoco completo, tendo em vista que não compreenderam a essência do termo ‘obra’, e nem a natureza do termo ‘fé’.

A salvação decorre de Cristo, a ‘fé’ manifesta, e que foi dada aos santos (Gálatas

3:23; Judas 1:3). Nesse sentido o termo 'fé', significa mensagem, verdade, querigma, doutrina, etc., de modo que a fé é anunciada, pregada aos homens (Gálatas 3:2), ao que se dá o nome de fé mútua (Romanos 1:12).

'Sua fé' é algo pessoal, no sentido de acreditar, crer, ter convicção, algo pertinente ao homem, diferente da fé como dom de Deus, que é Cristo, a verdade anunciada.

Outra questão está relacionada ao termo 'obra', que devido ao trabalho de Lutero, acabou demonizada. Martinho Lutero apresentou a fé, no sentido de crer, como essencial à salvação, contrapondo a fé às exigências católicas das indulgências para salvação, ao que se deu o nome obras.

Com o trabalho de Lutero, a essência do termo 'obra' perdeu-se, sendo que o termo era muito utilizado em meio à comunidade judaica à época de Jesus, principalmente nas relações senhor e servo, significando o resultado da obediência a um mandamento.

A obra só acontecia quando havia mandamento de um lado, e obediência do outro. Aristóteles bem apresenta o significado do termo à época:

*"... existe uma obra, desde que haja comando de uma parte e de outra, obediência"* (ARISTÓTELES, 2011, p. 25);

*"... um ser que ordena e um ser que obedece"* (ARISTÓTELES, op. cit., p. 20);

Crer em Cristo é uma obra? Conforme Jesus disse, sim!

*"Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou."* (João 6:29).

Crer em Cristo é a obra da fé, pois a fé anunciada aos homens constitui-se mandamento de Deus que os homens devem obedecer para serem salvos.

*"Lembrando-nos sem cessar da obra da vossa fé, do trabalho do amor, e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai,"* (1 Tessalonicenses 1:3).

Portanto, a salvação depende da obra da fé, que é crer no enviado de Deus, e não da obra da sua fé, que é a crença divorciada do mandamento de Deus, como

indulgências, sacrifícios, esmolas, etc. A salvação é por meio do dom de Deus, a fé pela qual o justo viverá, ou seja, a palavra que sai da boca de Deus (Deuteronômio 8:3; Habacuque 2:4).

Os Arminianistas não souberam diferenciar a fé que é anunciada a todos os homens sem distinção alguma, da fé que se refere à crença dos homens.

**“Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé.”** (Romanos 1:8)

A proposta da Vontade Livre é a essência da Bíblia, porém, a defesa formulada pelos Arminianista, equivocada.

Já o argumento da Depravação Total instituída no Sínodo de Dort é totalmente equivocada.

A Bíblia apresenta o homem como escravo do pecado, e não como escravo de Satanás. A morte é o que prendia o homens, sujeitando-os à servidão (Hebreus 2:15), de modo que a condição de pecado era determinada pela imposição (agulhão) da morte decorrente da ofensa de Adão (1 Coríntios 15:56).

O homem pode exercer a sua vontade livremente, mas o que o torna ligado ao pecado é a lei, assim como a mulher quando ligada ao marido pela lei, e não a sua vontade livre (Romanos 7:1 -3).

Enquanto o homem viver para lei que diz: ‘certamente morrerás’, estará ligado ao pecado pela lei, pois a lei é à força do pecado. A vontade livre do homem não o livra do pecado, e sim, a sua morte para a lei. O problema do homem sob o domínio do pecado não está na sua livre vontade, mas na lei que o mantém ligado ao pecado.

**“Ora, o agulhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.”** (1 Coríntios 15:56).

O homem depende do mandamento de Deus para salvar-se (Salmo 71:3), e o evangelho é mandamento: **“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.”** (1 João 3:23), e quando o homem crê, a obra de Deus é realizada (João 6:29).



Enquanto a Bíblia enfatiza que a obra de Deus é o homem crer em Cristo, o Calvinismo apregoa que a obra de Deus é vivificar o homem para que seja habilitado a crer em Cristo.

Tem-se no conceito da Depravação Total três equívocos:

1. a) o homem é escravo do pecado;
2. b) é incapaz de exercer a sua própria vontade livremente, e;
3. c) depende da obra de Deus para que possa crer.

## **Eleição Condicional versus Eleição Incondicional**

Para os Arminianista a eleição é condicional, vez que acreditam que Deus escolheu aqueles que 'pré-conheceu'. 'Pré-conhecer', na concepção Arminianista, é Deus saber antecipadamente quem haverá de aceitar a salvação, e assim escolhe-los, de modo que a escolha de Deus estaria condicionada a uma resposta prevista por Deus.

Os calvinistas, por sua vez, acreditam que o pré-conhecimento de Deus está relacionado ao Seu propósito ou plano, e decorre da livre vontade de Deus, sem qualquer cooperação do homem.

A doutrina calvinista da Eleição Incondicional é equivocada na sua essência, e os Arminianistas, acabaram sendo induzidos a outro erro, ao contraporem os calvinistas.

Os equívocos decorrem por três motivos:

1. não sabem qual é o propósito eterno de Deus;
2. desconhecem o que é 'pré-conhecer';
3. desconhecem o objetivo da eleição.

Na Bíblia o propósito eterno de Deus refere-se a congregar em Cristo todas as coisas, de modo que Ele seja Primogênito entre muitos irmãos e mais elevado do que os reis da terra (Efésios 1:10; Efésios 3:11; Salmo 89:27), o Calvinismo entende que o propósito eterno de Deus é a salvação do homem.

O propósito eterno de Deus não é a salvação do homem, pois há um tempo

determinado para findar a oportunidade de salvação dos homens. Como há um tempo determinado para findar a oportunidade de salvação, salvar não é o propósito eterno.

Como o propósito de Deus é eterno e, somente Deus é eterno, o propósito d'Ele foi estabelecido n'Ele mesmo, em Cristo. Para realizar o Seu propósito, Deus introduziria no mundo o seu Filho Unigênito, de modo que, quando retornasse à sua glória, alcançasse a posição de Primogênito entre muitos irmãos.

Em função do propósito eterno estabelecido em Cristo, Deus criou o homem. Como o propósito de Deus foi estabelecido em Cristo, o eleito de Deus, na criação do homem havia duas alternativas:

1. se o homem não se corrompesse, o propósito de Deus estaria firme, e;
2. como o homem se corrompeu, o propósito de Deus permaneceu firme.

Por que o propósito permaneceu firme? Porque o propósito de Deus não se fundamenta em obras, antes n'Ele que chama.

Com a ofensa de Adão, os homens firam em uma condição imprópria para o propósito que Deus estabeleceu em Cristo, que é fazê-lo primogênito entre muitos irmãos, embora ainda fosse possível fazê-lo o mais elevado do que os reis da terra.

Para introduzir o Seu Filho Unigênito no mundo, Deus elegeu a descendência de Abraão, e, na plenitude dos tempos, o Cristo veio ao mundo como o último Adão (1 Coríntios 15:45). Através de Cristo, o último Adão, todo aquele que crê conforme as Escrituras são crucificados, mortos e sepultados com Cristo, tornando-se livre da lei do pecado e da morte (Romanos 8:2).

Após ser morto e sepultado com Cristo, o homem que estava morto para Deus em delitos e pecados, ressurgue com Cristo uma nova criatura, criada segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Efésios 4:24).

Essa nova criatura gerada segundo a semente incorruptível do evangelho torna-se uma com o Pai e o Filho (João 17:21), de modo que o homem 'conhece' a Deus, ou antes é 'conhecido' d'Ele.

[“Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” \(Gálatas 4:9\).](#)

O crente em Cristo é membro do corpo de Cristo, portanto, ‘conhece’ a Cristo, ou seja, se fez um só corpo com Ele. Somente os que são um só corpo com Cristo, ou seja, que conheceram a Deus, são eleitos para o propósito que Deus estabeleceu em Cristo.

‘Estar em Cristo’ é o que concede salvação, pois não há nenhuma condenação para os que são novas criaturas (Romanos 8:1; 2 Coríntios 5:17). Concomitantemente, por estar em Cristo, o crente é eleito para ser santo e irrepreensível diante de Deus.

O termo grego προγινωσκ[1] (proginosko), geralmente traduzido por ‘*ter conhecimento de antemão, prever, daqueles que Deus elegeu para a salvação, predestinar*’, possui uma ideia que é desprezada: estar unido (conhecendo[2]) a Deus de antemão.

Quando lemos em Romanos 8, verso 29: “*Porque os que dantes conheceu...*”, a ideia em pauta diz daqueles que anteriormente ‘*se tornaram um com o Pai e o Filho...*’, diferentemente da ideia equivocada de que Deus anteviu o futuro para eleger ou predestinar.

Qualquer que ama a Deus é ‘conhecido’ de Deus, não no sentido de pré-conhecer, mas no sentido de se tornar um com Ele. É conhecido de Deus quem ‘dantes’ amou a Deus!

“*Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.*” (1 Coríntios 8:3).

É equivocada a ideia de que Deus antevê o futuro, conforme alegam através da malograda ideia de que Deus é ‘presciente’. Na verdade, Deus é onisciente, ou seja, conhecedor de todas as coisas, quer do passado, presente ou futuro, de modo que, a concepção da presciência não é um atributo divino.

A ideia defendida em Romanos 8, verso 29, é diferente da ideia contida em primeira Pedro 1, verso 2: “*Eleitos segundo a presciência[3] de Deus Pai...*”, pois este verso apresenta a ‘presciência’ como a profecia, ou o prognóstico das Escrituras (Atos 2:23), e aquele apresenta a ideia de conhecer previamente, no sentido de se fazer um com o Pai e o Filho (Gálatas 4:9).

Considerando a concepção calvinista da soberania de Deus para a salvação, a eleição visa o propósito eterno de Deus estabelecido em Cristo, e não a salvação

do homem. A salvação do homem em Cristo, quando se torna um com o Pai e o Filho, é o que torna o homem eleito para ser participante do propósito eterno, que é a preeminência de Cristo em todas as coisas.

A salvação se dá pela pregação do evangelho, pois no evangelho está o poder de Deus para redenção do homem. Após ser salvo por intermédio do evangelho, o novo homem por estar em Cristo (conhecer), está apto ao propósito eterno. Nesse sentido a eleição é condicional.

Ao contestar o calvinismo, os Arminianistas além de abraçarem a premissa equivocada de que a eleição possui relação com a salvação, e não considerarem nas Escrituras a questão do propósito eterno, somente substituiu a ideia calvinista da salvação segundo a soberania de Deus pela ideia da salvação segundo a presciência de Deus.

Nem os calvinistas nem os Arminianistas consideraram a eleição tendo em vista o propósito eterno de Deus, antes ambos consideraram a eleição visando à salvação do homem, sendo que um sistema doutrinário aponta para a soberania de Deus e o outro para uma presciência que não é atributo de Deus, mas uma profecia de Deus dada ao homem.

## **Expição Universal versus Expição Limitada**

A concepção da expiação universal é equivocada, bem como a concepção da expiação limitada.

Quando lemos João 3, verso 16, temos a seguinte declaração:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16).

Jesus expôs a Nicodemos que, ao enviar o Seu Filho ao mundo, Deus não fez acepção de pessoas, pois Ele amou o mundo. Embora Deus tenha entregado o seu Filho ao mundo, só obtém vida eterna todo aquele que crê em Cristo.

A expressão ‘todo aquele’ é inclusiva, significando ‘qualquer que’. Por causa do amor de Deus o mundo todo foi agraciado com a vinda do Seu Filho unigênito,

porém, a salvação eterna está ao alcance somente dos que creem em Cristo.

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens,” (Tito 2:11).

Cristo é a graça de Deus manifesta, e por meio dele qualquer homem, independentemente de tribo, nação ou língua, pode alcançar a salvação.

A proposta de Deus ao entregar o Seu Filho ao mundo é salvar os que creem pela loucura da pregação:

“Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação.” (I Coríntios 1:21).

O homem só conhece a Deus, ou antes, é conhecido d’Ele, depois que ouve a palavra da verdade, o evangelho da salvação e crê.

“Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.” (Efésios 1:13).

Essa mesma verdade é exposta em outras palavras pelo irmão Tiago, quando ele enfatiza que os cristãos são gerados de novo pela palavra da verdade (Tiago 1:18), e que, portanto, deveriam recebê-la com mansidão, visto que pode salvar almas (Tiago 1:21). Receber a palavra é o mesmo que ser cumpridor da palavra, diferente do ouvinte esquecido, que não cumpre. Só é bem-aventurado aquele que atenta para o evangelho, à lei perfeita da liberdade, e é perseverante, portanto, uma fazedor da obra (Tiago 1:25 e Tiago 1:4).

Certo é que Cristo morreu, mas não para salvar algumas pessoas em particular ou determinadas, antes ele morreu para salvar a todos quantos crerem.

O erro do Calvinismo é entender que Deus, na eternidade, deu ao Filho pessoas em pecado determinadas para serem salvas, sendo que na eternidade Deus estabeleceu que os que fossem gerados de novo, pela palavra da verdade, seriam como primícias das suas criaturas. As primícias é que pertencem a Cristo, pois são os eleitos de Deus para esse propósito.

Deus não elegeu pessoas determinadas, antes elegeu uma geração: a geração de

Cristo. Todos os que são nascidos da semente incorruptível, que é o evangelho, fazem parte da geração eleita, povo adquirido, portanto, primícias de todas as criaturas de Deus, para o seu eterno propósito: a preeminência de Cristo.

Para a salvação em Cristo é imprescindível que o homem ouça a verdade do evangelho, pois no evangelho está o poder para a salvação, e então, crer que Jesus é o Cristo.

## **A Graça pode ser Impedida versus Graça Irresistível**

Em primeiro lugar, como a graça de Deus é Cristo, e Ele trouxe salvação a todos os homens, verifica-se que não houve impedimento algum quanto à manifestação da graça de Deus.

[“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens,”](#) (Tito 2:11).

Em segundo lugar, Deus quer que todos os homens se salvem, e para isso é necessário que venham ao conhecimento da verdade do evangelho, pois sem crer no Evangelho não há salvação.

[“Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade.”](#) (1 Timóteo 2:4).

Assim como Adão sendo livre do pecado pode rejeitar o mandamento de Deus, homem o homem no pecado pode rejeitar o mandamento de Deus que há no evangelho.

Há algumas correções no posicionamento Arminianista a ser observado, vez que o Espírito Santo não tem a missão de levar os homens a Cristo, antes é Cristo que foi enviado como mediador para conduzir os homens a Deus. A missão do Espírito Santo é guiar o crente a toda verdade, diferente da ideia de que o Espírito Santo conduz o homem a Cristo (João 16:13).

Outro equivoco é entender que a vontade de Deus está amarrada à vontade do homem. Deus quer que todos os homens se salvem, diferentemente do Seu

propósito, que não fica somente no Seu querer, antes Deus faz tudo o que lhe apraz para levar a efeito a preeminência de Cristo.

Em certo aspecto a teoria Arminianista, de que Deus concede a sua graça é verdadeira, pois se Deus não tomasse a iniciativa de enviar o seu Filho ao mundo ninguém seria salvo. A graça de Deus não induz o homem a crer n'Ele, e nem altera a sua natureza para que possa crer. Crer é capacidade inerente à natureza do homem.

O equivoco está em considerar que a fé é resultado da cooperação de Deus e do homem, o que denominam sinergismo. A fé é dom de Deus, pois se refere a Cristo, o tema da mensagem do evangelho. Mas, como a mensagem do evangelho, a fé entregue aos santos é firme, e Deus é fiel, poderoso e imutável para cumprir o que prometeu, resta ao homem confiar n'Ele, de modo que a crença do homem decorre da fé anunciada.

Quando alguém rejeita o convite do evangelho, não está resistindo o Espírito Santo de Deus como se fosse um oponente à altura, na verdade rejeitou a palavra de Cristo, que é espírito e vida. A mensagem do evangelho é espírito, concedido pela pregação da fé (Gálatas 3:2), e não podemos confundir a mensagem que é espírito, com a pessoa do Espírito Santo, como o fazem os Calvinistas.

Os Calvinistas, por sua vez, alegam que a graça de Deus não pode ser resistida pelo homem, vez que, aqueles que Deus escolheu e predestinou para serem salvos através da sua soberania, são agraciados com o dom da vida, a regeneração, o que os habilita a crer no evangelho, o que denominam monergismo.

Deste modo, os Calvinistas alegam que Deus não ignora a vontade do indivíduo suplantando-a, antes muda a orientação da sua vontade, concedendo-lhe uma graça superveniente.

Ora, considerando o posicionamento Calvinista de que é necessário o homem ser regenerado para que seja habilitado a crer, e assim, poder responder ao evangelho, crendo e ser salvo, segue-se que tal colocação é demasiadamente equivocada, pois desconsidera a verdade de que o homem morto em delitos e pecados, antes de ressurgir com Cristo, tem que ser crucificado, morrer e ser sepultado.

Dai a pergunta: Por que Deus concederia uma graça especial a um morto que,

logo em seguida, tem que ser morto e sepultado? Tal proposta é descabida. O homem no pecado está morto para Deus, porém, vivo para a lei do pecado e da morte, e mesmo nessa condição a sua vontade é livre para decidir ouvir a voz do Filho de Deus (João 5:25).

O que retém o homem nessa condição é o medo da morte (Hebreus 2:16), mas quando lhe é anunciado a verdade do evangelho, em que o homem é informado que se crer em Cristo se conforma com Ele em sua morte, sendo crucificado, morto e sepultado, de modo que ressurgirá uma nova criatura para a glória de Deus Pai, como não atentar para tão grande salvação?

“Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram;” (Hebreus 2:3).

As questões que envolvem a graça de Deus são diferentes das questões que envolvem o propósito eterno de Deus. Enquanto com relação a graça o homem é livre para aceitar a mensagem da cruz, [crendo em Cristo](#), com relação ao propósito eterno de Deus, que é Cristo preeminente sobre todas as coisas, todos que creem em Cristo são predestinados a serem conforme a imagem de Cristo.

Com relação ao propósito eterno o homem não tem com exercer escolha: se creu em Cristo, não terá outro destino a não ser conforme a imagem de Cristo, pois é assim que Ele é feito primogênito entre muitos irmãos semelhantes a Ele. Observe que a predestinação é para ser conforme a imagem de Cristo, e não para ser salvo, pois a salvação é por meio do evangelho.

## **O Homem pode Cair da Graça versus Perseverança dos Santos**

As questões da perda da salvação e da perseverança dos santos decorrem de questões lógicas, tanto no Calvinismo quanto no Arminianismo.

Como o Arminianismo não crê na predestinação para salvação segundo a soberania, mas numa predestinação segundo a presciência, logo, quem exerceu a livre vontade e creu, a qualquer momento, ante um vento de doutrina, pode deixar de crer ou passar a outro evangelho, como estava passando os cristãos da



Galácia.

O Calvinismo, por sua vez, como crê na predestinação para a salvação segundo a soberania de Deus, sustenta que não perderá a salvação por ser decorrente de uma eleição e predestinação. Neste ponto, por mais absurdo que pareça ao Calvinismo manter a lógica, tiveram que abraça-la, para não fazerem ruir a concepção teológica.

Deus começou a sua boa obra nos que creem concedendo um mandamento como Senhor, o evangelho, e é certo que Ele a aperfeiçoará até o dia de Cristo, quando Ele se manifestará como a cabeça da igreja, o seu corpo, formado de irmãos semelhantes a Ele, sendo Ele o primogênito.

“Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo;” (Filipenses 1:6).

É Deus quem aperfeiçoa a Sua obra por Ela ser executada em Cristo, mas a perseverança é cuidado que fica a cargo dos que creem, e não uma obra que Deus realiza.

“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.” (Mateus 24:13).

Cabe ao cristão ter cuidado da doutrina e de si mesmo, perseverando nela, pois disto depende a salvação de quem crê dos que ouvem o evangelho.

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.” (1 Timóteo 4:16).

A ideia da perseverança dos santos com apresentada pelo Calvinismo não é bíblica, pois cabe ao crente perseverar na doutrina para ter tanto o Pai como o Filho.

“Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho.” (2 João 1:9).

O apóstolo Pedro se preocupava com aqueles que, sendo enganados, abandonassem a crença em Cristo.

“Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza;” (2 Pedro 3:17).

Os Calvinistas alegam que, caso alguém descaia, que o tal não era eleito e nem predestinado, pois se fosse, mesmo que abandone a verdade do evangelho, Deus o fará voltar porque está predestinado a ser salvo.

## **Eleição e predestinação para salvação**

Conforme o exposto, a diferença crucial entre o Arminianismo e o Calvinismo se resume nas palavras soberania e livre-arbítrio. Enquanto os Calvinistas entendem que Deus opera a salvação na vida do homem conforme a sua livre e soberana vontade, os Arminianos salientam que o homem é capaz de por si só aceitar ou rejeitar a verdade do evangelho.

Entretanto, ambos os sistemas doutrinários estão equivocados, pois acreditam que Deus elegeu e predestinou alguns homens para a salvação, e a diferença entre ambos repousa em equívocos quanto à soberania e a presciência de Deus.

Primeiro porque Deus não salva ninguém porque escolheu ou predestinou, antes pela loucura da pregação. Deus elegeu e predestinou os que creem em Cristo para o seu propósito estabelecido em Cristo, e os salvos são chamados e predestinados a esse propósito, o que é completamente diferente da ideia de ser predestinado para a salvação.

Segundo, a concepção da presciência de Deus é equivocada, assim como a ideia construída sobre a soberania de Deus.

Deus não é presciente, antes é onisciente, vez que é onipresente. Ao revelar eventos futuros aos homens podemos falar em presciência, porém, Deus não precisa prever ou fazer prognóstico acerca do futuro, pois todas as coisas estão nuas e patentes aos seus olhos.

Quando dizemos que Deus é soberano, isto não quer dizer que Ele pode fazer o que quiser, mesmo tendo poder para tal. Deus é soberano por não haver quem olhe seja superior na ordem do universo, sendo Ele mesmo o criador de todas as

cosias.

Mesmo sendo soberano, Deus não pode muitas coisas. Ele não pode mentir, negar a si mesmo, não cumprir a sua palavra, deixar de ser Deus, etc. Por causa da sua retidão e justiça, Deus não pode salvar quem quiser, vez que Ele sendo justo não pode justificar o ímpio. Entretanto, sendo justo e reto, Deus propôs exercer misericórdia aos que O obedecem, para que Ele seja justo e justificador dos que tem fé (creem) em Cristo.

*“Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.” (Romanos 3:26).*

[1] *“4267 προγινωσκω proginosko de 4253 e 1097; TDNT - 1:715,119; v 1) ter conhecimento de antemão 2) prever 2a) daqueles que Deus elegeu para a salvação 3) predestinar”* Dicionário bíblico Strong.

[2] *“1097 γινωσκω ginosko forma prolongada de um verbo primário; TDNT - 1:689,119; v 1) chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir 1a) tornar-se conhecido 2) conhecer, entender, perceber, ter conhecimento de 2a) entender 2b) saber 3) expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher 4) tornar-se conhecido de, conhecer Sinônimos ver verbete 5825”* Dicionário bíblico Strong.

[3] *“4268 προγνωσις prognosis de 4267; TDNT - 1:715,119; n f 1) pre-conhecimento 2) presciência, prognóstico”* Dicionário bíblico Strong.

---

## **Os seis pontos do Calvinismo de Augustus Nicodemus**

O Pr. Nicodemus acredita que Deus predestinou tudo o que acontece ou, seja, que todos os eventos estão fixados por Deus.

---

# Os seis pontos do Calvinismo de Augustus Nicodemus

## Introdução

Analisando os argumentos do Pr. Augustus Nicodemus, no seu artigo intitulado: *'Os Seis Pontos do Meu Calvinismo[1]'*, não pude deixar de considerar o posicionamento do apóstolo Paulo que, diante da proposta de qualquer outro evangelho, além do que ele já havia anunciado, que fosse anátema.

“Mas, ainda que nós mesmos ou, um anjo do céu, vos anuncie outro evangelho, além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.” (Gálatas 1:8).

Se não for o evangelho de Cristo, que seja anátema, pois, se alguém quiser se salvar, tem que guardar o mandamento do evangelho de Cristo, sem mácula ou, repreensão, até a Sua volta.

“Que guardes este mandamento sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo;” (1 Timóteo 6:14).

Enquanto o Calvinismo pode ter cinco, seis ou inúmeros pontos, seus seguidores serem concordes uns com os outros ou, não, moderados ou extremados, etc., o evangelho de Cristo, por sua vez, é único e não comporta correntes. Não vi o mesmo brilho do apóstolo Paulo no Pr. Nicodemus, pois, este é uma vertente do Calvinismo e admite que há mais pontos, enquanto que aquele não tolera a ideia de outro evangelho.

O evangelho é matéria que ninguém deva propor teorias, posicionamentos, entendimentos, etc., antes, tem que anunciá-lo, tal qual o proposto por Cristo e pelos apóstolos.

“E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito.” (João 12:50).

Como o evangelho não comporta dissidentes, ramificações, etc., é de se estranhar que um Calvinista admita pontos a mais em sua doutrina. Por isso, analisaremos as premissas de mais um Calvinista sobre o que entendem acerca da salvação, comparando-as com as Escrituras.

## **Mistérios**

Enquanto o apóstolo Paulo rogou pelos cristãos de Éfeso, para que pudessem compreender perfeitamente a dimensão do amor de Deus, todo Calvinista vai argumentar que, com relação à revelação de Deus, ainda há mistérios que o homem não pode alcançar.

O apóstolo Paulo não roga por algo impossível de ser alcançado, tanto que o termo empregado, com relação ao crente compreender o amor de Deus, significa 'ser plenamente capaz', 'hábil', 'ter plena força'.

**“Poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade,”** (Efésios 3:18).

O Pr. Nicodemus acredita que Deus predestinou tudo o que acontece, ou seja, que todos os eventos estão fixados por Deus. Se considerarmos que tudo está pré-fixado do Deus, não há que se falar em planos infalíveis. Um plano levado a efeito, mesmo um infalível, demonstra que Deus não predestinou tudo o que acontece, pois 'predestinar' e 'planejar' são eventos que excluem um ao outro.

*“1 - Creio que Deus predestinou tudo o que acontece. O Deus que determinou todas as coisas é um Deus pessoal, inteligente, justo, santo e bom, que traçou seus planos infalíveis levando em conta a responsabilidade moral de suas criaturas. Ele não é uma força impessoal, como o destino. Portanto, as decisões que tomamos não são mera ilusão e nossa sensação de liberdade ao tomá-las não é uma farsa. Eu acredito que as nossas decisões e escolhas são bem reais e que fazem a diferença. Elas não são uma brincadeira de mau gosto da parte de Deus. De uma maneira para mim misteriosa, porém perfeitamente compatível com um Deus onipotente e infinito, ele consegue ser soberano sem que a vontade de suas criaturas seja violentada. Ao mesmo tempo, ao final, sempre prevalecerá aquilo que Deus já determinou desde a eternidade. Encaro essa relação entre a soberania de Deus e a*

*responsabilidade humana como sendo parte dos mistérios acerca do ser Deus, como a doutrina da Trindade e das duas naturezas de Cristo*” Augustus Nicodemus, ‘Os Seis Pontos do Meu Calvinismo’.

A fala *‘Deus predestinou tudo o que acontece’* depõe contra o livre-arbítrio de Adão no evento da queda, pois, ou, Deus predestinou Adão a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal ou, Ele traçou um plano infalível para que Adão comesse do fruto. Nas duas alternativas não há o que se falar em responsabilidade moral por parte de Adão, pois, segundo o proposto pelo Pr. Nicodemus, o homem foi criado, especificamente, para pecar.

Percebe-se, através do argumento do Pr. Nicodemus, ao apontar para o destino, que a sua fala se amolda, justamente, ao pensamento que atribui a uma força impessoal ou, para um dos deuses gregos fatalista, o deus Destino, a quem todos os outros deuses do Olimpo estavam sujeitos, impondo um fatalismo à queda da humanidade.

Por que introduzimos a figura de Adão para contrapor aos argumentos de Nicodemus? Porque, na concepção [Calvinista](#), Adão foi o único homem com livre-arbítrio e, assim sendo, as asserções do Pr. Nicodemus não se sustentam ante um dos mais importantes personagens das Escrituras. O Pr. Nicodemus afirma que *‘Deus predestinou tudo o que acontece’* ou que *‘traçou seus planos infalíveis’* e que, mesmo assim (a decisão de Adão), foram reais e que fizeram a diferença.

Deus é onipotente, onisciente, onipresente, infinito e soberano e as suas criaturas, por sua vez, autônomas. Soberania é posição, que só se consolida diante de subalternos. A soberania de ninguém, de Deus ou de reis, sobrepuja a vontade alheia.

Há uma grande diferença entre essas duas colocações: a) *‘sempre prevalecerá aquilo que Deus já determinou desde a eternidade’*, e; b) *‘Deus predestinou tudo o que acontece’*, pois, essa asserção é falsa e aquela, se tomada isolada do contexto do Pr. Nicodemus, verdadeira.

Considerando o texto do Pr. Nicodemus, vale destacar que Deus não predestinou Adão a comer do fruto da árvore do conhecimento e nem o ato de Adão comer do fruto decorre de um plano meticulosamente engendrado na eternidade.

A verdade que escapa a todo Calvinista que, com relação a Deus, sempre

prevalecerá, por estar determinado desde a eternidade, diz do propósito eterno de Deus. Propósito este que não é antropocêntrico, antes teocêntrico, pois foi estabelecido em Cristo.

“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor” (Efésios 3:10 -11).

Na eternidade, Deus propôs convergir todas as coisas em Cristo, fazendo-O cabeça da Igreja, preeminente entre muitos irmãos e o mais elevado do que os reis da terra.

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.” (Colossenses 1:18);

“Também o farei meu primogênito mais elevado do que os reis da terra.” (Salmos 89:27).

Desde a criação do homem no Éden, os únicos eventos preordenados por Deus estão expressos nestes dois versículos, pois, foram estabelecidos em Deus, ou seja, em Cristo.

Agora, nada que envolva os homens foi pré-determinado. Se Adão obedecesse a Deus, permanecendo firme, o propósito de Deus estaria firme, por Aquele que chama e não por causa de Adão. De outro modo, conforme ocorreu com a queda de Adão, o propósito de Deus permaneceu firme, mesmo Adão sendo infiel, tendo em vista que a infidelidade do homem não altera a fidelidade de Deus.

Outro exemplo de que o propósito de Deus é firme se vê na escolha de Deus, ao chamar Faraó para libertar os filhos de Israel do Egito. Para preservar a linhagem do Cristo e, assim, permanecer o propósito eterno, Deus determinou tornar conhecido o seu nome em todo o mundo e o Faraó serviu a esse propósito.

Se Faraó libertasse o povo de Israel, conforme o determinado por Moisés, o nome de Deus seria conhecido em todo o mundo, pois o Faraó teria se curvado ante o mando do Senhor. Mas, como o Faraó não se curvou, o propósito de Deus continuou firme, pois o nome de Deus se tornou conhecido em toda a terra, por Deus ter arrancado o seu povo com mão poderosa (Romanos 9:17).

“Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que

o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor” (Rm 9:11-12).

O propósito de Deus, segundo a eleição, permanece firme, por isso pode ser anunciado de antemão, como foi antecipado a Rebeca. Qual o propósito de Deus em Esaú e Jacó? A vinda de Cristo ao mundo! Em ambos, a linhagem de Cristo poderia ser preservada, pois, o propósito eterno de Deus é maior que ambos.

O propósito de Deus não está vinculado a obras ou méritos, mas Àquele que chama. E quem Deus chamou para o seu propósito em Cristo? A linhagem de Abraão, da qual faziam parte Esaú e Jacó. O propósito de Deus em Esaú e Jacó não dependia de fazerem bem ou mal, só de serem gerados de Abraão.

Mas, por que não Esaú? Por que foi dito a Rebeca que o maior serviria o menor? Deus tinha preferência entre homens? Certamente, não!

Porque Deus estabeleceu a primogenitura como base para alguém permanecer na linhagem de Cristo. Mas, com relação a Esaú e a Jacó, essa questão não foi resolvida no nascimento, pois, não houve interrupção do parto, quando ambos nasceram.

A questão de quem seria abençoado, ficou a cargo dos dois irmãos, que deveriam saber da importância da primogenitura e de agirem crendo no estabelecido por Deus. Esaú, com medo da morte, desprezou o direito de primogenitura e vendeu ao seu irmão por um prato de lentilhas, portanto, não teve a mesma fé que o crente Abraão. Jacó, por sua vez, negociou o direito, tendo em vista que tal questão não havia sido definida no parto e adquiriu o direito para si.

Quando foi dito a Rebeca que o maior serviria ao menor, não foi expresso que Deus tinha preferência por Jacó, antes, o que foi dito evidenciou que não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são contados como descendência.

A palavra da promessa foi: *‘Em Isaque será chamada a tua descendência’* e *‘Por este tempo virei, e Sara terá um filho’*, mas como Isaque não era a descendência prometida, antes *‘em quem a descendência seria chamada’*, foi dito a Rebeca, mulher de Isaque: *‘O maior servirá o menor’*.



Só foi dito que *‘o maior servirá o menor’*, para evidenciar qual dos descendentes de Isaque continuaria a linhagem, na qual o descendente seria chamado e não que Deus tinha preferência por alguém. E assim se cumpriu a palavra dita a Abraão, mesmo que muitos dos filhos de Israel fossem incrédulos.

“Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo.” (Gálatas 3:16).

É sem apoio bíblico o ditado, na essência Calvinista, que diz: *“Não cai uma folha da árvore se Deus não quiser”*. Na criação, Deus deixou estabelecido que todas as folhas de todas as árvores caíam, porém, não estabeleceu como e quando caíam; se pela ação do vento, tempestade, arrancada por ação humana ou, por ter envelhecido.

Está determinado que as folhas das árvores cairão, mas não está determinado se cairá, antes ou, depois de a árvore ser cortada. Está determinado que as folhas cairão, mas não está determinado se antes ou depois de a árvore produzir flores ou frutos.

Quando se lê as considerações do Pregador, no Livro de Eclesiastes, acerca do tempo e dos eventos, as asserções não se enquadram no fatalismo, determinismo ou mecanicismo. Encontramos nas asserções do Pregador um quê do Co-determinismo, isso se considerarmos uma definição filosófica.

“TUDO tem o seu tempo determinado e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;” (Eclesiastes 3:1-2).

Não vivemos em um mundo que tudo se resume em causa e efeito, do mesmo modo que não estamos sob a égide de um fado, destino ou, de outro modo, que tudo o que vivenciamos é um meio que visa a um fim. Observe:

“O avisado vê o mal e esconde-se; mas os simples passam e sofrem a pena.” (Provérbios 27:12).

Vivemos em um mundo em que a ignorância (falta de conhecimento) não livra ninguém das consequências, pois, mesmo o inocente, está sujeito às consequências do que desconhece.

No universo, eventos podem ocorrer ao acaso, ou seja, são regidas por leis, mas sem uma fórmula previsível. Neste mundo, nada é garantia de nada:

*“Voltei-me e vi debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha, nem, tampouco, dos sábios o pão, nem, tampouco, dos prudentes as riquezas, nem, tampouco, dos entendidos o favor, mas, que o tempo e a oportunidade ocorrem a todos.”* (Eclesiastes 9:11).

Soberanamente, Deus estabeleceu a preeminência de Cristo em tudo e Ele vela para levar o seu propósito a efeito e as vontades, anseios e decisões dos homens não promovem e nem são obstes ao propósito eterno de Deus.

O livre-arbítrio ou livre-vontade, diferente do conceito equivocado da livre-agência, é atributo de todas as criaturas de Deus e nenhuma das vontades ou, decisões dos homens, foram, são ou serão violadas por Deus. O propósito eterno de Deus está a seu cargo e em nada depende da concordância ou, da discordância, mesmo que forçada, das suas criaturas.

## **Evangelismo**

Esse tópico aborda o segundo ponto do Pr. Augustus Nicodemus.

*“2 - Creio que Deus destinou desde a eternidade aqueles que irão se salvar. Esta convicção não me impede de orar pelos descrentes e evangelizar. Ao contrário, evangelizo com esperança, pois Deus haverá de salvar pecadores. Creio que Deus já sabe, mas oro assim mesmo. Sei que ele ouve e responde, e que minhas orações fazem a diferença. Sei também que, ao final, através de minhas orações, Deus terá realizado toda a sua vontade. Não sei como ele faz isso. Mas, não me incomoda nem um pouco. Não creio que minha oração seja um movimento ilusório no tabuleiro da soberania divina.”* (Idem)

É contraditória a ideia de quem acredita em uma predestinação que ocorreu na eternidade e, concomitantemente, crê que a sua própria oração é elemento que faz a diferença. Deus realiza a sua vontade, segundo o seu propósito e através da sua palavra, não através de orações.

Se Deus se propôs a não ouvir a oração de Jeremias, em favor do povo de Israel,

quando, sobre eles, viessem os males decorrentes da desobediência, quiçá uma oração seria motivo de esperança se, realmente, Deus tivesse predestinado alguns ao inferno.

“Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes por ele clamor nem oração; porque não os ouvirei no tempo em que eles clamarem a mim, por causa do seu mal.” (Jeremias 11:14).

Orar em favor dos perdidos, no caso do Pr. Nicodemus, é ser contraditório com a sua própria crença, a ponto de instituir absurdos.

Moisés foi repreendido por Deus ao orar, pedindo que o povo de Israel fosse perdoado, ou, se não, que o seu nome fosse riscado do livro da vida. Como orar contra a vontade de Deus, que estabeleceu que a alma que pecar essa mesmo morrerá?

Como cristãos, devemos crer na verdade, não em absurdos, conforme sugere a frase *“Credo quia absurdum”* (*Creio, porque é absurdo!*), exposta por Tertuliano de Cartago, escritor cristão do século III.

Em se falando do evangelho, temos a verdade, não absurdos. A ‘fé’, como doutrina, não é compreensível ao homem natural, mas, isso não significa que está fundamentada em absurdos, de modo a desafiar a lógica e a razão, pertinentes à dedução e à compreensão humana.

“Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade.” (João 17:17).

Geralmente, os absurdos ocorrem por má leitura das passagens bíblicas, não que a passagem bíblica contenha absurdos. Outro dia li um absurdo, em que um cristão dizia que ‘maldito o homem que confia em outro homem’, enquanto a ideia defendida pelo profeta Jeremias é ‘maldito o homem que confia em si mesmo’, aquele que faz da carne o seu braço.

“Assim, diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem e faz da carne o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!” (Jeremias 17:5).

Vários textos bíblicos são mutilados por má leitura, por exemplo, o que Deus disse por intermédio de Moisés: “... e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êxodo 33:19) pois, leem como se Deus, arbitrariamente, determinou ter misericórdia de alguns em detrimento de

outros, quando, na verdade, Deus está enfatizando que tem misericórdia dos que O obedecem, contrariando Moisés, que queria que o seu nome fosse riscado do livro da vida.

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

Se Deus faz misericórdia aos que guardam os seus mandamentos, claro está que Ele faz misericórdia de quem Ele quer e não com base na interseção de um dos seus servos. Nas proposições bíblicas há lógica pura, o que é enfatizado por outros servos de Deus:

“E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem.” (Lucas 1:50).

Mas, as asserções do Pr. Augustus Nicodemus são por demais confusas, pois, acredita que ninguém merece a graça de Deus e, no entanto, também acredita que Deus não deixa de conceder a sua graça a quem merecia recebê-la.

Segundo a Bíblia, a graça não envolve merecimento ou, demérito, visto que a graça foi manifesta a todos os homens. O termo ‘todos’ não pode ser considerado no sentido de totalidade, como se todos os homens estão salvos, mas, sim no sentido de que não houve acepção: a salvação é manifesta a qualquer homem de qualquer tribo, língua ou, nação.

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens,” (Tito 2:11).

E qual a graça manifesta? Cristo! Cristo foi manifesto e trouxe salvação, sem fazer acepção de pessoas. Algum homem merecia o Cristo? Não! Mas, mesmo assim, foi manifesto, da mesma forma que a ‘fé’, que é Cristo, foi manifesta.

“Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes. Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” (Gálatas 3:22-23).

É fato que Deus não predestinou todos à salvação, mas, é igualmente fato, que Ele não predestinou alguns para a salvação. É fato que não há inocentes, entre os membros da raça humana, mas, isso não valida à ideia de que Deus tenha

predestinado alguém ao inferno.

É comum no raciocínio Calvinista tomar uma premissa bíblica verdadeira, para tentar validar um argumento falso. Deus não predestinou ninguém à salvação, antes, salva os crentes pela loucura da pregação. A predestinação não é o meio ou, o modo de salvação.

A predestinação serve ao propósito eterno que Deus estabeleceu em Cristo e a graça e a misericórdia é o que provê salvação. Graciosamente, Deus proporcionou salvação em Cristo, por meio do evangelho, misericórdia demonstrada sem aceção, a todos os homens. E todos os homens que creem em Cristo, pelo fato de serem gerados de novo de semente incorruptível, estão predestinados a serem conforme a imagem de Cristo, para que Ele figure como primogênito entre muitos irmãos.

A predestinação não visa à salvação dos homens, antes, o propósito eterno estabelecido em Cristo, pois, ao entrar no mundo, o Cristo era o Unigênito do pai e agora, pela igreja, é o primogênito entre muitos irmãos, pois, os que creram foram predestinados a serem conforme a imagem de Cristo.

*“Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.”* (Romanos 8:29).

Questões absurdas, nas quais alguns creem, decorrem de má leitura, não que o que Deus decretou seja absurdo. É absurdo ler no verso acima que Deus predestinou alguém a ser salvo, sendo que o verso diz que Deus predestinou os que ‘dantes conheceu’ para terem a mesma imagem que o Filho de Deus.

E qual o objetivo de serem predestinados? O homem se ver livre do pecado? Não! O objetivo é que Cristo seja o primogênito entre muitos irmãos. A questão aqui é fatalista, pois, ao ser gerado de Deus, em Cristo, não há outro destino para o homem de novo nascido, pois todos serão conforme a imagem do Filho de Deus.

Por outro lado, é um absurdo afirmar que Deus, que não tem o culpado por inocente, predestinou *‘para a salvação pecadores perdidos, merecedores do inferno’*, ao mesmo tempo em que se diz que *‘não há pessoa alguma que mereça qualquer coisa de Deus’* e *‘que ele tenha deixado de conceder sua graça a quem merecia recebê-la’*.

*“3 - Não creio que Deus predestinou todos para a salvação. Da mesma forma, não creio que ele foi injusto e nem que ele fez acepção de pessoas para com aqueles que não foram eleitos. Não creio que Deus tenha predestinado inocentes ao inferno, pois não há inocentes entre os membros da raça humana. E nem acredito que ele tenha deixado de conceder sua graça a quem merecia recebê-la, pois igualmente não há pessoa alguma que mereça qualquer coisa de Deus, a não ser a justa condenação por seus pecados. Deus predestinou para a salvação pecadores perdidos, merecedores do inferno. Ao deixar de predestinar alguns, ele não cometeu injustiça alguma, no meu entender, pois não tinha qualquer obrigação moral, legal ou emocional de lhes oferecer qualquer coisa.” (Idem).*

## **Onisciência versus presciência**

Outro absurdo, é estabelecer um reducionismo na onisciência de Deus, a chamada presciência. Deus não prevê o que vai acontecer e nem determinou o que irá acontecer, antes, por ser onisciente, é conhecedor de todas as coisas, quer seja do passado, quer do presente ou, quer do futuro.

Deus é onisciente, porque é onipresente e não porque previu ou, porque determinou algo. Previsão é algo concernente aos homens, visto que Deus, de antemão faz conhecido aos seus servos os seus planos e desígnios.

A onisciência é atributo divino, a presciência não. Na onisciência já está incluso o conhecimento do futuro, portanto, com relação a Deus o termo presciência não tem razão de ser utilizado. Observe os seguintes argumentos:

*“4 - Creio que Deus sabe o futuro, não porque previu o que ia acontecer, mas porque já determinou tudo que acontecerá. Por isso, entendo que a presciência de que a Bíblia fala é decorrente da predestinação, e não o contrário. Negar a predestinação e insistir somente na presciência de Deus com o alvo de proteger a liberdade do homem levanta outros problemas. Quem criou o que Deus previu? E, se Deus conhece antecipadamente a decisão livre que um homem vai tomar no futuro, então ela não é mais uma decisão livre.” (Idem).*

A má leitura acerca do termo grego ‘conhecer’, quando empregado nas

Escrituras, fomenta vários equívocos. Para elucidá-los, analisemos a seguinte passagem bíblica:

“E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” (Mateus 7:23).

Tendo por base esse versículo, Cristo, na sua glória, não sabe todas as coisas? Não previu o que ia acontecer ou, não determinou o que acontecerá? O indivíduo que ‘nunca foi conhecido’ não foi predestinado para esse fim e mesmo, assim, não é conhecido?

Observe que as perguntas formuladas pelo Pr. Augustus Nicodemus não se adequam ao que Jesus dirá: ‘Nunca vos conheci’! Isso porque o termo grego traduzido por ‘conhecer’ não tem o significado de ‘saber’, mas, tem o sentido de não ter se tornado um só corpo.

Tornar-se membro do corpo de Cristo é imprescindível à salvação, pois, só assim, o homem torna-se um com o Pai e o Filho:

“E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um.” (João 17:22);

“Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular.” (1 Coríntios 12:27)

“Por isso deixai a mentira e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros.” (Efésios 4:25).

Essa comunhão íntima nomeia-se ‘conhecer’, portanto, se não se tornou um com o Pai e o Filho, nunca foi ‘conhecido’, conforme se lê:

“Mas agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Somente quando o homem se torna um com a verdade, sendo gerado de Deus, é liberto do Senhor, como estabeleceu Jesus:

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João 8:32);

“E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu

entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.” (I João 5:20).

‘Saber’ e ter ‘entendimento’ decorre da mensagem do evangelho, pelo qual o homem se faz discípulo, o que promove a união com o Pai e o Filho, ou seja, o ‘conhecer’, o ‘estar em Cristo’.

Se não souber ler esses versos, o intérprete se equivocará, quando se deparar com esse versículo:

“Porque os que dantes conheceu, também, os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Romanos 8:29).

Quem são os que ‘dantes’ conheceu? Segundo o Calvinismo diz do que Deus determinou que irá acontecer e, segundo o Arminianismo, refere-se ao que Deus previu que ia acontecer.

Ambos os posicionamentos doutrinários estão equivocados, pois o verso trata daqueles que se tornaram um só corpo com Cristo, ou seja, dos que ‘conheceram’. Daí a explicação: os que se fizeram um só corpo com Cristo, ou seja, ‘dantes’, ‘anteriormente’, ‘previamente’, também, foram destinados a serem conforme a imagem de Cristo.

Ninguém é destinado a ‘conhecer’, pois só ‘conhece’ a Cristo aquele que permanece no seu ensino, tornando-se seu discípulo. Só são ‘destinados’ os que ‘conhecem’ a Cristo!

## **Deus compreensível**

Equívocos doutrinários levam a uma crença, cuja base não passa de conjecturas:

*“5 - Creio que apesar de ter decretado tudo que existe desde a eternidade, Deus acompanha a execução de seus planos dentro do tempo, e se comunica conosco nessa condição. Quando a Bíblia fala de um jeito que parece que Deus nem conhece o futuro e que muda de ideia algumas vezes, é Deus falando como se estivesse dentro do tempo e acompanhando em sequência, ao nosso*



*lado, os acontecimentos. É a única maneira pela qual ele pode se fazer compreensível a nós. Quem melhor explica isso é John Frame, no livro “Não Há Outro Deus,” da Editora Cultura Cristã, que recomendo entusiasticamente.” (Idem).*

Daí o alerta:

“E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber.” (1 Coríntios 8:2).

A única maneira que Deus poderia se fazer compreensível aos homens, foi se fazendo carne e habitando entre os homens.

“Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.” (João 1:18).

Deus se comunicou com os homens através dos seus profetas e nos últimos tempos, por seu Filho:

“HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho,” (Hebreus 1:1).

## **Contradições**

É uma crença isolada, quando se afirma que Deus é soberano, bom e predestinou tudo o que acontece, mas, sem explicar quanto ao mal no universo.

Quando afirmamos que Deus é soberano, assim afirmamos porque Ele é o criador de todas as coisas e não que Ele exerça controle sobre as suas criaturas. Quando afirmamos que Deus é bom, não estamos dizendo que Ele é condescendente e bonzinho, antes, dizemos que Ele é nobre, veraz, superior. O termo ‘bom’ evidencia o senhorio de Deus e não uma condescendência.

O termo grego traduzido por ‘bom’ é ἀγαθός (agathos), cuja raiz etimológica significa ‘alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro’, o que distingue o nobre do homem comum, vil, mentiroso.

*“... continha em si a conjugação de nobreza e bravura militar (...) quase nunca tem o sentido posterior de ‘bom’, como arete não tem o de virtude moral”*

Jaeger, Werner, Paideia, A Formação do homem Grego, tradução Artur M. Parreira, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003. Pág. 27;

*“Senhorio e arete estavam inseparavelmente unidos. A raiz da palavra é a mesma: ἀριστος, superlativo de distinto e escolhido...”* (Idem), pág. 26.

O verso: **“Sempre seja Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso”** (Rm 3:4), contrapõe o homem a Deus, este como nobre, soberano, senhor, etc., enquanto aquele como vil, plebe, mau, etc. Nesse verso, o significado de ‘verdadeiro’ e ‘mentiroso’ não possui conotação moral.

O Pr. Nicodemus acredita que:

*“6 - Creio que Deus é soberano e bom. A contradição que parece haver entre um Deus soberano e bom que governa totalmente o universo, por um lado, e por outro, e a presença do mal nesse universo é apenas aparente e, por enquanto, sem explicação. Diante da perversidade e dos horrores desse mundo, alguns dizem que Deus é soberano mas não é bom, pois permite tudo isto. Outros, que ele é bom mas não é soberano, pois não consegue impedir tais coisas. Para mim, a Bíblia diz claramente que Deus não somente é soberano e bom - mas que ele é santo e odeia o mal. Ao mesmo tempo, a Bíblia reconhece a presença do mal do mundo e a realidade da dor e do sofrimento que esse mal traz. Ainda assim, não oferece qualquer explicação sobre como essas duas realidades podem existir ao mesmo tempo. Simplesmente afirma ambas e pede que vivamos na certeza de que um dia Deus haverá, mediante Jesus Cristo, de extinguir completamente o mal e seus efeitos nesse mundo.”* (Idem).

Há dois tipos de mal no mundo:

1. Um decorre do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e ambos, bem e mal, estão intrinsecamente ligados, como faces de uma mesma moeda, e o outro;
2. Refere-se à natureza do homem e dos anjos caídos.

A presença do mal neste mundo não é apenas aparente, antes o mundo está no maligno.

“Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno.” (1 João 5:19).

O mundo estar no maligno não se refere às perversidades e horrores desse mundo, como guerras, doenças, calamidade, etc. , antes à condição do homem separado de Deus.

Os homens, sendo maus, sabem dar boas coisas aos seus semelhantes. A condição herdada de berço pertinente ao homem é má e todos os descendentes de Adão são maus, mentirosos, trevas, perdidos, pecadores, etc.

“Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lucas 11:13)

No entanto, pelo conhecimento decorrente do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, todos os homens, além de maus, sabem dar boas coisas aos seus semelhantes e podem fazer o mal a eles, conforme bem lhes parece.

Deus soberano e bom não está interessado em reverter o conhecimento do bem e do mal que o homem adquiriu por causa da ofensa de Adão, pois o bem que o homem faz só aproveita aos seus semelhantes.

“Se pecares, que efetuarás contra ele? Se as tuas transgressões se multiplicarem, que lhe farás? Se fores justo, que lhe darás ou, que receberá ele da tua mão? A tua impiedade faria mal a outro tal, como tu; e a tua justiça aproveitaria ao filho do homem.” (Jó 35:6-8).

A proposta do evangelho visa reparar o mal decorrente da ofensa de Adão e para isso é necessário mudar a condição do homem, nascido como filho da ira e da desobediência. O único modo para essa mudança é a existência de um último Adão, que substitua a desobediência pela obediência, gerando de novo, por meio da semente incorruptível, filhos em comunhão com Deus.

A Bíblia não se cala ante homens que questionam o poder e o saber de Deus e não nega que há males no universo.

“Por causa das muitas opressões, os homens clamam, por causa do braço dos grandes. Porém, ninguém diz: Onde está Deus que me criou, que dá salmos durante a noite;” (Jó 35:9-10).

Quando o homem se depara com calamidades, infortúnios, desgraças, etc., questionam a existência de Deus em universo que o mal permeia, entretanto, quando em bonança, venturosos e alegres, não consideram onde Deus está.

Se um filho nasce com certa deficiência física, se lembram de questionar a grandeza de Deus, mas, quando os seus rebentos vem perfeitos e formosos ao mundo, se esquecem de questionar onde está Deus.

A proposta deste artigo não é dar todas as respostas às questões Calvinistas e nem de afrontar o Pr. Nicodemus, mas, como o artigo reúne as principais questões Calvinistas não respondidas, o artigo do Pr. Nicodemus serviu ao propósito de nos debruçarmos sobre o tema, à luz das Escrituras.

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] Fonte: <  
<http://tempora-mores.blogspot.com/2013/12/os-seis-pontos-do-meu-calvinismo.html>> Consulta realizada em 22/01/18.

---

# Eleitos e predestinados segundo o propósito eterno

Não há eleição e predestinação de perdidos para a salvação, mas, sim, eleitos e predestinados para o propósito eterno.

---

## Eleitos e predestinados segundo o propósito

## eterno

“Como, também, nos elegeu nele, antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele, em amor.” (Efésios 1:4)

### Preeminência de Cristo

A doutrina calvinista da eleição incondicional, nada mais é do que uma deturpação da verdade do evangelho de Cristo. Em função da má leitura de muitos textos bíblicos, os calvinistas lançam mão de argumentos, à luz das Escrituras, na tentativa de provar, como se fossem verdadeiras questões, como: depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível e perseverança dos santos.

Em primeiro lugar, vale destacar que a base da Doutrina da Salvação não se fixa na soberania de Deus. Com relação à soberania divina, a Bíblia destaca que Ele criou todas as coisas, como bem lhe aprouve, por meio da sua palavra. Tudo o que Deus trouxe à existência existe por Deus e neste fato temos a soberania divina (Sl 50:1).

Salvação não é uma questão decorrente da soberania, mas, sim, do propósito eterno de Deus. Deus propôs na eternidade, em si mesmo, ou seja, na pessoa do Cristo, fazê-lo mui sublime, entre muitos irmãos e o mais elevado dos reis da terra, propósito este que se concretizou na igreja e na descendência, segundo a carne de Abraão, respectivamente.

O propósito de Deus é imutável, não há adequações e nem precisa de ajustes, tanto na eternidade quanto no tempo dos homens. Ao final de todas as coisas, Cristo é a cabeça da igreja, o seu corpo, pois Ele é o Sublime entre muitos irmãos; concomitantemente, após o arrebatamento da igreja, haverá o início do reino milenar, em que Cristo se assentará sobre o trono de Davi e governará as nações.

Antes mesmo da criação do mundo, o propósito de Deus é a preeminência de Cristo em todas as coisas. Quando houve a queda do homem, a preeminência de Cristo continuou sendo o propósito de Deus e, por isso, Deus propôs salvar os homens, tornando-os aptos ao propósito que Deus estabeleceu em Cristo.

“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor.” (Ef 3:11).

O propósito de Deus é eterno e firme, pois, foi estabelecido por Ele e para Ele na pessoa do Seu Filho Jesus Cristo.

## **Salvação**

Como a queda de Adão no Éden, a humanidade ficou imprópria para o propósito que Deus estabelecera em Cristo, todavia, por Deus, o propósito permaneceu firme.

Em primeiro lugar, Deus fez aliança com o crente Abraão e prometeu que, em Abraão, seriam benditas todas as famílias da terra e que seria dada a terra das suas peregrinações aos seus descendentes. Essa promessa cumpre-se nos filhos de Abraão, segundo a carne, e aquela, nos filhos de Abraão, segundo a fé, pois, todas as promessas têm em Cristo o sim e por Ele o amém!

Como a humanidade estava perdida, em função da ofensa de Adão, aprovou a Deus salvá-la pela loucura da pregação, tornando-os salvos aptos para a vocação em Cristo. Só é vocacionado para o propósito eterno de fazer o Cristo preeminente, aqueles que são salvos pela loucura da pregação.

O propósito de Deus em Cristo é firme e, por isso, aprovou a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação!

“Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprovou a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (I Coríntios 1:21).

Como Deus salva os que creem, por intermédio da mensagem do evangelho (loucura da pregação), segue-se que a salvação não é efetuada através da soberania de Deus. Enfatizar que Deus salva o homem pelo seu poder (evangelho), não depõe em desfavor da soberania divina, antes enfatiza a perfeição de Deus, que é justo e justificador, vez que, através do evangelho justifica o ímpio.

É comum os calvinistas afirmarem que, na eternidade, antes de haver mundo, Deus estabeleceu pela sua soberania, através da eleição e predestinação, a

salvação de alguns e a perdição de outros.

Tal posicionamento não é o das Escrituras, que, por sua vez, demonstra que Deus quer que todos os homens se salvem, mas para serem salvos, é necessário que venham ao conhecimento da verdade, ou seja, se tornem um só corpo com Cristo, através da verdade do evangelho.

“Que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (I Timóteo 2:4).

O apóstolo Paulo é claro: Deus quer, o que é diferente do que os calvinistas afirmam, que Deus escolhe para a salvação. Se a salvação fosse resultado de uma escolha unilateral de Deus, não haveria necessidade de o homem conhecer a verdade.

São muitas as teorias dos calvinistas, acerca de decretos de Deus estabelecidos antes de existir mundo, acerca da salvação e perdição, tendo por base alguns versículos divorciados dos seus contextos. Sob o argumento de que os pensamentos de Deus são impossíveis de uma mente finita compreender, afirmam intensões e decretos de Deus estabelecidos na eternidade, acerca da salvação, que não estão exarados nas Escrituras.

A vontade soberana de Deus está patente nas Escrituras, a saber:

1. A preeminência de Cristo em todas as coisas; para isso, se fez necessário:
2. Salvar o que se havia perdido.

A preeminência de Cristo em todas as coisas é o proposito eterno de Deus, estabelecido na eternidade, pelo qual Cristo é constituído o cabeça da Igreja, que é o seu Corpo e, por fim, constituído o mais elevado dos reis da terra, assentando-se sobre o trono de Davi.

Para que o propósito de Deus fosse estabelecido, se fez necessária a criação de homens semelhantes a Ele, de modo que o Cristo ressurreto fosse feito proeminente entre muitos irmãos, o cabeça de um corpo. É em função dessa verdade, que os crentes em Cristo Jesus são predestinados a serem conforme a imagem de Cristo, para que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

Para fazê-lo o mais elevado dos reis da terra, Deus escolheu a linhagem de Abraão, segundo a carne, e prometeu a Davi que o seu descendente se assentaria

no trono, tendo um reinado perpétuo.

Em razão do propósito eterno celestial, Deus elegeu a geração do último Adão para ser santa e irrepreensível diante d'Ele e a destinou para ser conforme a sua imagem e semelhança. Em função do propósito terreno, a descendência de Abraão foi escolhida, mesmo que muitos pertencentes à nação de Israel não fossem salvos.

Mas, para estabelecer Cristo como o cabeça de uma geração de homens espirituais, Deus buscou salvar os descendentes de Adão, que estavam perdidos, em função da ofensa de Adão. Salvar não é o propósito eterno de Deus, mas para estabelecer o propósito eterno, se fez necessário salvar os homens, por intermédio do evangelho.

Em Cristo, Deus buscou os pecadores e, através do evangelho, chama a todos os homens ao arrependimento. Nenhum perdido foi escolhido ou, destinado para a salvação, antes, todos foram alvos da misericórdia de Deus, revelada em Cristo, por meio da verdade do evangelho.

Agora, após crer na verdade do evangelho, os crentes são eleitos de Deus, pois são criados de novo, na condição de santos e irrepreensíveis. Agora, após salvos por meio do evangelho, os que creem estão destinados a serem conforme a imagem de Cristo, pois, só assim, Cristo é primogênito entre muitos irmãos.

## **Eleição incondicional**

Na Bíblia encontramos vários eventos em que há eleição incondicional, porém, todos os eventos têm em vista um propósito de Deus, não a salvação do indivíduo.

A eleição de faraó foi incondicional, pois tinha em vista um propósito: dar a conhecer o nome do Deus de Israel em toda terra. Ao escolher faraó, o propósito não firmou-se no indivíduo faraó, mas em Deus, que O elegeu, e para tanto, qualquer um dos faraós do Egito serviriam ao propósito de Deus.

*“Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra”  
(Rm 9:17).*



Semelhantemente, a escolha de Ciro, como libertador do povo de Israel, serviu a um propósito e não à salvação do Rei persa.

“ASSIM diz o SENHOR ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações diante de sua face e descingir os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas e as portas não se fecharão” (Is 44:28; Is 45:1; Es 1:1).

A eleição incondicional do rei da Pérsia não tinha em vista o indivíduo Ciro (mesmo tendo sido chamado pelo nome), mas, a palavra de Deus dada aos pais:

“Por amor de meu servo Jacó e de Israel, meu eleito, eu te chamei pelo teu nome, pus o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses” (Is 45:4).

Observe que, nas eleições incondicionais, não se tem em vista a salvação do indivíduo, mas, uma missão ou, um propósito de Deus, como se depreende da eleição de Ciro, que assinou um edito para o retorno de alguns judeus a Jerusalém, para a construção do templo.

A eleição da descendência de Abraão visava o propósito de Deus, por isso foi ordenado a Abraão: sai do meio da tua parentela. O propósito é firme, porque Deus chamou e Ele fez Abraão pai de muitas nações, visando o seu propósito em Cristo: a) benditas todas as famílias da terra; b) uma terra e um reino à descendência de Abraão.

Jacó foi eleito desde o ventre, por causa do propósito de Deus estabelecido em Cristo, pois, isso foi anunciado de antemão à mãe de Jacó, que o maior serviria ao menor. O Cristo poderia vir da descendência de Esaú ou, de Jacó, entretanto, Jacó foi eleito por ter adquirido o direito de primogenitura, diferente de Esaú, que o desprezou.

O chamado tem em vista o propósito, que é firme em Deus, e não quem foi eleito; em função disso, foi dado o critério da primogenitura. O critério segundo a eleição é a primogenitura e isso foi anunciado de antemão a Rebeca.

Jacó e Esaú não tinham feito bem ou mal quando Jacó foi anunciado a Rebeca que herdaria a bênção, para levar a efeito o seguinte propósito: “*os filhos da promessa são contados como descendência*”. Deus deu a Jacó o que lhe era de direito, a bênção da primogenitura, rejeitando Esaú, pois, da linhagem de Jacó, viria o

descendente, não de Esaú, porque este rejeitou a primogenitura.

Observe que as eleições incondicionais que há na Bíblia, não tem em vista a salvação do indivíduo, mas, , uma missão ou, um propósito específico, como se depreende da eleição de Ciro, que assinou um edito para o retorno de alguns judeus a Jerusalém, para a reconstrução do templo.

Que dizer das eleições de Salomão, Jefté, Sansão, Gideão, etc., homens que desempenharam missões importantes na condição de reis e juízes, mas que ao final da vida, entraram por caminhos dúbios.

## **O crente em Cristo**

O crente em Cristo é salvo, pois, crê com o coração, que Deus ressuscitou a Cristo dentre os mortos e confessa com a boca que Jesus é o Senhor (Rm 10:9).

Mas, para chegar a essa nova condição: salvo e predestinado a ser conforme a imagem de Cristo, se fez necessário que alguém anunciasse a salvação em Cristo, através do evangelho (Rm 10:14-15).

Para crer com o coração e confessar com a boca, foi necessário ao crente ouvir e alguém ser enviado a pregar. No dia da pregação da verdade do evangelho, no qual o crente creu, tem-se o dia sobremodo oportuno e de salvação para aquele indivíduo.

Esse dia sobremodo oportuno não se deu na eternidade, mas, sim, no dia em que foi anunciado o evangelho e crido.

**“(Porque diz: Ovi-te em tempo aceitável E socorri-te no dia da salvação; Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação)” (2 Coríntios 6:2)**

Para o crente, em particular, o dia em que creu é o dia de salvação, diferente do pensamento de um calvinista, que acredita que primeiro são regenerados, para depois crerem para a salvação. Um calvinista não ouve, muda de concepção (arrepende) e crê para ser salvo, antes, não se sabe, como se percebem um dos eleitos (pois essa é a concepção de regeneração deles), momento no qual são habilitados a crer.

Tal posicionamento é contrário às Escrituras, que demonstra que a salvação só é possível, após ouvir o evangelho, que é poder de Deus.

“Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1:13).

O crente passa a estar em Cristo (ser uma nova criatura) depois que ouve a palavra da verdade e crê. Estar em Cristo é o mesmo que ser nova criatura, ou seja, é resultado de ser gerado de novo, por intermédio da semente incorruptível, que é a palavra de Deus (2 Co 5:17).

‘Regeneração’ diz do novo nascimento, por intermédio da semente incorruptível, que é poder de Deus para salvação, e não de uma ‘graça especial’ para alguns indivíduos em particular.

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre” (1 Pe 1:23).

O ensino Monergista (graça irresistível), por má leitura da Bíblia, dá o nome regeneração ao ato em que, arbitrariamente, Deus escolhe alguns para serem regenerados, habilitando-os a crer.

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

---

## **Perdição e salvação estão atreladas aos caminhos, e não aos homens**

O termo ‘conduz’ utilizado na parábola dos caminhos apresenta a função que o caminho desempenha, ou seja, conduzir a um destino àquele que entra pela porta.

A perdição é o destino do caminho espaçoso, e a salvação é o destino do caminho estreito. Como são os caminhos que possuem destinos (salvação e perdição), através da parábola Jesus exclui qualquer conceito de sina, determinismo ou fatalismo quando ao futuro dos homens.

---

## **Perdição e salvação estão atreladas aos caminhos, e não aos homens**

Após analisar a parábola das duas portas e dos dois caminhos, o leitor será capaz de dizer se verdadeiramente Deus predestinou alguns homens à salvação e o restante à danação eterna.

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” ( Mt 7:13 -14)

### **A porta estreita**

Quando anunciou o reino dos céus no Sermão da montanha, Jesus instruiu os seus ouvintes a ‘entrarem pela porta estreita’ “[Entrai pela porta estreita](#)” ( Mt 7:13 ). Jesus é a porta estreita pela qual os justos haveriam de entrar, pois Ele mesmo disse: “[Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens](#)” ( Jo 10:9 ).

O salmo 118 é messiânico e apresenta Cristo como a porta dos justos, assim como Ele é a pedra angular, a pedra de esquina, o servo ferido, a destra do Altíssimo, a Luz que veio ao mundo, o Bendito que vem em nome do Senhor e a vítima da festa “[Esta é a porta do SENHOR, pela qual os justos entrarão](#)” ( Sl 118:15 -27 )

Mas, por que é necessário entrar por Cristo? Como entrar por Cristo?

Jesus apresentou três motivos pelos quais é imprescindível entrar pela porta estreita:

“... porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela” ( Mt 7:13 )

- A porta é larga;
- Dá acesso ao caminho de perdição, e;
- Muitos entram por ela.

## Identificando a porta larga

A parábola apresenta somente duas portas e, com relação às portas, Jesus se apresenta como a porta estreita “[Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão](#)” ( Lc 13:24 -25; Jo 10:9 ).

A Bíblia não contém uma definição explícita da porta larga, porém através de Cristo, que é a porta estreita, é possível determinar o que é, ou quem é a porta larga.

Há várias concepções que apresentam alguns candidatos para ocupar o ‘cargo’ de porta larga, entretanto, devemos considerar que há uma justa posição entre a [figura da porta larga e a figura da porta estreita](#), de modo que, há quesitos a serem satisfeitos para que um ‘candidato’ à porta larga se enquadre perfeitamente na figura.

Se a porta estreita, que é Cristo, é um homem, segue-se que a figura da porta larga deve fazer referência a um homem. Se a porta estreita é cabeça de uma nova geração, a porta larga também deve fazer referência à cabeça de uma geração.

Muitos indicam o diabo para o cargo de porta larga, entretanto, ele é um anjo caído (não é um homem), e como não pode trazer a existência seres semelhantes a ele, logo, não pode ser cabeça de uma geração. O diabo não se enquadra na justa posição que há entre as figuras da porta larga e da porta estreita ( Lc 20:35 -36).

O pecado, por sua vez, diz de uma condição a que o homem está sujeito, ou seja, alienado de Deus, portanto, não é um ser, não é anjo e nem homem. O pecado não se enquadra no cargo de porta larga, além de ser impossível o pecado assumir a

posição de cabeça de uma geração ( Is 59:2 ).

As instituições humanas também são, muitas vezes, indicadas como porta larga, porém, uma instituição é composta de vários homens reunidos em torno de um objetivo. Não passa de uma assembleia de pessoas, de modo que não se ajusta à figura de porta larga.

O mundo não é a porta larga, visto que o mundo, na Bíblia, diz dos homens alienados de Deus regidos por suas paixões, pela concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e pela soberba da vida ( Ef 2:2 ; Cl 2:8 ). Logo, não podemos considerar que a porta larga é o diabo, o pecado, o mundo ou uma instituição religiosa.

Resta-nos considerar que, se a porta estreita é um homem, a porta larga necessariamente deve ser um homem. Como Cristo, a porta estreita, veio ao mundo sem pecado, o candidato à porta larga também deve ser um homem que veio ao mundo sem pecado. Como Cristo é a cabeça de uma nova geração de homens espirituais, a porta larga refere-se à cabeça de uma geração de homens. O único homem que se encaixa na figura da porta larga é Adão, pois veio ao mundo sem pecado e é a cabeça de uma geração de homens carnis.

Como pode ser isso? Ora, na Bíblia a porta é figura que possui diversos significados, porém, as figuras das portas que Jesus apresentou no Sermão da montanha dizem de nascimento, de modo que Adão é a porta larga por quem todos os homens entram no mundo. Todos os homens quando vem ao mundo (abrem a madre) são gerados segundo a semente de Adão. Todos os homens, exceto Cristo, entraram no mundo através de Adão, que é a porta larga.

Cristo foi lançado pelo Espírito Santo no ventre de Maria, ou seja, desassociado da semente corruptível de Adão. Por ter sido introduzido no mundo por Deus, Cristo é o último Adão, a cabeça de uma geração de homens espirituais ( 1Co 15:45 ). Em outras palavras, Adão é o tipo e Cristo é o antítipo. Adão a figura e Cristo a realidade “... Adão, o qual é figura (tipo) daquele que havia de vir (antítipo)” ( Rm 5:14 ).

Para estar sujeito à paixão da morte, Cristo teve que vir ao mundo à semelhança dos homens (carne do pecado), porém, sem pecado ( Hb 2:9 ). Para isso foi introduzido pelo Espírito Santo no ventre de Maria, pois se fosse gerado segundo a carne, estaria sob a mesma condenação que se abateu sobre a humanidade ( Gl

4:4 ; 1Jo 3:9 ). Já no Éden foi anunciado que o descendente viria da descendência da mulher, em vista da oposição que haveria entre as duas sementes ( Gn 3:15 ).

Vale destacar que, quando Cristo criou o homem no Éden ( Hb 2:10 ), Adão foi criado à imagem e semelhança do Cristo-homem, e não à semelhança do Deus invisível e em glória ( Hb 2:9 ). Adão foi criado à imagem e semelhança do Cristo-homem que havia de vir ao mundo, sendo gerado no ventre de Maria ( Rm 5:14 ), ou seja, não a semelhança do Cristo glorificado, pois tal condição Cristo somente alçou após ressurgir dentre os mortos “[Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; eu me satisfarei da tua semelhança quando acordar](#)” ( Sl 17:15 ).

## A porta é larga

A porta é designada larga porque todos os homens, para virem ao mundo, necessariamente tem que entrar por Adão ( 1Co 15:46 ). Jesus deixa claro que são muitos que entram pela porta larga, e não todos, isto porque Cristo foi exceção à regra. Enquanto os homens naturais foram lançados na madre através de uma semente corruptível, Jesus foi lançado na madre através da operação sobrenatural do Espírito Santo ( Sl 22:10 ).

Antes de Adão não havia desobediência, pecado ou morte para a humanidade. Com a transgressão de Adão, entrou no mundo o pecado e a morte ( 1Co 15:21 -22 ). Por causa da ofensa de Adão todos os seus descendentes juntamente alienaram-se de Deus ( Sl 53:3 ).

A Bíblia é clara quando demonstra que todos os homens juntamente se desviaram, alienaram de Deus. Como foi possível aos homens alienarem-se de Deus juntamente? Ora, existiu um único evento no qual todos os homens estavam ‘juntamente’ reunidos. Por interpretação ( Hb 7:2 ), no Éden todos os homens estavam reunidos na ‘coxa’ de Adão ( Hb 7:10 ). Quando Ele transgrediu, todos se tornaram transgressores. Quando Adão tornou-se imundo, contaminou toda a sua linhagem, pois do imundo não há como vir o puro ( Sl 53:3 ).

Quando os homens alienaram-se de Deus? Alienaram-se de Deus no Éden. Lá no Éden pereceu o homem piedoso e todos os seus descendentes tornaram-se imundos “[Já pereceu da terra o homem piedoso, e não há entre os homens um que](#)

seja justo; todos armam ciladas para sangue; cada um caça a seu irmão com a rede” ( Mq 7:2 ). É em função da transgressão no Éden que os homens alienam-se de Deus desde a madre, são gerados de uma semente corruptível, a semente de Adão. Como consequência, andam errantes desde que nascem, pois estão em um caminho que os conduz à perdição ( Sl 58:3 ).

## **O caminho de perdição**

Após abrir a madre (nascer), ou seja, ‘entrar pela porta larga’ o homem trilha um caminho específico atrelado à perdição. A parábola mostra que a figura do caminho é funcional, pois demonstra que o caminho leva, ou seja, conduz todos os homens que nele se encontram a um único lugar: perdição. De igual modo, a parábola demonstra que o caminho estreito conduz todos os homens que nele se encontram à vida, ou seja, o caminho estreito possui como destino um lugar específico: salvação ( M 7:13 -14).

O termo ‘conduz’ utilizado na parábola dos caminhos apresenta a função que o caminho desempenha, ou seja, conduzir a um destino àqueles que entram pelas portas. A perdição é o destino do caminho espaçoso, e a salvação é o destino do caminho estreito. Como são os caminhos que possuem destinos (salvação e perdição), através da parábola Jesus exclui qualquer conceito de sina, determinismo ou fatalismo quando ao futuro dos homens.

O termo ‘conduz’ evidencia a função do caminho, e nada mais. O caminho conduz a um destino específico e certo. Por exemplo: a perdição é o destino do caminho espaçoso, e a vida é o destino do caminho estreito. Ora, a parábola não apresenta a salvação ou a perdição atreladas aos homens, antes a salvação e a perdição foram apresentadas atrelados aos caminhos.

Ninguém vem a Deus se não por Cristo, pois Ele é o caminho que conduz o homem a vida. De igual modo, ninguém vai à perdição se não pelo caminho espaçoso, que conduz à perdição. Enquanto os judeus e os gregos possuíam uma visão fatalista e determinista de mundo, Jesus demonstra que a sua doutrina não segue a concepção da humanidade. Jesus não apresenta a salvação e nem a perdição com destino dos homens, antes como destino dos caminhos, de modo que o evangelho não segue as bases de correntes filosóficas como o fatalismo e



determinismo.

Por que é necessário evidenciar esta peculiaridade dos caminhos? Para desmistificar algumas concepções, pois em algumas civilizações antigas, como a dos gregos, o mundo e os seus eventos cotidianos eram regidos por uma sucessão de eventos inevitáveis e preordenados por uma determinada ordem cósmica ou divindade. Tal doutrina afirma que todos os acontecimentos ocorrem de acordo com um destino fixo e inexorável, sem que os homens não podem controlá-los ou influenciá-los.

Na mitologia grega têm-se as Moiras, três irmãs que, através da Roda da Fortuna, determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos, portanto, o destino submetia os deuses, que por sua vez, deveriam resignar-se à sua sorte, sina, fado.

Além da cultura greco-romana, temos o fatalismo regendo o estoicismo romano e grego, que por fim, influenciou a doutrina dita cristã da Divina Providência. Divina Providência tornou-se um pensamento teológico que confere à onipotência de Deus controle absoluto sobre todos os eventos nas vidas das pessoas e na história da humanidade. Tal concepção afirma que Deus decidiu e preordenou todos os eventos e nada acontece sem que Deus permita.

Outra corrente filosófica, o determinismo, afirma que todo acontecimento (inclusive o mental) é explicado por relações de causalidade (causa e efeito).

Na Bíblia tais pensamentos, sejam mitológicos ou filosóficos, não encontram eco, pois o 'destino' é apresentado única e especificamente como o local que se chegará após trilhar um caminho. Na Bíblia o termo 'destino' é empregado no sentido de local, lugar, porém, não envolve a ideia de preordenação **“Como também trezentos escudos de ouro batido; para cada escudo destinou trezentos siclos de ouro; e Salomão os pôs na casa do bosque do Líbano”** ( 2Cr 9:16 ).

Quando se lê: **“E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou”** ( Lc 22:29 ), não há nada de determinismo no sentido filosófico ou mitológico, antes Jesus indicou que, da mesma forma que Deus reservou o reino para o seu Filho, certo é que o reino pertence aos que creem, pois herdarão com Cristo todas as coisas.

Ora, os dois versos acima possuem o mesmo princípio: assim como o ouro foi preparado em função do escudo, o reino foi preparado para os que creem em

Cristo. Isto não quer dizer que algumas pessoas foram destinadas ao reino, e outra não, antes que o reino foi preparado para os que creem. O equívoco de alguns se dá em função da linguagem, pois deixam de considerar que, na antiguidade, as coisas eram definidas pela sua função, serventia *“Todas as coisas se definem pelas suas funções”* (Aristóteles, A Política. Tradução Nestor Silveira Chaves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 22).

Quando lemos: *“Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo”* ( 1Ts 5:9 ), temos que considerar que o apóstolo apresenta a figura do caminho estreito: ‘por nosso Senhor Jesus Cristo’. No verso em comento, o termo ‘destinar’ não foi empregado no sentido de preordenar, e sim, no sentido de reservar.

Como o apóstolo está tratando com os cristãos e trazendo a memória deles a atual condição em Cristo: filhos da luz ( 1Ts 5:5 ), recomenda que deveriam permanecer vigilantes e sóbrios ( 1Ts 5:7 ), revestindo-se do poder de Deus, que é o evangelho ( 1Ts 5:8 ). Pois agora, diferente do tempo em que estavam nas trevas e eram filhos da ira, os cristãos, em função do caminho que conduz à vida (Jesus Cristo nosso Senhor), alcançaram, adquiriram salvação. Ou seja, o apóstolo não diz que os cristãos foram predestinados a salvação, antes que, por estarem no caminho estreito, o destino agora é de salvação, diferente do caminho espaçoso, que é de ira.

Qual a função de um caminho? Conduzir a um lugar, ou seja, destino certo. O lugar vincula-se ao caminho sem qualquer conotação de ‘predestinação’, ‘previsão’, ‘preordenação’. O destino do caminho ligado à porta larga é de perdição, assim como o destino da Rodovia Presidente Dutra é o Rio de Janeiro para quem sai de São Paulo.

Devemos considerar que o Senhor Jesus afirmou que quem tem destino é o caminho ao exortar as pessoas que porfiassem por entrar pela porta estreita. Deste modo, Jesus demonstra que o viajante não está preordenado, predestinado, etc., à perdição, antes é o caminho que dá em um lugar de perdição.

Diante do alerta de Cristo, verifica-se que o viajante pode trocar de caminho, assim como é possível a alguém que está em São Paulo a caminho do Rio de Janeiro pela Rodovia Presidente Dutra pegar a Rodovia Raposo Tavares com destino ao estado do Paraná.

- “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela” ( Mt 7:13 );
- “Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entrais nem deixais entrar aos que estão entrando” ( Mt 23:13 );
- “Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens” ( Jo 10:9 );

A porta é espaçosa porque muitos entram por Adão, e o caminho é espaçoso porque todos que são gerados de Adão são conduzidos à perdição. Jesus vinculou a perdição ao caminho, e não aos homens. Através da parábola fica evidente que o destino vincula-se ao caminho. O caminho e o destino são fixos e atrelados, porém, o homem é atrelado à porta (nascimento), o que significa que é possível deixar o caminho em que está e passar para o outro.

## O caminho é espaçoso

A porta é espaçosa porque todos os homens, exceto Cristo, entram por Adão e o caminho é espaçoso porque muitos homens são conduzidos à perdição.

Na parábola dos dois caminhos Jesus vinculou a perdição ao caminho, e não aos homens. Através de uma leitura atenta da parábola é evidenciado que o destino está atrelado ao caminho.

O homem nasce pela primeira vez segundo a carne, o sangue e a vontade do varão, ou seja, nasce vinculado à porta larga. Não foi Deus quem estabeleceu que o homem seria gerado em pecado, antes quando Adão desobedeceu, sujeitou-se à condição de alienado de Deus (pecado) e arrastou todos os seus descendentes para a mesma condição. A porta larga surgiu em Adão, que pecou e vendeu todos os seus descendentes ao pecado, de modo que, ao vir ao mundo, nenhum homem é livre do pecado.

A entrada dos homens ao mundo pela porta larga ficou vinculada ao primeiro pai da humanidade, pois nascer da carne é o único meio de o homem entrar no mundo “Teu primeiro pai pecou, e os teus intérpretes prevaricaram contra mim” ( Is 43:27 ; Os 6:7 ). Para entrar pela porta larga o homem não exerce escolha,

assim como os que descendiam (filhos) dos escravos não escolhiam a condição social quando viam ao mundo. Ou seja, ninguém que entra pela porta larga escolheu entrar por ela.

A figura é completa em si mesma, pois os caminhos possuem um destino certo e imutável, porém, os homens não estão atrelados a um destino, quer seja perdição ou salvação.

No dia a dia, se um homem quiser chegar a um destino, necessariamente terá que escolher qual caminho tomar, pois o destino está atrelado ao caminho. Se um viajante deseja sair de São Paulo com destino ao Rio de Janeiro, terá de percorrer a Rodovia Presidente Dutra.

Através da parábola dos dois caminhos é patente que Deus não predestinou ninguém à salvação eterna ou a danação eterna. Quando um novo homem vem ao mundo, necessariamente entra pela porta larga e estará em um caminho largo que o conduz à perdição.

Ninguém que entra no mundo por Adão está predestinado à perdição, pois é o caminho que conduz à perdição. O caminho espaçoso possui um destino, ou seja, está atrelado a um lugar. O lugar que o caminho espaçoso conduz é de perdição, diferente do caminho estreito, que conduz à salvação.

Semelhantemente, ninguém que entra por Adão está predestinado à salvação, visto que, por ter entrado no mundo através da porta larga, está em um caminho largo que o conduz à perdição. A concepção de que há homens que veem ao mundo predestinados à salvação deixa de considerar que todos são formados em iniquidade e concebidos em pecado, portanto, nascem pecadores e no caminho de perdição.

Ora, se houvesse predestinação para salvação, necessariamente o indivíduo predestinado não poderia vir ao mundo por Adão. Teria que entrar por outra porta, à parte de Cristo ou de Adão, porém, tal porta não existe. Para entrar por Cristo, primeiro o homem tem que entrar por Adão, e após entrar por Adão, somente é possível entrar no reino dos céus fazendo obra que exceda a dos escribas e fariseus: crer em Cristo, ou seja, nascendo de novo ( Mt 5:20 ; Jo 3:3 e Jo 6:29 ).

Quem nasce apenas uma vez permanece no caminho espaçoso, quem nasce de

novo, ou seja, a segunda vez, sai do caminho de perdição e passa para o caminho que conduz à salvação, que é Cristo.

Salvação e perdição não são destinos preordenados aos homens antes de nascerem, pelo contrário, salvação e perdição estão vinculadas ao caminho que os homens trilham após entrarem pelas portas. Os homens acessam as portas uma por vez e na seguinte ordem: primeiro a porta larga, depois a estreita. Se entrar por Adão, estará em um caminho de perdição, se por Cristo, em um caminho de salvação.

## **Muitos entram pela porta larga**

Quando nascem, os homens estão em um caminho de perdição (exceto Cristo), porém, lhes é concedido a oportunidade de entrarem pela porta estreita. Todos os homens entram pela porta larga e, para receber salvação, precisam entrar por mais uma porta, de modo que, para alcançar vida eterna, os homens devem passar por duas portas, ou seja, por dois nascimentos.

Como já afirmamos, o destino de um caminho é imutável, ou seja, se há alguma espécie de fatalismo ou determinismo expresso no cristianismo, ele recai única e exclusivamente sobre o caminho, jamais sobre os viajantes.

Todos os homens entram neste mundo por Adão, e nenhum deles está predestinado à salvação. O que a Bíblia demonstra é que todos que entram por Adão percorrerem um caminho largo que os conduz à perdição. Os dois caminhos estão atrelados a lugares específicos (destinos) e imutáveis.

Como a perdição (destino, lugar) está atrelada ao caminho espaçoso, e não aos homens, Jesus faz um convite solene, verdadeiro e real a todos os homens nascidos de Adão: **“[Entrai pela porta estreita](#)”** ( Mt 7:13 ). Tal convite demonstra que é possível mudar do caminho com destino à perdição para o novo e vivo caminho cujo destino é a vida eterna.

A porta larga é figura de nascimento natural e a porta estreita do novo nascimento. A porta larga trás ao mundo almas viventes e a porta estreita trás homens espirituais. O novo nascimento diz de uma nova geração proveniente da

semente incorruptível (palavra de Deus), diferente do nascimento natural, que é decorrente da semente corruptível ( 1Pe 1:23 ).

Nesta parábola, porta é o mesmo que nascimento, de modo que, todos quantos são nascidos de Adão, são carnis e seguem por um caminho que conduz à perdição. Semelhantemente, todos quantos entram por Cristo, nascem de novo, estão em um caminho estreito que os conduz a Deus.

Jesus disse: - “Eu sou a porta”! “Eu sou o caminho”! Primeiro o homem entra neste mundo por Adão, depois é necessário entrar por Cristo, nascendo de novo da água e do Espírito. Cristo é o caminho que conduz o homem a Deus. Cristo é o caminho que possui salvação como destino. Qualquer que entra por Ele está no caminho que o conduz única e especificamente a Deus.

O caminho é estreito porque poucos entram por Cristo, e o caminho é largo porque são muitos que entram por Ele. Não é comportamento, moral ou caráter que qualifica a largura do caminho, e sim a quantidade de acesso.

## **Mudança de caminho**

Como sair do caminho largo e entrar no caminho estreito?

Para o homem nascer de novo, primeiro é necessário tomar sobre si a sua própria cruz e seguir após Cristo, ou seja, para nascer de novo primeiro é necessário morrer ( Cl 3:3 ). Sem morrer é impossível nascer de novo “[Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim](#)” ( Gl 2:20 ; Rm 6:6 ).

Fica evidente que dentre os nascidos de Adão não há ninguém predestinado à salvação, visto que, se não nascer de novo, não entrará no reino dos céus. Ora, quem entra nos céus é a nova criatura, porque a velha gerada em Adão é crucificada e morta, evidenciando que é impossível aos gerados em Adão herdarem a salvação.

Se alguém gerado da semente de Adão fosse predestinado à salvação, não necessitaria morrer com Cristo. Mas, se é necessário morrer com Cristo,

evidentemente ninguém é predestinado à salvação. Se houvesse predestinação para salvação, certo é que o homem não seria sujeito à morte: nem a física, nem a morte com Cristo.

O homem que herda a salvação não é o mesmo que veio ao mundo, visto que do homem que veio ao mundo só é aproveitado o barro, a massa, porém, é dado um novo coração e um novo espírito. Quando o homem morre com Cristo, o vaso de desonra é quebrado e feito um novo vaso de honra da mesma massa. É por esta peculiaridade que é impossível ao homem gerado de Adão ter sido predestinado à salvação, pois é necessário um novo nascimento, uma nova criação, um novo pai de família, um novo coração e um novo espírito **“Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?”** ( Rm 9:21 ).

O homem pode assumir duas condições: a de perdido, pois quando nasce segundo a carne é homem natural, velha criatura, velho homem, velho ‘eu’, carnal, terreno, etc., e: a de salvo, pois quando nasce de novo, crucificou a velha natureza e foi de novo criado em verdadeira justiça e santidade. Se a velha criatura é crucificada e morre, certo é que tal indivíduo não foi predestinado à salvação.

Volto a repetir, se o homem fosse predestinado à [salvação](#) não seria necessário morrer para ser gerado um novo homem.

O novo homem é criado em verdadeira justiça e santidade, diferente do velho homem que foi gerado em iniquidade e em pecado ( Sl 51:5 ). O novo homem possui um novo coração e um novo espírito, portanto, não possui vínculo com o velho homem que herdou um coração de pedra. O velho homem não foi predestinado à salvação, pois é necessário a todos que se salvam crucificarem a velha natureza com as suas concupiscências ( Gl 5:24 ).

A ideia de que Deus predestinou alguns homens à salvação e outros à danação eterna antes mesmo de virem ao mundo, não coaduna com o posicionamento da Bíblia, pois se assim fosse, os homens gerados de Adão predestinados à salvação não teriam que ser crucificados **“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”** ( Gl 2:20 ). Como é imprescindível a crucificação com Cristo, certamente não há predestinação de indivíduos à salvação. Como é imprescindível morrer e renascer,

certamente o homem salvo não é o mesmo que nasceu segundo a carne e o sangue ( Jo 1:12 -13).

A predestinação que a Bíblia apresenta é para ser filho por adoção, difere muito da ideia de predestinação para salvação ( Ef 1:5 ).

O que isso significa ser predestinado para filho por adoção? Que qualquer que entrar por Cristo e perseverar n'Ele não terá outro destino: será um dos filhos de Deus ( Rm 8:29 ).

Todos que entram pela porta estreita, que é Cristo, conhecem a Deus, ou antes, foram conhecidos d'Ele (conhecer=tornar-se um só corpo, comunhão íntima). Para que Cristo fosse alçado à posição de primogênito entre muitos irmãos após morrer e ressurgir (uma vez que fora introduzido no mundo sendo o Unigênito de Deus), todos os que entraram por Cristo foram predestinados a serem filhos de Deus **“Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”** ( Rm 8:29 ).

Sem a igreja, a assembleia dos primogênitos, não haveria como Jesus ser primogênito entre muitos irmãos. Em função do propósito de tornar Cristo preeminente em tudo, Deus criou uma nova categoria de homens semelhantes a Cristo, sendo Ele a cabeça. Para o primogênito ser preeminente, há a necessidade de irmãos semelhantes a Ele em tudo. Entre sublimes, Cristo é mui sublime. É neste sentido que Deus predestinou os que conheceram a Cristo para serem filhos por adoção, assunto diverso da ideia de predestinação para salvação ( Ef 1:5 ).

Todas as vezes que o apóstolo Paulo aborda a questão da predestinação, o faz em conexão com a filiação divina, de modo que, qualquer que entrar por Cristo, inexoravelmente será filho de Deus. Não há outro destino, ou destinação para aqueles que entram por Cristo: são filhos por adoção, portanto, santos e irrepreensíveis.

Uma má leitura das Escrituras que despreza o fato de que salvação não é o mesmo que filiação divina levará o leitor a considerar que o termo predestinação se aplica à salvação e à perdição, porém, o equivoco ocorre pode alcançar a salvação sem, contudo alcançar a condição de semelhante a Cristo, condição exclusiva para os que compõe o corpo de Cristo: a igreja.



Os homens salvos no milênio não farão parte da igreja, não serão filhos por adoção e nem serão semelhantes a Cristo. A Bíblia demonstra que, além de serem salvos da condenação estabelecida em Adão, por ser o corpo de Cristo, os que creem alcançaram a posição de semelhantes a Cristo, filhos de Deus, participantes da assembleia dos primogênitos, para que Cristo seja o primogênito e tenha a preeminência entre muitos irmãos.

A condição dos membros do corpo de Cristo na plenitude dos tempos ( Gl 4:4 ), a igreja, é completamente distinta dos salvos em outras épocas. O grande diferencial está no quesito filiação. Enquanto os salvos à parte da igreja são contados como filhos de Israel, os cristãos são contados como filhos de Deus, pois assim como Cristo é, os cristãos hão de vê-Lo e serão semelhantes a Ele. Por causa desta condição, à saber: a de semelhantes a Cristo, será dado à igreja a autonomia de julgar os anjos ( 1Co 6:2 -3).

## **O equilíbrio entre as figuras**

Há equilíbrio entre os elementos que compõem as figuras das duas portas e dos dois caminhos. Por exemplo: Como Cristo é a cabeça de uma geração de homens espirituais (servos da justiça), e é a porta estreita; a porta larga também se refere à cabeça de uma geração de homens, porém, de homens carnais, servos do pecado.

Para compreender melhor a figura das duas portas, é essencial compreender que em Cristo, Deus estabelece a sua justiça, de modo que, pela desobediência do primeiro Adão a penalidade da morte foi imposta e todos morreram e, pela obediência do último Adão, a ressurreição veio, portanto, todos que creem são vivificados ( 2Co 15:21 -22).

Ora, se a justiça está na obediência de Cristo e a injustiça na desobediência de Adão, a justiça de Deus é substituição de ato: obediência em lugar da desobediência.

Ora, os nascidos da desobediência são filhos da ira, da perdição; já os filhos da obediência são filhos de Deus.

A relação que há entre Jesus e Adão é nítida em Romanos 5, versos 14 à 19: “No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”.

Quando observamos os homens: Adão e Cristo, respectivamente, temos a figura e a imagem exata. Enquanto este trouxe a morte, aquele a vida. Enquanto Adão é o primeiro homem, Jesus é o último Adão. Enquanto Adão, que estava vivo, trouxe a condenação na morte, Jesus morreu e trouxe a redenção ( 1Co 15:45 -47).

## **O destino é atrelado ao caminho, e não aos homens**

Através das figuras dos dois caminhos, constata-se que os caminhos permanentemente estão atrelados a um lugar, um destino. Através da figura das duas portas verifica-se que os homens estão atrelados a uma condição decorrente do seu nascimento: perdição, em função do caminho largo que está.

Deus não mudará o destino dos caminhos (salvação e perdição) e nem a condição decorrente do nascimento (pecado e justiça), ou seja, há lugar de perdição e lugar de descanso e, perdidos e salvos. Mas, como a condição de nascimento pode ser alterada, Deus roga, pelos seus embaixadores, que os homens porfiem por entrar pela porta estreita “Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão” ( Lc 13:24 ); “De sorte que somos

embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamos-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus” ( 2Co 5:20 ).

A mensagem dos embaixadores de Cristo é de reconciliação ( 2Co 5:18 ). Na reconciliação há oportunidade, e não preordenação. Em Deus há liberdade, pois liberdade é pertinente ao Espírito de Deus. Se há liberdade diante do espírito que concede vida, certo é que nada foi preordenado quanto ao futuro dos homens, evidenciando assim a soberania e a justiça de Deus que a ninguém oprime “Ao Todo-Poderoso não podemos alcançar; grande é em poder; porém a ninguém oprime em juízo e grandeza de justiça” ( Jó 37:23 ).

O homem sem Cristo está separado de Deus em função do caminho, e não em função de um destino, sina, fado, preordenação, etc. “Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; porém o caminho dos ímpios perecerá” ( Sl 1:6 ); “E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” ( Is 30:21 ).

---

## **Deus endurece a quem quer?**

Deus não fica impassível diante de um coração contrito (Sl 51:17; Sl 34:18; Is 57:15), de modo que Ele demonstra misericórdia aos que O obedecem. Deus ama os que O amam (Dt 30:20; Pv 8:17), pois, guardar o mandamento, é o amor de Deus.

---

## **Deus endurece a quem quer?**

“Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer.” (Rm 9:18)

## Introdução

Como compreender a conclusão do apóstolo Paulo: *“Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer”*, que teve por base a passagem do Êxodo, em referência à palavra de Deus, anunciada a Faraó? (Rm 9:18)

*“Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.”* (Rm 9:17)

Unilateralmente, Deus salva a quem quer e condena a quem quer? O apóstolo Paulo estava tratando da salvação da humanidade, ao concluir que Deus endurece a quem quer?

Esse exercício é necessário por causa de ‘como lemos’ as Escrituras! Certa vez, um doutor da lei questionou Jesus, acerca do direito à vida eterna e Jesus respondeu:

*“E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lê?”* (Lc 10:26)

Há uma grande diferença entre o que está escrito e como se interpreta. O doutor da lei sabia o que estava escrito, porém, ao tentar justificar a si mesmo, demonstrou que desconhecia quem era o seu próximo. (Lc 10:29).

Como esse doutor da lei poderia ler, compreender e ensinar acerca da lei, se desconhecia quem era o seu próximo? Como alcançar a justiça da lei, sem saber quem é o próximo?

## A chave

*“Com o benigno te mostrarás benigno; e com o homem sincero te mostrarás sincero; com o puro te mostrarás puro; e com o perverso te mostrarás indomável.”* (Sl 18:25)

O rei Davi, no Salmo 18, demonstra que Deus se mostra misericordioso com quem é misericordioso. Davi utilizou o adjetivo [1]חַיִּיִּד (chaciyd), para descrever o homem que se sujeita a Deus como servo, obedecendo aos seus mandamentos e o verbo [2]חָסַד(chacad), para fazer referência a Deus, que demonstra misericórdia.

O profeta Davi bem sabia a quem Deus demonstra misericórdia, assim como o exposto no Deuteronômio:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Dt 5:10)

Semelhantemente, com o homem perfeito,[\[3\]](#) Deus se mostra perfeito[\[4\]](#). Como é possível ao homem ser perfeito? Ao falar com Abraão, Deus instruiu o patriarca a andar na Sua presença para alcançar tal posição:

“SENDO, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito.” (Gn 17:1; Dt 18:13).

Abraão tinha consciência de sua perfeição, pois, ele mesmo declara que andava na presença de Deus. (Gn 24:40).

“Porquanto, Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.” (Gn 26:5)

Basta sujeitar-se a Deus, obedecendo ao que Ele já declarou na Sua palavra, que o homem é perfeito: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça, ames a benignidade e andes, humildemente, com o teu Deus?” (Mq 6:8)

“Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6:36);

“Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” (Mt 5:48);

“Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; vem e segue-me.” (Mt 19:21)

Tiago declara que todos os cristãos tropeçam em muitas coisas, mas aquele que não tropeça na palavra da verdade é perfeito. (Tg 3:2)

Deus se evidencia justo, verdadeiro, sem mistura, ou seja, perfeito, para o homem que anda em sua presença, ou seja, que é perfeito. Com relação ao puro, Deus, também, se evidencia puro[\[5\]](#), ou seja, justo, bondoso.

No entanto, Deus se revela impossível[6], indomável, no sentido de não demonstrar a sua misericórdia, benignidade, ao homem que não se sujeita a Ele (perverso)[7].

Essa abordagem do Salmista é semelhante ao exposto pelo apóstolo Paulo:

“Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também, com ele viveremos; Se sofrermos, também, com ele reinaremos; se o negarmos, também, ele nos negará; Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo.” (2 Tm 2:11)

Deus não fica impassível diante de um coração contrito (Sl 51:17; Sl 34:18; Is 57:15), de modo que Ele demonstra misericórdia aos que O obedecem. Deus ama os que O amam (Dt 30:20; Pv 8:17), pois, guardar o mandamento, é o amor de Deus.

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 Jo 5:3).

O apóstolo João, ao dar essa declaração, interpreta Deuteronômio 30, verso 11:

“Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é difícil de mais e, tampouco, está longe de ti.” (Dt 30:11)

Dependendo de como o homem se posiciona diante do mandamento de Deus, há promessa de vida ou, de expectativa de morte:

“Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal; Porquanto, te ordeno hoje que ames ao SENHOR teu Deus, que andes nos seus caminhos, e que guardes os seus mandamentos, os seus estatutos e os seus juízos, para que vivas, e te multipliques e o SENHOR teu Deus te abençoe na terra, a qual entras a possuir. Porém, se o teu coração se desviar e não quiseres dar ouvidos e fores seduzido para te inclinares a outros deuses e os servires, Então, eu vos declaro hoje que, certamente, perecereis; não prolongareis os dias na terra a que vais, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuas.” (Dt 30:15-18)

A palavra do evangelho tem essa mesma característica:

“E em nada vos espanteis dos que resistem, o que para eles, na verdade, é

indício de perdição, mas, para vós, de salvação e isto, de Deus.” (Fl 1:28)

Isso porque aprouve a Deus salvar os que creem em Sua palavra, pois, Ele demonstra misericórdia aos que O amam, ou seja, lhe obedecem, no entanto, Deus, também, se revela zeloso, inflexível, ante os que não aquiescem à sua palavra:

“Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia, até mil gerações, aos que o amam e guardam os seus mandamentos. E retribui no rosto a qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto, lhe pagará.” (Dt 7:9-10);

“Não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até à terceira e à quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Dt 5:9-10);

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus, pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes, pela loucura da pregação.” (1 Co 1:21).

Deus é zeloso, ao retribuir a iniquidade sobre o ímpio e fiel, ao demonstrar a sua salvação aos que O amam.

Por causa dessa verdade exarada na lei, o Salmista, poeticamente, utilizando-se de paralelismos e figuras, faz uma descrição profética de como Deus age para com os homens: Ele é fiel, benigno e justo com os que lhe obedecem, porém, zeloso, ou seja, indomável, inflexível com aqueles que rejeitam a sua palavra.

“Com o benigno, te mostrarás benigno; e com o homem sincero, te mostrarás sincero; Com o puro, te mostrarás puro; e com o perverso, te mostrarás indomável.” (Sl 18:25).

Daí a máxima:

“Porém, ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êx 33:19).

De quem Deus tem misericórdia e se compadece? Do benigno, do sincero, do puro!

Qualquer pedido do homem, semelhante ao feito por Moisés, que tente mudar a fidelidade (amor) e o zelo (retribuição) de Deus, será inócuo (Dt32:32), pois Ele terá misericórdia de quem lhe apraz, ou seja, dos que O amam e se compadece de quem lhe apraz, dos que guardam o seu mandamento!

## **Endurece a quem quer**

Todos os versos que analisamos, até agora, demonstram a natureza de Deus e como Ele age para com os homens: misericórdia aos que O amam e retribuição aos que O odeiam.

É, através da análise desses textos, que o apóstolo Paulo chega à conclusão de que Deus se compadece de quem quer, logo, após, fazer alusão a Faraó:

**“Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer.”** (Rm 9:18)

Após afirmar que não há injustiça em Deus, apontando para Esaú e Jacó, o apóstolo cita o que foi dito a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer (Rm 9:13), porque Deus se compadeciu de Jacó, que havia adquirido o direito de primogenitura e rejeitou a Esaú como primogênito, visto ter desprezado o direito de primogenitura, vendendo-o, por um prato de lentilhas. (Gn 25:34)

De nada adiantou Esaú correr atrás da caça e querer a bênção, rogando a José, seu pai, se a bênção estava atrelada à primogenitura e ao primogênito. Deus exerce a sua misericórdia (Rm 9:16). Em Esaú e Jacó evidencia-se que o propósito de Deus, segundo a eleição, fica firme, não por causa das obras, mas pelo que chama.

Deus chamou o primogênito para o seu propósito e a bênção estava reservada para o primogênito. Embora as obras de Esaú, ao sair à caça de um animal cevado, tinha o viés de alcançar a bênção, o direito à bênção já havia sido decidido quando ele desprezou a primogenitura por um prato de lentilhas.

**“Mas, ao filho da desprezada, reconhecerá por primogênito, dando-lhe**



dobrada porção de tudo quanto tiver; porquanto, aquele é o princípio da sua força, o direito da primogenitura é dele.” (Dt 21:17).

Torna-se evidente o motivo pelo qual a eleição de Deus repousou sobre Jacó: o direito de primogenitura, porém, muitos alegam que não há como saber, como Deus elege alguém para o seu propósito. Esses alegam que o propósito de Deus se dá pela sua soberania, ou que a mente humana é pequena demais para compreendê-lo.

*“Ora, todos sabem que o amor e a ira de Deus não se assemelham às paixões humanas; porém, a questão com que ora nos defrontamos não requer que perguntemos como Deus ama ou odeia, mas, por que Deus ama ou odeia (...) O amor e a ira de Deus não estão sujeitos a alterações, conforme ocorre conosco. Em Deus, ambos são eternos e imutáveis. Foram fixados muito antes que o “livre-arbítrio” fosse possível. Vemos nisso, que nem o amor nem a ira de Deus esperam pela reação humana, mas antecedem à mesma. [...] O que poderia ter feito Deus amar a Jacó ou odiar a Esaú? Certamente, não por qualquer coisa que eles tivessem feito, pois a atitude de Deus para com eles foi estabelecida e declarada, antes mesmo de terem nascido e não havia muita atuação do “livre-arbítrio” naquela ocasião!”* Martinho Lutero, Nascido Escravo, pág. 81.

A Bíblia apresenta resposta às duas perguntas:

a) como Deus ama e odeia, e;

b) por que Deus ama e odeia.

O amor de Deus se evidencia em conceder o que é de direito ao homem e o seu ódio, em negar o que não é de direito ao homem. No caso de Jacó, Deus o amou, porque ele buscou para si o direito de primogenitura e odiou a Esaú, ou seja, não lhe concedeu o que não lhe era de direito.

Quando Deus tirou os filhos de Israel do Egito, não o fez por que eram melhores e mais justos que os povos que habitavam a terra prometida (Dt 9:4-6), antes, porque Deus os amava, ou seja, para guardar o juramento que fizera a Abraão, Isaque e Jacó.

“O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa

multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos, em número, do que eles; Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito. Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos. E retribui no rosto qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto lho pagará.” (Dt 7:7-10)

O termo ‘amor’ denota ‘honra’, não sentimento, de modo que Deus ama o que O honra e odeia aos que O desprezam.

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade, tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim, perpetuamente; porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque, aos que me honram honrarei, porém, aos que me desprezam, serão desprezados.” (1 Sm 2:30)

No caso de Esaú e de Jacó, pelo amor de Deus, já estava estabelecido para quem seria a bênção, antes mesmo que as crianças tivessem nascido ou, feito bem ou, mal: a bênção era para o primogênito. Esaú, de livre-vontade, desprezou o direito e Jacó, de livre vontade, buscou o direito para si, de modo que o amor de Deus não está atrelado ao arbítrio do homem, mas à sua palavra, que estabeleceu o direito do primogênito.

Deus se compadeceu de Jacó, porque ele buscou para si o direito de primogênito e Deus, sendo zeloso, não deu o que não era de direito a Esaú, rejeitando-o, por não ser o primogênito. A bênção da primogenitura não se dá por misericórdia, mas, por eleição, pois, na eleição, o propósito de Deus fica firme, não por causa das obras, mas pelo que chama.

O apóstolo cita as Escrituras, especificamente, com relação ao que foi dito a Faraó:

“Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.” (Rm 9:17).

Ora, faraó[8] foi levantado para Deus mostrar o Seu poder e o seu Nome ser

anunciado sobre a face da terra. O propósito de Deus era anunciar o seu nome e declarar o seu poder e escolheu um dos reis do Egito para isso. Como o propósito de Deus é firme e imutável, não importava o posicionamento de Faraó: Deus anunciaria o seu nome e declararia o seu poder.

Deus não elegeu uma pessoa específica, mas, um faraó, ou seja, o escolhido poderia ser qualquer rei do Egito. É significativo o fato de a Bíblia não trazer o nome do faraó à época do êxodo, o que demonstra que Deus não elegeu uma pessoa, mas, um rei.

Isso não significa que Deus havia rejeitado faraó, ao levantá-lo. Pelo contrário, se faraó se inclinasse em terra e reconhecesse que Deus é Deus, deixando o povo ir, o poder de Deus seria revelado e anunciado o seu nome em toda a terra. Do mesmo modo, como o propósito é firme, quando faraó não aquiesceu à ordem de Deus, Deus mostrou o seu poder e anunciou o seu nome sobre a face da terra, arrancando o povo com mão forte.

O que o apóstolo Paulo evidencia, ao citar a Faraó, não é a pessoa do rei do Egito, mas, a eleição de Deus, que é firme, por causa do propósito de Deus. Faraó, deixando ou não o povo ir, o propósito de Deus se efetivaria. Observe que o que está em análise não é o coração de Faraó, mas, o fato de Deus se compadecer de quem lhe apraz.

A longanimidade de Deus vem expressa em sua palavra, de modo que falou a faraó por dez vezes, sendo Deus longânime, como o foi nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca. A mesma água do mar vermelho que se abriu para os filhos de Israel, significando salvação, fechou-se sobre Faraó, significando, perdição, assim como nos dias de Noé, em que o mundo inteiro pereceu pela água e somente oito almas se salvaram pela água.

“...quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; Que, também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas, da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo.” (1 Pe 3:20-21).

Quando o apóstolo Paulo conclui, com base na palavra dita a faraó, que Deus se compadecer de quem quer, evidencia que Deus exerce misericórdia àqueles que

Lhe obedecem. O verso trata de como Deus se porta, não do homem.

“Logo, pois, Ele se compadece de quem quer...” (Rm 9:18)

Deus se compadece dos que O obedecem, ou seja, dos que O amam e para Deus exercer a sua misericórdia, Ele não faz acepção de pessoas.

Mas, com relação ao propósito de Deus, opera a eleição, pois o propósito de Deus permanece firme, independentemente, das pessoas envolvidas. Não importava se Esaú ou, Jacó, seriam abençoados, mas, sim, o propósito de Deus, segundo a eleição, que estabeleceu a primogenitura, como critério para conceder a bênção, tendo em vista a linhagem do descendente prometido a Abraão.

Semelhantemente, não importava quem era o faraó à época ou, se ele iria obedecer ou, não, o propósito pelo qual o faraó foi levantado, foi levado a efeito: Deus anunciou o seu nome ao mundo e mostrou o poder de Deus.

Isso significa que Deus ‘endureceu’[\[9\]](#) a faraó?

“Logo, pois Ele se compadece de quem quer e endurece a quem quer.” (Rm 9:18).

Definitivamente não! Deus não agiu sobre a vontade, influenciando a decisão de faraó, de modo a torná-lo recalcitrante. O verso não aponta uma pessoa que era o faraó, à época, e nem para os homens, mas, sim, para Deus, descrevendo-O como zeloso (indomável, impossível), quando o homem é perverso, desobediente.

Do mesmo modo que Deus é compassivo com quem quer, Deus é indomável com quem quer:

“ἄρα οὐδὲν θέλει ἐλεεῖν δὲ θέλει σκληρύνει” Westcott/Hort with Diacritics.

“Assim, pois (de) quem (ele) quer tem misericórdia, (a) quem [\[2\]](#) mas [\[1\]](#) quer endurece”. Novo Testamento Interlinear Grego-Português (SBB).

Os termos gregos ἐλεεῖ e σκληρύνει estão na terceira pessoa do singular, do tempo presente, modo indicativo e voz ativa. Os verbos na frase não contém outro sujeito além de Deus. É Deus que tem misericórdia de quem quer, e é Ele que é inflexível, ou seja, zeloso, com quem quer.

Através da língua grega, o apóstolo Paulo reproduz uma premissa imortalizada no

Livro do Êxodo, através de um paralelismo, que, em essência, é a repetição de uma ideia, recurso essencial às poesias hebraicas. Fazendo uma releitura do exposto no Êxodo a Moisés, Deus evidencia a verdade da sua misericórdia, através de um paralelismo sinômico:

“Porém, ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êx 33:19)

Se Deus tem misericórdia de quem lhe apraz, segue-se que Ele não se compadece de quem não lhe apraz, ou seja, Deus se endurece. Deus é fiel, ao ter misericórdia dos que O amam e guardam o seu mandamento (Dt 7:9-10) e Deus é zeloso, inflexível, se endurece, com aqueles que O odeiam (Dt 5:9-10). Essa ideia vem sendo desenvolvida nos versos 15 e 16, do capítulo 9 de Romanos e conclui-se no verso 18:

“Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece (...) Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece quem quer.” (Rm 9:15-16 e 18).

Em relação a Esaú e Jacó, Deus amou Jacó e odiou a Esaú. O termo ‘amor’ foi empregado no sentido de compadecer e o termo ‘ódio’, no sentido de endurecer, ou seja, com o perverso Deus se mostra indomável, duro, inflexível, o que se deu com Faraó.

“Eu vos tenho amado, diz o SENHOR. Mas vós dizeis: Em que nos tem amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o SENHOR; todavia amei a Jacó e odiei a Esaú; fiz dos seus montes uma desolação e dei a sua herança aos chacais do deserto.” (Ml 1:2-3)

Devemos considerar que Faraó se mostrou perverso ante a palavra de Deus, ou seja, endureceu[10] o seu coração. A Bíblia demonstra que “*o coração de Faraó se endureceu.*” (Êx.7:13-14 e Êx 8:19) e que Faraó “*continuou de coração endurecido*” (Êx 8:15). Quando Faraó se propunha a deixar o povo ir, Deus desviava a praga, mas, quando ele se endurecia, novamente, Deus enviava nova praga.

“E Faraó chamou a Moisés e a Arão e disse: Rogai ao SENHOR, que tire as rãs de mim e do meu povo; depois, deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao SENHOR (...) Vendo, porém, Faraó que havia alívio, continuou de coração endurecido e não os ouviu, como o Senhor tinha dito.” (Êx 8:8 e 15)

O termo hebraico קשה (qashah), traduzido por ‘endurecer’, em Êxodo 7, verso 3, não diz de uma ação sobrenatural de Deus, influenciando as decisões de Faraó, antes, a palavra que foi dita a Faraó: *‘Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto’* (Êx 5:1), fez de Faraó um obstinado.

Ao dar ordem a Faraó, por intermédio de um mensageiro: *‘Deixa ir o meu povo...’*, Deus endureceu o coração de Faraó e como Faraó não aquiesceu, Deus se mostrou zeloso, indomável, impossível.

Antes da palavra de Deus, o coração de Faraó não tinha disposição alguma, em relação a deixar ou, não, o povo de Israel ir a qualquer lugar que seja, mas quando ouviu que era necessário deixar ir o povo que pertencia a Deus, Faraó se endureceu pela proposta.

Onde está o espírito de Deus, aí há liberdade! (2 Co 3:17) Para o propósito que Faraó foi levantado, não era necessário Deus endurecer o coração de Faraó, pois o propósito de Deus seria levado a efeito se Faraó obedecesse, ou não. Desse modo, se Deus ‘endureceu’ o coração de Faraó para ser glorificado, de certo seria melhor ‘amolecer’ o coração de Faraó, pois assim também seria glorificado.

Mas, Deus não faz nenhuma ou, nem outra coisa, antes, dá liberdade ao homem e, por isso, Deus é longânime e espera que Israel se converta, quando o véu será tirado (2 Co 3:16). Deus apresenta ao homem a sua palavra e Deus agirá conforme a resposta que o homem der a ela.

Muitos, por não compreenderem a eleição de faraó, para explicá-la, se focam na ideia de que faraó não é uma pessoa boa e nem temente a Deus; que a sociedade egípcia era comandada por faraós que se achavam deuses, que escravizaram os filhos de Israel, que foram responsáveis por inúmeras mortes de criancinhas, etc.

*“A minha resposta é que, à parte da graça da eleição, Deus trata com os homens em consonância com a natureza deles. Visto que a natureza deles é maligna e perversa, quando Deus os impulsiona para que entrem em ação, seus atos são malignos e perversos.”* Martinho Lutero, Nascido Escravo,

pág. 73.

*“Deus não cria uma nova maldade no coração dos homens. Antes, Ele se utiliza do mal que já se encontra no coração deles, visando aos seus próprios, bons e sábios desígnios.”* Martinho Lutero, Nascido Escravo, pág. 74.

Deus não trata o homem em consonância com a índole ou moral, antes trata com os homens, através do estabelecido na sua palavra. A palavra de Deus é a medida e a ferramenta de Deus, de modo que Ele zela da sua palavra para cumpri-la. (Jr 1:12) É um equívoco achar que Deus utiliza o mal que há no coração do homem, para levar a efeito o Seu propósito.

Ora, a eleição de Deus é firme e não tem em vista se a pessoa fez bem ou mal, mas tem em vista a glória de Deus. O mesmo critério utilizado na eleição de Esaú e Jacó, quando Raquel concebeu de Isaque, sendo que as criancinhas nem tinham nascido e nem feito bem ou, mal, é o mesmo critério estabelecido sobre faraó, portanto, não tem em vista se ele era bom ou mal, ou se fez algum bem ou muitos males.

Pelo fato de desconhecerem que Deus tem misericórdia daqueles que O obedecem, ao lerem em Romanos 9, verso 18, que Deus “tem misericórdia de quem ele quer e endurece a quem ele quer”, muitos argumentam que faraó não tinha desculpa e era responsável por seu próprio pecado, quando Deus o ‘endureceu’.

Pelo fato de não compreenderem que Deus se apraz em exercer misericórdia aos que O amam, e que Deus disse que ‘tem misericórdia de quem quer’, para evidenciarem a Moisés o que já havia sido apregoado, anteriormente (Êx 33:19), compare-se com (Êx 20:6), em que não conseguem aceitar o que foi dito, acerca de faraó.

*“Por que Deus não altera a vontade perversa de pessoas como Faraó? Essa questão toca na vontade secreta de Deus, cujos caminhos são inescrutáveis. (Rm 11:33) Se alguém, que é orientado por sua razão humana, fica ofendido por causa disso, que assim seja. As queixas nada mudarão e os eleitos de Deus permanecerão inabaláveis. Poderíamos, também, perguntar por que Deus deixou que Adão caísse! Não devemos tentar estabelecer regras para Deus. Aquilo que Deus faz, não é correto porque o aprovamos, mas porque*

*Deus assim o desejou".* Idem.

Por que Deus deixou que Adão caísse? Resposta: - Porque Deus o orientou e lhe deu plena liberdade! Foi uma escolha deliberada de Adão, por ser livre. E, por que Deus não altera a vontade (perversa ou não) das pessoas? Por que os dons de Deus são irrevogáveis! Como Deus lida com a liberdade do homem não é segredo, ou, algo que as suas criaturas não possam compreender.

Com relação a Deus, o homem sempre é livre, sendo servo de Deus ou, não! Isso não significa que o homem não esteja livre de um senhor, pois, os que não estão sujeitos a Deus, estão sujeitos ao pecado.

A abordagem do capítulo 9 de Romanos, não tem em vista a salvação ou, a condenação do homem, mas, sim, a demonstração de que palavra de Deus não havia falhado (Rm 9:6). Agostinho, Lutero, Calvino, e muitos outros, com base em Romanos 9, debatem, acerca da salvação e da condenação, porém, o apóstolo Paulo estava demonstrando que, apesar de haverem muitas pessoas pertencentes a Israel, de fato elas não eram israelitas.

O fato de serem descendentes de Abraão não significava que eram filhos de Abraão (Rm 9:7), pois, em Isaque a descendência de Abraão AINDA seria chamada. Mas, se os filhos de Isaque fossem descendência de Abraão, não seria necessária a palavra de Deus a Rebeca: 'o maior servirá o menor', o que significa que Jacó e Esaú ainda não eram a descendência de Abraão, antes, que em Jacó seria chamada a descendência de Abraão (Rm9:12).

*"Porém, Deus disse a Abraão: Não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço e acerca da tua serva; em tudo o que Sara te diz, ouve a sua voz; porque, em Isaque será chamada a tua descendência."* (Gn21:12)

Há uma grande diferença, entre interpretar que Isaque era a descendência de Abraão e, assim, todos os seus filhos seriam bem-aventurados, entre interpretar que, em Isaque a descendência de Abraão seria chamada.

*"Nem por serem descendência de Abraão, são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência."* (Rm 9:7)

O apóstolo Paulo não estava dizendo que Deus, unilateralmente, salva quem quer e condena quem quer, por ser soberano, antes, que a palavra de Deus, com



relação à descendência prometida a Abraão, não havia falhado. Deus prometeu um descendente a Abraão, que viria por Isaque, o Cristo, e cumpriu a sua palavra a Abraão, quando disse: *'Por esse tempo virei e Sara terá um filho'*. (Rm 9:9)

Mas, de Isaque nasceram dois filhos: Esaú e Jacó e, de ambos, não seria chamada a descendência de Abraão, pelo que foi dito a Rebeca: *'o maior servirá o menor'*, pois havia dois povos no ventre de Rebeca. Neste caso, Deus elegeu a casa de Jacó e rejeitou a casa de Esaú, para chamar a descendência prometida a Abraão.

E qual o critério que Deus utilizou para escolher entre Esaú e Jacó? O direito de primogenitura, estabelecido conforme a sua soberania. Conclui-se que não há injustiça da parte de Deus (Rm 9:14) e que a palavra de Deus não havia falhado (Rm 9:6).

Há injustiça da parte de Deus, por ter amado a Jacó e aborrecido Esaú? De modo nenhum! Primeiro, Deus deu o que era de direito a Jacó, e, segundo, Deus manteve a sua palavra dada a Abraão, acerca do descendente!

Em momento algum, no capítulo 9 da carta aos Romanos, o apóstolo Paulo tratou de salvação ou, de perdição, antes destacou: a) como veio ao mundo o Salvador e; b) como Deus cumpriu a palavra anunciada a Abraão, acerca da descendência, que seria chamada em Isaque e que passou por Jacó.

A palavra de Deus não falhou para com Israel, visto que, no tempo presente, há um remanescente, mas segundo a eleição da graça:

*"Assim, pois, também, agora, neste tempo, ficou um remanescente, segundo a eleição da graça"* (Rm 11:5)

*"Também, Isaías clama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque ele completará a obra e abreviá-la-á em justiça; porque o Senhor fará breve a obra sobre a terra."* (Rm 9:27 -28).

Deus salva o homem por intermédio da mensagem do evangelho (loucura da pregação, fé), e não através da eleição, predestinação ou presciência. Os que creem (crentes) na mensagem do evangelho (loucura da pregação) são salvos, pois o evangelho é o poder de Deus para salvação dos que creem (Rm 1:16).

---

[1] “02623 חסיד (chaciyd) procedente de 2616; DITAT - 698b; adj 1) fiel, bondoso, piedoso, santo 1a) bondoso 1b) piedoso, devoto 1c) os fiéis (substantivo)”, Dicionário Bíblico Strong.

[2] “02616 חסד (chacaduma) raiz primitiva; DITAT - 698, 699; v1) ser bom, ser gentil 2a) (Hitpael), mostrar bondade para 2) ser reprovado, ser envergonhado 1a) (Piel) ser envergonhado, ser reprovado”, Dicionário Bíblico Strong.

[3] “08549 תמים (tamiym) procedente de 8552; DITAT - 2522d; adj. 1) completo, total, inteiro, são 1a) completo, total, inteiro 1b) total, são, saudável 1c) completo, integral (referindo-se ao tempo) 1d) são, saudável, sem defeito, inocente, íntegro fig. Figuradamente 1e) que está completa ou inteiramente de acordo com a verdade e os fatos (adj./subst. neutro)”, Dicionário Bíblico Strong.

[4] “08552 תמם (tamam) uma raiz primitiva; DITAT - 2522; v. 1) ser completo, estar terminado, acabar 1a) (Qal), 1a1) estar terminado, estar completo, 1a1a) completamente, totalmente, inteiramente (como auxiliar de outro verbo), 1a2) estar terminado, acabar, cessar, 1a3) estar completo (referindo-se a número), 1a4) ser consumido, estar exausto, estar esgotado, 1a5) estar terminado, ser consumido, ser destruído, 1a6) ser íntegro, ser idôneo, ser sem defeito, ser justo (eticamente), 1a7) completar, terminar 1a8) ser atravessado, completamente, 1b) (Nifal) ser consumido, 1c) (Hifil)”, Dicionário Bíblico Strong.

[5] “01305 ברר (barar) uma raiz primitiva; DITAT - 288; v 1) purificar, selecionar, polir, escolher, depurar, limpar ou, tornar brilhante, testar ou, provar, 1a) (Qal), 1a1) depurar, purificar, 1a2) escolher, selecionar, 1a3) limpar, deixar brilhante, polir, 1a4) testar, provar, 1b) (Nifal) purifi/car-se, 1c) (Piel) purificar, 1d) (Hifil), 1d1) purificar, 1d2) polir flechas, 1e) (Hitpael), 1e1) purificar-se, 1e2) mostrar-se puro, justo, bondoso”, Dicionário Bíblico Strong.

[6] “06617 פתל (pathal) uma raiz primitiva; DITAT - 1857; v. 1) torcer, 1a) (Nifal), 1a1) ser torcido, 1a2) lutar, 1b) (Hitpael), ser torcido”, Dicionário Bíblico Strong.

[7] “06141 עקש (iqqesh) procedente de 6140; DITAT - 1684a; adj. 1) torcido, deformado, torto, perverso, pervertido”, Dicionário Bíblico Strong.

[8] Faraó é a designação (título) que se atribuí aos reis (com estatuto de deuses)

no Antigo Egito, porém, à época o povo os chamava por nesu (“rei”) ou neb (“senhor”). Faraó decorre da tradução grega da Bíblia, que deriva da expressão egípcia per-aá, “a grande casa”, que a tradição entende como sendo referência ao palácio real, à sede do poder, mas a expressão pode fazer referência à linhagem dos faraós.

[9] “4645 σκληρυνωσ (kleruno) de 4642; TDNT - 5:1030, 816; v 1) tornar duro, endurecer 2) metáf. 2a) tornar obstinado, teimoso, 2b) ser endurecido, 2c) tornar-se obstinado ou, teimoso”, Dicionário Bíblico Strong.

[10] “07185 ησρ (qashah uma raiz primitiva; DITAT - 2085; v. 1) ser duro, ser severo, ser feroz, ser cruel 1a) (Qal), 1a1) ser duro, ser difícil, 1a2) ser rude, ser severo, 1b) (Nifal), 1b1) ser maltratado 1b2) ser oprimido 1c) (Piel), ter grandes dores de parto (referindo-se a mulheres), 1d) (Hifil), 1d1) tornar difícil, criar dificuldade, 1d2) tornar rigoroso, tornar fatigante, 1d3) endurecer, tornar obstinado, tornar teimoso, 1d3a) referindo-se a obstinação (fig.), 1d4) demonstrar teimosia”, Dicionário Bíblico Strong.

---

## **Terei misericórdia de quem me aprover!**

Perdoar o pecado do povo já era um pedido descabido por parte de Moisés, quanto mais a condição que estabeleceu: “...se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Êx 32:32). Ao fazer essa oração, Moisés desconsiderou completamente o que foi dito por Deus aos filhos de Israel, quando estavam acampados ao pé do monte Sinai.

---

# **Terei misericórdia de quem me aprouver!**

*“Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e terei compaixão de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer, nem do que corre, mas de Deus, que usa de misericórdia” (Romanos 9:15-16)*

Para compreender a palavra de Deus: “... terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êx 33:19), quando revelou a Sua glória a Moisés, temos de voltar alguns dias no tempo, no dia em que Deus anunciou a Lei aos filhos de Israel.

## **A idolatria dos filhos de Israel**

Três meses após saírem do Egito, os filhos de Israel chegaram ao deserto do Sinai e acamparam diante do monte (Êx 19:1). No terceiro dia, após o povo se santificar, Moisés subiu ao cume do monte, quando Deus lhe disse, abertamente:

*“Não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êx 20:6).*

Deus deixou muito claro ao povo de Israel que é Deus zeloso, ou seja, que vela sobre a sua palavra para cumpri-la (Jr 1:12). Isto posto, Deus dá a sua palavra de que não justifica o pecado daqueles que O odeiam, mas, que faz misericórdia aos que O amam, ou seja, aos que guardam os seus mandamentos.

Tomando por base a palavra de Deus dita a Moisés, no capítulo 20, verso 6, pergunta-se: - de quem Deus tem misericórdia? Deus tem misericórdia, única e exclusivamente, daqueles que O amam!

Essa verdade é inconspicável e enfatizada repetidas vezes:

*“Mas a misericórdia do SENHOR é desde a eternidade e até a eternidade sobre aqueles que o temem e a sua justiça sobre os filhos dos filhos; Sobre*

aqueles que guardam a sua aliança e sobre os que se lembram dos seus mandamentos, para os cumprir” (Sl 103:17-18);

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos” (Dt 5:10);

“Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia, até mil gerações, aos que o amam e guardam os seus mandamentos” (Dt 7:9);

“E orei ao SENHOR meu Deus, confessei e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos” (Dn 9:4).

Deus deixou estabelecido nas Escrituras que somente demonstra misericórdia aos que obedecem ao Seu mandamento, pois a misericórdia (amor) de Deus é que guardemos os seus mandamentos.

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1 Jo 5:3).

Após Moisés anunciar estas palavras ao ouvido dos filhos de Israel e eles votarem a uma só voz que obedeceriam tudo o que o Senhor ordenou (Êx 24:7), bastou Moisés se ausentar por quarenta dias e quarenta noites para os filhos de Israel transgredirem o mandamento, adorando um bezerro de ouro (Êx 32:1).

“Então disse o SENHOR a Moisés: Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir do Egito, se tem corrompido e depressa se tem desviado do caminho que eu lhe tinha ordenado; eles fizeram para si um bezerro de fundição e perante ele se inclinaram, ofereceram-lhe sacrifícios e disseram: Este é o teu deus, ó Israel, que te tirou da terra do Egito” (Êx 32:7-8).

## **Uma oração impossível de ser atendida**

No dia seguinte, após destruir o bezerro de ouro, Moisés subiu ao Senhor para rogar pelo povo e disse:

“Ora, este povo cometeu grande pecado fazendo para si deuses de ouro.

Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Êx 32:31-32).

Ora, segundo o que Deus já havia estabelecido: a) Deus visita a iniquidade dos que O odeiam, e; b) faz misericórdia aos que O amam, portanto, por esses dois motivos, a oração de Moisés, para perdoar o povo, não tinha como prosperar.

Em primeiro lugar Deus é Deus zeloso e a sua palavra não volta vazia. Em segundo lugar, Deus é justo, portanto, Ele não pode justificar o ímpio (Êx 23:7; Êx 34:7). Em terceiro lugar, a alma que pecar, essa mesma morrerá (Êx 32:33).

Perdoar o pecado do povo já era um pedido descabido por parte de Moisés, quanto mais a condição que estabeleceu: “...se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Êx 32:32). Ao fazer essa oração, Moisés desconsiderou completamente o que foi dito por Deus aos filhos de Israel, quando estavam acampados ao pé do monte Sinai.

Como os filhos de Israel pecaram contra o Senhor odiando-O, Deus determinou a Moisés que conduzisse o povo como o ordenado, porém, ficou estabelecido que, no dia da visitação, Deus haveria de dar aos filhos de Israel a paga pela ofensa no deserto (Êx 32:34-35).

## **Terei misericórdia dos que me amam**

Em seguida, Moisés roga a Deus que ande com os filhos de Israel (Êx 33:15), ao que Deus aquiesceu (Êx 33:17). Moisés roga a Deus que mostre a Sua glória, Deus atende ao pedido e dá um aviso solene:

“Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êx 33:19).

Embora Deus tenha concedido a Moisés ver a Sua glória, Moisés precisava compreender que Deus teria misericórdia de quem Lhe aprovesse! Para Moisés não se esquecer da palavra que havia sido anunciada ao povo, quando acampado ao pé do monte Sinai, evidenciar a Sua vontade e evitar equívocos, Deus utiliza um espécie de trocadilho.

De quem Deus tem misericórdia? Daqueles que O amam! Deus tem misericórdia dos que O obedecem! Aprove a Deus ter misericórdia dos que O amam! Quando é dito: **‘Terei misericórdia de quem me aprovar ter misericórdia’**, Deus está trazendo à memória a sua vontade expressa: aprove-me ter misericórdia dos que me amam!

De quem aprove a Deus ter compaixão? Dos que O amam, ou seja, daqueles que Lhe obedecem! Lembrando que, nas Escrituras, os termos amor e ódio, dependendo do contexto, estão respectivamente para obediência e desobediência, dedicação e desprezo.

**“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom”** (Mt 6:24).

Com base na ideia de que Deus tem misericórdia de quem ele quer, e de que Ele tem misericórdia dos que O amam, o apóstolo Paulo citou essa passagem, para enfatizar que Deus cumpriu a sua palavra anunciada a Abraão, mesmo que nem todos os pertencentes à nação de Israel sejam, de fato, israelitas (Rm 9:6-8).

**“Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; Nem por serem descendência de Abraão, são todos filhos”** (Rm 9:6-7).

O apóstolo destaca, desde o verso 7, que a palavra de Deus é firme e que, portanto, deve ser interpretada corretamente.

## **A descendência de Abraão**

Por que é necessária a interpretação? Porque, não basta ser descendente da carne de Abraão, para ser considerado filho de Abraão, pois, a palavra de Deus indicava que, em Isaque, seria chamada a descendência de Abraão, não, propriamente, em Abraão.

O apóstolo cita as Escrituras: **‘mas: em Isaque será chamada a tua descendência’** e, em seguida, dá a interpretação: **‘Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas, os filhos da promessa é que são contados como descendência’**.

Deus não afirmou que Isaque seria a descendência de Abraão, mas, que, em Isaque, a descendência seria chamada!

A palavra da promessa era: [‘Por este tempo virei e Sara terá um filho’](#), no entanto, essa não era a única palavra, pois, também, foi dito a Rebeca: [‘O maior servirá o menor’](#). E por que Deus disse a Rebeca que o maior serviria o menor? Resposta: - Porque Deus amou a Jacó e odiou a Esaú!

Dai a pergunta: há injustiça da parte de Deus, por que Ele disse que amou a Jacó e que odiou a Esaú? Ou, porque o maior servirá o menor? Ou, porque nem todos os que são de Israel são israelitas? Ou, porque, mesmo sendo descendência de Abraão, não eram todos seus filhos?

Para demonstrar que não há injustiça em Deus, nas perguntas formuladas acima (Rm 9:14), antes, que a palavra de Deus não falhou, o apóstolo Paulo cita a palavra de Deus a Moisés, demonstrando que Deus é Deus zeloso:

[“Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia”](#) (Rm 9:15).

Deus tem misericórdia, especificamente, dos que O amam, pois Ele teve misericórdia de Abraão, porque cumpriu todos os Seus mandamentos e, por isso, foi chamado de amigo de Deus.

[“Porquanto, Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis”](#) (Gn 26:5; Is 41:8).

Deus elegeu Abraão para ordenar a sua descendência (casa), a fim de que os seus descendentes guardem os mandamentos do Senhor e, em contra partida, o Senhor faria vir sobre Abraão, o que acerca dele havia falado, demonstrando, assim, que Deus tem misericórdia dos que obedecem à sua palavra.

[“E disse o SENHOR: Ocultarei eu a Abraão o que faço, visto que Abraão, certamente, virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra? Porque eu o tenho conhecido e sei que ele há de ordenar a seus filhos e à sua casa depois dele, para que guardem o caminho do SENHOR, para agir com justiça e juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado”](#) (Gn 18:17-19).



## Esau e Jacó

Se a promessa de Deus, dada a Abraão, tivesse se cumprido na palavra: “[Por este tempo virei e Sara terá um filho](#)”, seria desnecessária a palavra de Deus anunciada a Rebeca: “[O maior servirá o menor](#)”, que concebeu de Isaque, também, pai dos judeus (Rm 9:10).

O apóstolo Paulo também demonstra que a perspicácia de Rebeca em obedecer a Deus é semelhante à de Abraão e, por isso, foi dada a palavra a Rebeca: “[O maior servirá ao menor](#)”.

Ora, quando foi dito que o maior servirá ao menor, Deus não estava escolhendo entre indivíduos: Esau e Jacó, mas, sim, entre dois povos, o que contraria o pensamento calvinista e arminianista da eleição e da predestinação. Deus não estava escolhendo Jacó para a salvação, mas, determinando que o Cristo viria da sua descendência.

[“E o SENHOR lhe disse: Duas nações há no teu ventre e dois povos se dividirão das tuas entranhas e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor”](#) (Gn 25:23).

Pela palavra que ouviu, Rebeca não ficou passiva, mas, abordou o seu filho Jacó e o orientou a enganar seu próprio pai e, diante do medo que Jacó teve de uma possível maldição, ela se interpôs: “[Meu filho, sobre mim seja a tua maldição; somente obedece à minha voz, vá e traze-os](#)” (Gn 27:13) e, assim, garantiu que a bênção prometida a Abraão ficasse na casa de Jacó e não na casa de Esau (Mt 1:1-3).

Haveria injustiça em Deus, ao amar a Jacó e, em aborrecer a Esau? Não! Pelo fato de Esau ter desprezado o direito de primogenitura, ele não alcançou misericórdia, pois a misericórdia é para os que obedecem. Diferentemente, de Esau, Jacó alcançou misericórdia, porque [buscou para si](#) o direito de primogenitura. Esau não achou lugar de arrependimento porque só existe um primogênito, direito que ele vendeu a Jacó.

[“E ninguém seja devasso ou, profano, como Esau, que, por uma refeição, vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele, ainda, depois de herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que, com lágrimas o buscasse”](#) (Hb 12:16-17).

Deus não teve misericórdia de Esaú porque ele foi devasso, vez que profanou o estabelecido por Deus, quanto ao direito de primogenitura. Jacó, por sua vez, amou o estabelecido por Deus no direito de primogenitura e buscou o direito para si, comprando-o. E, por isso, foi recompensado pela sua diligência!

O apóstolo Paulo disse que desejava ser separado de Cristo, por amor aos seus irmãos, mas, o desejo do apóstolo não muda a palavra de Deus, de que Ele tem misericórdia dos que O amam (Rm 9:3). Esaú desejou herdar a bênção e, com lágrimas a buscou, mas, não achou lugar de arrependimento. Moisés queria que Deus exercesse misericórdia sobre os filhos de Israel, mas, o exercício da misericórdia de Deus, não dependia de Moises querer ou correr, mas de Deus, que usa de misericórdia para os que O amam, ou, seja, aos que guardam o seu mandamento.

[“Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e terei compaixão de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer, nem do que corre, mas de Deus, que usa de misericórdia”](#) (Rm 9:15-16).

## **Os crentes e a loucura da pregação**

Da mesma forma que Deus tem misericórdia de quem Ele aprouver, aprouve a Deus salvar os crentes, pela loucura da pregação:

[“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve, a Deus, salvar os crentes, pela loucura da pregação”](#) (1 Co 1:21).

Não aprouve a Deus salvar a quem Ele quisesse pelo fato de ser soberano, antes, soberanamente, aprouve a Ele salvar os crentes, por meio do evangelho. O evangelho é a graça de Deus, segundo a sua misericórdia, e para o homem ser salvo, é necessário amar a Deus, crendo em Cristo.

Ao crer em Cristo, o homem ama a Deus, portanto, [Deus terá misericórdia de quem crê](#) em Cristo, pois, ele obedeceu ao mandamento de Deus:

[“Pois o mesmo Pai vos ama, visto como vós me amastes e crestes que saí de](#)

Deus” (Jo 16:27).

A misericórdia de Deus é manifesta no seu mandamento, possibilitando ao homem obedecer e ser salvo. Obediência ao mandamento resulta na perfeita obra de Deus.

“Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6:29);

“Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente. Deste um mandamento que me salva, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza” (Sl 71:3).

Quando Deus disse a Faraó: “Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra” (Rm 9:18; Êx 9:16). Assim, Deus já tinha demonstrado a sua misericórdia, ao ordenar: - “Deixa o meu povo ir”, mas, Faraó se recusou a obedecer.

Através da palavra do Senhor dada a Faraó, conclui-se que Ele compadece de quem quer, ou seja, dos que obedecem à sua palavra. Logo, Ele endurece, ou, resiste a quem quer, ou seja, aos soberbos, aos desobedientes, etc.

“Logo, pois, compadece-se de quem quer (quem lhe apraz) e endurece a quem quer (quem não lhe apraz)” (Rm 9:18);

“Antes, ele dá maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4:6; 1 Pe 5:5).

A palavra de Deus, para alguns, é salvação e para outros, perdição:

“E, em nada vos espanteis dos que resistem, o que para eles, na verdade, é indício de perdição, mas, para vós, de salvação, e isto de Deus” (Fl 1:28).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto